

UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO  
CENTRO DE ARTES  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ARQUITETURA E URBANISMO

JULIANO MOTTA SILVA

**ASPECTOS DE PAISAGEM, MEMÓRIA E ESQUECIMENTO DE UM  
RIO URBANO: LEMBRANÇAS DO RIO MARINHO (ES)**

Vitória  
2017

UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO  
CENTRO DE ARTES  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ARQUITETURA E URBANISMO

JULIANO MOTTA SILVA

**ASPECTOS DE PAISAGEM, MEMÓRIA E ESQUECIMENTO DE UM  
RIO URBANO: LEMBRANÇAS DO RIO MARINHO (ES)**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal do Espírito Santo (PPGAU-UFES), como requisito final para obtenção do grau de Mestre em Arquitetura e Urbanismo.

Orientador: Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Eneida Maria Souza Mendonça

Vitória  
2017

Dados Internacionais de Catalogação-na-publicação (CIP)  
(Biblioteca Setorial do Centro de Artes da Universidade Federal do  
Espírito Santo, ES, Brasil)

---

Silva, Juliano Motta, 1988-  
S586a Aspectos de paisagem, memória e esquecimento de um rio  
urbano : lembranças do Rio Marinho (ES). / Juliano Motta Silva. –  
2017.  
140 f. : il.

Orientador: Eneida Maria Souza Mendonça.

Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) –  
Universidade Federal do Espírito Santo, Centro de Artes.

1. Rios. 2. Planejamento urbano. 3. Memória coletiva. 4.  
Paisagens culturais. 5. Vitória, Região Metropolitana de (ES). I.  
Mendonça, Eneida Maria Souza. II. Universidade Federal do  
Espírito Santo. Centro de Artes. III. Título.

CDU: 72

---

Elaborado por Cynthia de Andrade Bachir – CRB-6 ES-485/O

JULIANO MOTTA SILVA

**"ASPECTOS DE PAISAGEM, MEMÓRIA E ESQUECIMENTO DE UM  
RIO URBANO: LEMBRANÇAS DO RIO MARINHO – ES"**

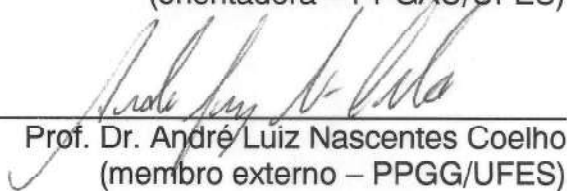
Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em  
Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal do Espírito  
Santo, como requisito final para a obtenção do grau de Mestre em  
Arquitetura e Urbanismo.

Aprovada em 12 de dezembro de 2017.

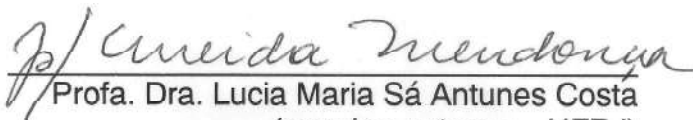
Comissão Examinadora



Profa. Dra. Eneida Maria Souza Mendonça  
(orientadora – PPGAU/UFES)



Prof. Dr. André Luiz Nascentes Coelho  
(membro externo – PPGG/UFES)



Profa. Dra. Lucia Maria Sá Antunes Costa  
(membro externo – UFRJ)  
(via videoconferência)



Dedico este trabalho à Ignácia Magdalena Laranja, ou “Dona Ignacinha”, que, aos 91 anos, ainda sonha em ver o Rio Marinho recuperado.

## AGRADECIMENTOS

Chegamos ao fim de uma caminhada. Olhando para trás, revejo todo o percurso realizado, que se iniciou cinco anos atrás. Eu não poderia deixar de iniciar esses Agradecimentos sem mencionar o período de realização do meu trabalho de conclusão de curso em Arquitetura e Urbanismo, no ano de 2012, quando contei com a orientação do Prof. Dr. Marco Antônio Cypreste Romanelli na construção de proposta de revitalização para o Rio Marinho.

Em 2016, quando retornei a Universidade Federal do Espírito Santo (UFES), por meio do Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo (PPGAU), tive a oportunidade de ser orientado, novamente, pela Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Eneida Maria Souza Mendonça. Fui seu aluno de iniciação científica entre os anos de 2009 e 2011, e a ela agradeço por me fazer sentir o gosto de ser um pesquisador da cidade. Durante a realização do Mestrado, pude contar amplamente com a sua parceria, com suas “correções cirúrgicas”, sempre acertadas. Por isso, deixo o meu Muito Obrigado para a Professora Eneida.

Agradeço também:

Aos professores Dr. André Luiz Nascentes Coelho e Dr<sup>a</sup>. Lucia Maria Sá Antunes Costa, pelas valiosas contribuições dadas no exame de qualificação e pela gentileza em participar desta banca.

À Universidade Federal do Espírito Santo (UFES), ao Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo (PPGAU) e ao Núcleo de Estudos em Arquitetura e Urbanismo (NAU), pelo suporte institucional e pela infraestrutura que tornaram esta pesquisa possível.

Ao Arquivo Público do Estado do Espírito Santo (APEES), onde pude contar com as contribuições do historiador Tiago Alves, fundamentais para o desenvolvimento da pesquisa histórica.

Aos amigos Everton Patuzzo Silva, pela ajuda na elaboração de mapas analíticos; e Felipe Farid Monfardini Sad, pela tradução do resumo desta dissertação.

Aos entrevistados, pelos relatos emocionados de suas lembranças do Rio Marinho.

À minha mãe, Neuzeli de Carvalho Motta Silva, pelas nossas conversas sobre cidade, sociedade, política, etc.; e ao meu pai, Luiz Alberto Silva, pela sua parceria nos levantamentos de campo e pelas muitas histórias que contou sobre sua infância, que me motivaram a pesquisar o Rio Marinho.

E, finalmente, agradeço a Deus, pois sem Ele nada disso seria possível.

## RESUMO

No Brasil, a relação das cidades com seus cursos d'água é um conflito histórico. Essa problemática também é verificada no Rio Marinho, um pequeno rio situado entre os municípios de Cariacica e Vila Velha, na região metropolitana de Vitória/ES. Verificam-se indícios de que as primeiras transformações na paisagem do rio datam do século XVI, à época da colonização portuguesa no Espírito Santo. Ao longo de sua história, o Marinho prestou-se à navegação, captação de água potável e subsistência de famílias que habitavam suas margens até meados do século XX, quando passou por um intenso processo de urbanização. Como consequência desse processo, sua paisagem foi severamente transformada, culminando na situação atual de degradação ambiental. Nesse sentido, busca-se verificar em que medida a urbanização e a consequente transformação da paisagem vem provocando o distanciamento e o esquecimento das pessoas com relação a este rio. A metodologia da pesquisa utilizou-se de fontes primárias, com vistas à organização da história do rio de maneira cronológica, marcando as mudanças ocorridas na sua paisagem. Além disso, por meio da história oral, em entrevistas semi-estruturadas, registrou-se as lembranças de antigos moradores que presenciaram os tempos vívidos do rio. Muitas dessas lembranças, que estavam esquecidas no campo da memória, puderam ser resgatadas. Busca-se, então, desnudar a história de um rio que teve grande contribuição para a formação da região metropolitana de Vitória.

Palavras-chave: Rios. Planejamento urbano. Memória coletiva. Paisagens culturais. Região Metropolitana de Vitória (ES).

## **ABSTRACT**

In Brazil, the relationship between cities and their water bodies is an historical conflict. This problem is also verified in Marinho's River, a small river between Cariacica and Vila Velha located in Vitória's metropolitan region. There are evidences that the first changes in the river's landscape are dated from the 16<sup>th</sup> century, at the time of Portuguese colonization of Espírito Santo. Throughout its history, the Marinho's River was able to be used as navigation, capture of potable water and as subsistence for families that inhabited its margins until the middle of the 20<sup>th</sup> century, when it underwent an intense process of urbanization. As a consequence of this process, the river's landscape was severely transformed, culminating in the current situation of environmental degradation. In this meaning, this thesis aims to verify how urbanization and the consequent transformation of the landscape has caused the disconnexion and the forgetfulness of the people related to this river. The methodology used was based in primary sources, organizing the river's history in a chronological way, marking the changes that occurred in its landscape. Besides that, through oral history organized in semi-structured interviews, the memories of former residents who witnessed the vivid times of the river were recorded. Many of these personal memories which were forgotten could be rescued. This thesis seeks to uncover the history of a river that had a great contribution to the formation of Vitória's metropolitan region.

**Keywords:** Rivers. Urban planning. Collective memory. Cultural landscapes. Metropolitan Region of Vitória (ES).

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Localização do Rio Marinho. ....	13
Figura 2 - Suposição do percurso natural do Rio Marinho. ....	37
Figura 3 – Localização de Araçatiba e Vitória, com destaque para os rios Jacarandá, Jucu e Marinho. ....	39
Figura 4 – Destaque para a ligação dos rios Jucu e Marinho. ....	40
Figura 5 – Mapa da Província do Espírito Santo, de 1873, com destaque para o Rio Marinho, apresentado em sua totalidade no Anexo I. ....	44
Figura 6 – Planta de Vitória de 1896, com destaque para a foz do Rio Marinho. ....	47
Figura 7 – Ponte da Estrada de Ferro Vitória-Minas, sobre o Rio Marinho, em 1907. ....	48
Figura 8 – Detalhe da “Planta da Ilha da Victoria, do Acoradouro e Barra”, de 1927-1928. ....	49
Figura 9 - Montagem da Pone Florentino Avidos, em 1927. A seta azul indica a foz do Rio Marinho. ....	50
Figura 10 – Fotografia do projeto original da ponte sobre o Rio Marinho, de 1922. ....	51
Figura 11 – Ponte sobre o Rio Marinho. ....	52
Figura 12 – Recorte da revista “O Malho”, de 1908. ....	52
Figura 13 – Praticantes de remo no Rio Marinho em 1913. ....	53
Figura 14 - Bairros surgidos nas décadas de 1920 e 1930. ....	54
Figura 15 – Casas populares em Jardim América. ....	55
Figura 16 - Localização da COFAVI e Jardim América, surgidos na década de 1940. ....	56
Figura 17 - "Estudos para localização de estaleiros destinados à construção de navios para transporte de ferro e carvão". ....	57
Figura 18 - Anúncio de fim de ano da Imobiliária Cobilândia. ....	57
Figura 19 - Localização de Cobilândia, com destaque para a Rod. Carlos Lindenberg. ....	58
Figura 20 - Ampliações do mapa da Figura 17, comparando Cobilândia e a área central de Vitória. ....	59
Figura 21 - Ampliação do mapa da Figura 17, destacando o mangue e os meandros do Rio Marinho. ....	59
Figura 22 – Localização da casa de bombas, com destaque para o canal retificado e o curso original do Rio Marinho. ....	60
Figura 23 – Rios retificados após intervenções do DNOS. ....	61
Figura 24 - Detalhe de mapa elaborado em 1968, com destaque para a retificação no trecho final do Rio Marinho. ....	62
Figura 25 - Foz do Rio Marinho na década de 1930, com destaque para o manguezal. ....	63
Figura 26 - Foz do Rio Marinho em 1961. ....	63
Figura 27 - Vista do Rio Marinho na altura da Ponte do Camelo, em abril de 1956. ....	64
Figura 28 - Vista aérea da foz do Rio Marinho, em 1967. ....	65
Figura 29 - Ocupação às margens do Rio Marinho, entre os bairros Nova América e Vasco da Gama. ....	68
Figura 30 - Vista da Segunda Ponte, com a Ponte Florentino Avidos em segundo plano, 2016. ....	69
Figura 31 - Ocupação no bairro Rio Marinho, em Cariacica. ....	70
Figura 32 – “Os migrantes continuam chegando ao bairro Rio Marinho”. ....	71

Figura 33 - Bairro Rio Marinho (Cariacica), em 1982.....	71
Figura 34 - Fotografia publicada no jornal "A Gazeta" em 27/04/1988. ....	72
Figura 35 – Imagens aéreas de 1971 e 1990, com destaque para o bairro Rio Marinho (Cariacica). ....	73
Figura 36 – Poluição do ar causada pela Cofavi, em Jardim América. ....	75
Figura 37 – As modificações da geomorfologia do Rio Marinho, em três momentos da história.....	77
Figura 38 – Fotografias de alagamentos em bairros que fazem parte da bacia Rio Marinho. ....	78
Figura 39 - Rio Marinho, com destaque para os trechos de levantamento fotográfico.....	79
Figura 40 – Trecho 01, entre a Baía de Vitória e a Ponte do Camelo. ....	80
Figura 41 – Vistas fotografadas a partir da ponte localizada na foz do Rio Marinho. ....	81
Figura 42 – Vista do Rio Marinho em direção à foz, a partir da Ponte do Camelo.....	81
Figura 43 – Trecho 02, entre a Ponte do Camelo e a cabeceira da 2ª Ponte. ....	82
Figura 44 – Vista da Ponte Preta (E.F. Leopoldina), com o bairro Cobi em segundo plano..	82
Figura 45 – Vista do Rio Marinho na direção sul, a partir da Ponte Preta. ....	83
Figura 46 – Vista para a Ponte Preta, tendo em primeiro plano a confluência do curso original com o canal aberto em 1956. ....	83
Figura 47 – Trecho 03, entre a cabeceira da 2ª Ponte e a antiga estação de captação de água.....	84
Figura 48 - Vista do Canal Marinho, em Nova América. ....	84
Figura 49 - Vistas do curso original do Marinho, fotografadas a partir da ponte que liga os bairros Nova América e Vasco da Gama. ....	85
Figura 50 - Vista do leito original do Marinho, praticamente sem fluxo de água. ....	85
Figura 51 – Trecho 04, entre a antiga estação de captação de água e a ponte da Rua Guaraná. ....	86
Figura 52 - Bairros de Vila Velha que são drenados pelos rios Marinho e Aribiri.....	87
Figura 53 – Vista aérea dos canais Marinho e Aribiri, na altura de Cobilândia.....	87
Figura 54 - Vista aérea do Rio Marinho, com destaque para o antigo local de captação de água. A partir desse local, inicia-se o Canal Aribiri, identificado na fotografia anterior. ....	88
Figura 55 - Lançamento de esgoto in natura no Rio Marinho, na altura de Sotelândia.....	88
Figura 56 - Leito original do Rio Marinho, entre Cobilândia e Sotelândia. ....	89
Figura 57 - Leito original do Rio Marinho, em área remanescente da ocupação de 1988.....	89
Figura 58 – Trecho 05, entre a ponte da Rua Guaraná e a região onde estão sendo concluídas as obras da Rod. Leste-Oeste. ....	90
Figura 59 - Vista do Córrego Campo Grande em direção à foz, no Rio Marinho. ....	90
Figura 60 - Aspecto da ponte da Rod. Leste-Oeste. ....	91
Figura 61 - Vista do Rio Marinho na direção norte, a partir da nova ponte. ....	91
Figura 62 - Vista a partir do bairro Rio Marinho para área remanescente da Fazenda Rio Marinho. ....	92
Figura 63 - Vista do Rio Marinho na direção sul, a partir da nova ponte. ....	92
Figura 64 - Vista do Rio Marinho em 2012, com o bairro Rio Marinho em segundo plano....	93
Figura 65 - Vista do Córrego Jardim de Alah coberto pela vegetação, a partir da foz no Marinho. ....	93
Figura 66 – Trecho 06, da Rod. Leste-Oeste a foz do Córrego Jardim de Alah.....	94

Figura 67 - Na foz do Córrego Jardim de Alah, o Marinho também está coberto pela vegetação. ....	94
Figura 68 – Trecho 07, entre a foz do Córrego Jardim de Alah e a Estrada do Dique. ....	95
Figura 69 - Vista da Estrada do Dique, em 2012, com o Rio Marinho coberto por vegetação aquática.....	96
Figura 70 - Cinco anos depois, o Marinho continua coberto por vegetação aquática. ....	96
Figura 71 – Trecho 08, na região onde se inicia o Rio Marinho, em Caçaroca. ....	97
Figura 72 - Vista do corte de morro, feito pelos jesuítas na primeira metade do século XVIII. ....	97
Figura 73 - Vistas de estrada rural situada entre a foz do Rio Formate e o Rio Jucu.....	98
Figura 74 - Visão panorâmica da barreira existente entre os rios Marinho e Jucu. ....	98
Figura 75 - Vista aérea da construção da ponte sobre o Rio Marinho, 2017. ....	99
Figura 76 - Revista "Uma Aventura na História do Rio Marinho", págs. 01, 08 e 16. ....	100
Figura 77 - Simulação gráfica da revitalização do Rio Marinho.....	101
Figura 78 - Proposta de linha do tempo para o Rio Marinho. ....	103
Figura 79 - Mapa de localização dos entrevistados.....	108
Figura 80 - Recorte do jornal "A Província do Espírito Santo", de 01/07/1885. ....	113
Figura 81 - Inundação do Rio Marinho na década de 1950. ....	116
Figura 82 - Localização da Pedra Macella, com destaques para o leito original do Rio Marinho (azul) e Estrada de Ferro Leopoldina (laranja). ....	118
Figura 83 - Vista da Pedra Macella, com construções e asfalto.....	119
Figura 84 – Vista do Rio Marinho, com bairro Cobi e parte da Ponte Preta aparecendo em segundo plano, na década de 1950. ....	120

## SUMÁRIO

CAPÍTULO 1. INTRODUÇÃO .....	13
1.1. Materiais e métodos.....	15
1.2. Sumário comentado .....	18
CAPÍTULO 2. A PROBLEMÁTICA DOS RIOS URBANOS.....	20
2.1. A água .....	20
2.2. Os rios .....	23
2.3. Considerações sobre paisagem.....	25
2.4. A problemática dos rios urbanos.....	27
2.5. Considerações sobre memória e esquecimento .....	33
CAPÍTULO 3. ASPECTOS HISTÓRICOS DO RIO MARINHO .....	36
3.1. A abertura do canal pelos jesuítas.....	38
3.2. O Rio Marinho no Século XIX.....	43
3.3. O Rio Marinho no começo do Século XX .....	48
3.4. O início da urbanização .....	54
3.5. De 1956 a 1977: O período da captação de água e das retificações .....	60
3.6. O Rio Marinho Pós-1977 .....	66
CAPÍTULO 4. O RIO MARINHO NO SÉCULO XXI.....	77
4.1. Aspectos atuais do Rio Marinho.....	79
4.2. A Rodovia Leste-Oeste e a “nova rota de desenvolvimento” .....	98
4.3. Perspectivas para a recuperação do Rio Marinho .....	100
4.4. Linha do tempo: Fatos históricos do Rio Marinho (1535-2017) .....	102
CAPÍTULO 5. LEMBRANÇAS DO RIO MARINHO.....	104
5.1. O resgate da memória por meio de entrevistas com pessoas-chave .....	105
5.2. Descrições da paisagem do século XIX.....	109
5.3. Lembranças da paisagem na primeira metade do Século XX .....	114
5.4. Lembranças do início da urbanização.....	120
5.5. O tempo das ocupações informais .....	124
5.6. O antigamente e o hoje.....	126
5.7. “Você acha importante a recuperação do Rio Marinho? Por quê?” .....	128
CAPÍTULO 6. CONSIDERAÇÕES FINAIS .....	131
REFERÊNCIAS .....	136



## CAPÍTULO 1. INTRODUÇÃO

O Marinho é um rio de aproximadamente oito quilômetros de extensão, que percorre o território no sentido sul-norte, desde o Rio Jucu até sua foz na Baía de Vitória, promovendo o limite entre os municípios de Cariacica e Vila Velha (Figura 1). Este pequeno rio foi de grande importância para a capital capixaba, desde o século XVIII, numa época em que a ilha de Vitória necessitava ser abastecida por gêneros agrícolas e água potável.

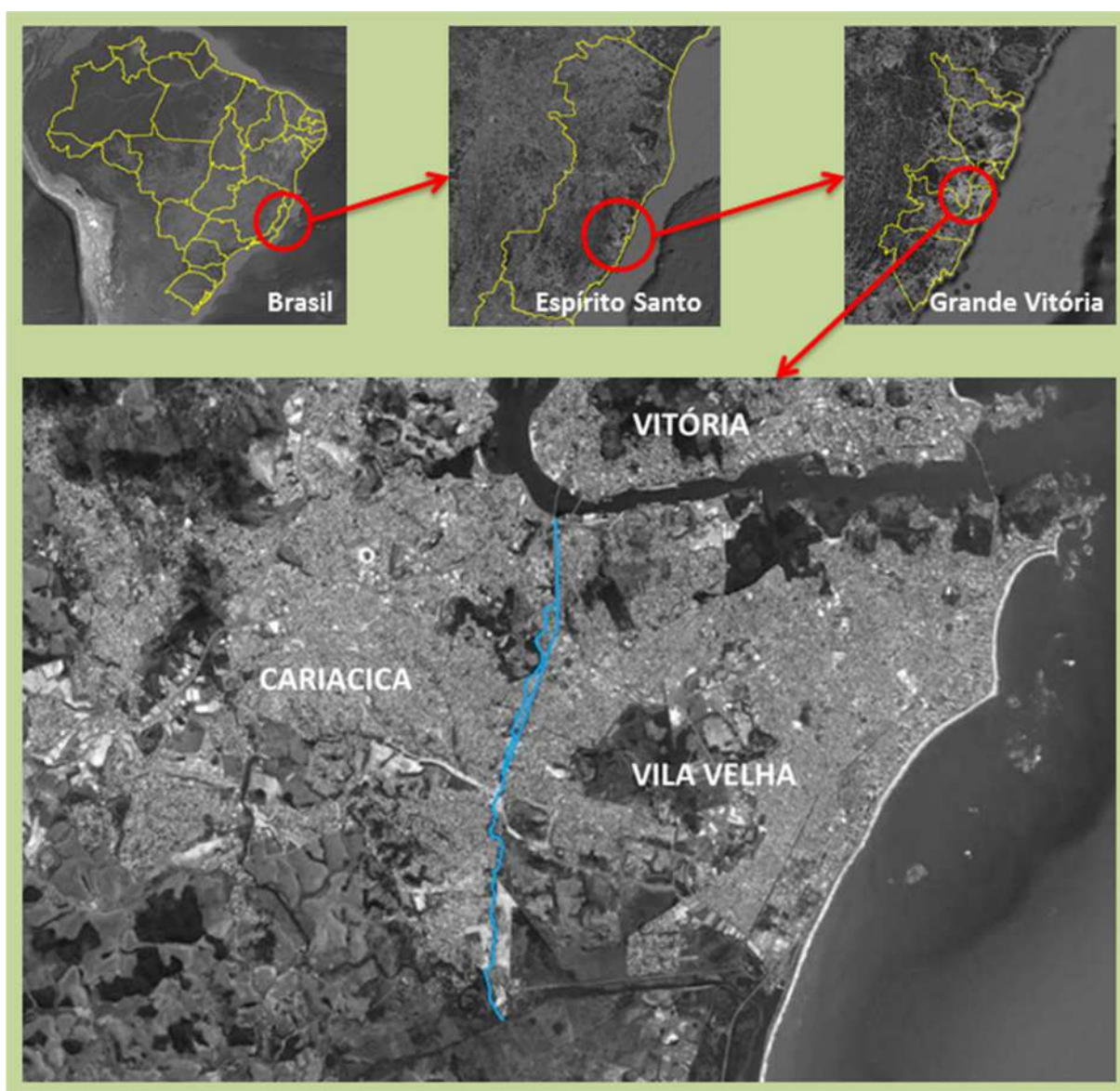


Figura 1 - Localização do Rio Marinho.  
Fonte: Google Earth, modificado pelo autor.

A relação entre os núcleos urbanos e seus cursos d'água é muito antiga, desde a formação das primeiras cidades do Brasil colonial. Segundo Costa (2006), mesmo as cidades construídas à beira-mar, como é o caso de Vitória, tinham uma estreita relação com seus rios.

Entretanto, a coexistência entre meio urbano e rede hídrica não ocorreu de forma harmônica. As cidades brasileiras cresceram e se desenvolveram economicamente sem considerar a conservação das águas como recurso natural e paisagístico. De norte a sul, em função do processo de urbanização, aterraram-se mangues, ocuparam-se várzeas, retificaram-se meandros dos rios.

Essa forma de construir cidades vem trazendo como consequência não apenas a degradação ambiental pela ocupação de mangues, várzeas e margens de rios e córregos, mas também vem reafirmando nossa histórica desigualdade social, pois essas áreas vêm sendo ocupadas, em sua maioria, por populações que não possuem acesso à moradia digna. Por outro lado, cabe ressaltar que áreas ambientalmente frágeis também são ocupadas por pessoas de alta renda, em áreas ocupadas irregularmente, ignorando as legislações acerca do tema em prol de uma bela vista a partir das janelas de suas mansões. Verifica-se que a construção da região metropolitana de Vitória e, mais especificamente, o desprezo ao Rio Marinho, também são caracterizadas por esse modelo perverso de urbanização.

A influência familiar motivou o autor desta dissertação a pesquisar sobre o Rio Marinho. Seu pai, Luiz Alberto Silva, foi nascido e criado no bairro de Cobilândia (Vila Velha), situado às margens do Rio Marinho. Desde sua infância, o autor conviveu com o rio na sua situação atual de degradação, mas também ouviam-se as memórias contadas por seu pai, dos tempos vívidos do rio, quando era possível tomar banho, pescar, lavar roupas, navegar, etc. As primeiras atividades de pesquisa com o Rio Marinho iniciaram-se em 2012, durante a realização de trabalho de conclusão de curso – à época o objetivo era a elaboração de proposta projetual para a recuperação do rio.

Por meio de pesquisas já realizadas pelo autor (Silva, 2013) e, também, durante a continuidade das pesquisas para o desenvolvimento desta dissertação, verificou-se que o Rio Marinho possui uma rica história de contribuição para a formação da cidade e região metropolitana de Vitória, mas que foi negligenciada. Na bacia do Rio

Marinho, o homem interveio conforme seus interesses: inicialmente interligou seu curso ao Rio Jucu para escoamento da produção agrícola; utilizou-se do rio para captação de água potável; retirou-se areia para construção civil; retificou seu leito para implantação de áreas industriais; ocupou suas margens em um processo de urbanização sem planejamento adequado. As transformações da paisagem que resultaram na atual forma do território, bem como na relação das pessoas com o rio, justificam o interesse no desenvolvimento deste trabalho.

Nesse sentido, o objetivo geral desta dissertação é verificar em que medida a urbanização e a consequente transformação da paisagem vem provocando o distanciamento e o esquecimento das pessoas com relação ao Rio Marinho. A fim de comprovar esta questão, apresentam-se os seguintes objetivos específicos:

(1) Estruturar cronologicamente sua história, por meio da utilização de livros, relatórios de governo, documentos, mapas antigos, buscando identificar os fatos que marcaram as transformações na paisagem do rio, seja de forma direta ou indireta;

(2) Resgatar valores, que vem sendo perdidos, de identidade e memória nas lembranças de antigos moradores que no passado mantinham relações com o rio;

(3) Verificar perdas, permanências e potencialidades, a fim de identificar em que medida o Rio Marinho pode ser considerado um referencial na paisagem.

### **1.1. Materiais e métodos**

A metodologia empregada para atingir os objetivos estabelecidos, iniciou-se pela revisão das pesquisas já executadas para o trabalho de conclusão de curso elaborado pelo autor em 2012. Além da atualização e complementação das leituras já utilizadas, destaca-se a realização de novos estudos, com vistas ao entendimento de conceitos como paisagem, memória e esquecimento. A reunião desses trabalhos científicos permitiu a apreensão dos processos históricos, políticos e econômicos que envolvem a formação da sociedade e que resultam na atual forma de urbanização brasileira, sobretudo na sua relação com os rios.

A pesquisa dos fatos históricos ocorridos no Rio Marinho envolveu a reunião de informações obtidas nos mais diversos tipos de fontes: livros, relatos de viajantes,

relatórios de governo dos períodos imperial e republicano, fotografias e mapas históricos, plantas de projetos e reportagens de jornais antigos. Destaca-se a utilização das bibliotecas digitais do Instituto Jones dos Santos Neves (IJSN) e da Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional, além das pesquisas no acervo do Arquivo Público do Estado do Espírito Santo (APEES). Ainda em meio digital, pode-se ter acesso a diversas fotos antigas, que foram publicadas em um grupo do *Facebook* intitulado “Fotos Antigas do Espírito Santo”.

A compilação das informações levantadas na pesquisa subsidiou a elaboração de mapas de análise do Rio Marinho. Sua confecção foi possível utilizando-se dos softwares Google Earth e de Sistema de Informações Geográficas ArcGis – este último com contribuições do geógrafo Everton Patuzzo Silva.

As entrevistas se constituíram em uma ferramenta fundamental para o desenvolvimento deste trabalho. Utilizando-se metodologia da história oral (Meihy, 2002), por meio da elaboração de roteiro de entrevista semi-estruturado, pode-se obter informações relevantes sobre os aspectos da paisagem dos tempos vívidos do Rio Marinho.

Apesar de o tema central ser o Rio Marinho e as transformações da paisagem ao longo da história, sobretudo pelo processo de urbanização intensa que a região passou a partir da segunda metade do século XX, o roteiro semi-estruturado estabelecido para as entrevistas procurou não evidenciar este objetivo, de imediato, para o entrevistado. A abordagem partiu da justificativa de um estudo da história da urbanização do bairro onde o entrevistado se encontrava, mas era esclarecido no início da entrevista que o verdadeiro objetivo estava relacionado a um elemento físico, geográfico, que fazia parte da história de Cariacica e Vila Velha – no caso, o Rio Marinho.

Nesse sentido, buscava-se incentivar o entrevistado a trazer suas lembranças, esquecidas no campo da memória e, assim, verificar em que medida as características da paisagem de outrora, sobretudo do Rio Marinho, apareciam nessas lembranças. Abordagem semelhante, que serviu de inspiração para a elaboração do roteiro semi-estruturado de perguntas, foi apresentada por Mendonça (2006) na identificação dos referenciais da paisagem de bairros de Vitória/ES.

As entrevistas semi-estruturadas combinam perguntas abertas e fechadas, onde o informante tem a possibilidade de discorrer sobre o tema proposto. O pesquisador deve seguir um conjunto de questões previamente definidas, mas ele o faz em um contexto muito semelhante ao de uma conversa informal. (...) Esse tipo de entrevista é muito utilizado quando se deseja delimitar o volume das informações, obtendo assim um direcionamento maior para o tema intervindo a fim de que os objetivos sejam alcançados. (BONI & QUARESMA, 2005, p. 75).

As perguntas não traziam as palavras “paisagem” e “Rio Marinho”, mas foram estruturadas de forma que possibilitasse o aparecimento desses elementos nos depoimentos. Alguns exemplos dessas perguntas são:

(1) Qual é a sua primeira lembrança do bairro?

(2) O que mais lhe impressionava antigamente e o que hoje mais lhe impressiona?

(3) Existe algum percurso no bairro que você costuma fazer ou já fez com frequência? O que te chama (ou chamava) a atenção neste percurso?

Somente a partir da 14ª pergunta a paisagem surge como tema e na 16ª pergunta (última do roteiro), foi esclarecido ao interlocutor o verdadeiro motivo da entrevista, que é apreender do entrevistado suas experiências quanto às características da paisagem do Rio Marinho e suas transformações pelo processo de urbanização.

Os participantes assinaram um Termo de Autorização para conceder a entrevista gravada, que explicava os objetivos da pesquisa, bem como se esclarecia que não haveriam perguntas que possibilitassem a exposição da intimidade pessoal ou questões que por ventura pudessem causar constrangimento ao entrevistado ou a terceiros – o roteiro de perguntas e os termos assinados pelos participantes são apresentados no Anexo VII. Com relação à possível exposição de detalhes referentes à intimidade pessoal, relembramos a explicação de Meihy (2002) sobre a história oral temática:

Devido a seu caráter específico, a história oral temática tem características bem diferentes da história oral de vida. Detalhes da história pessoal do narrador apenas interessam na medida em que revelam aspectos úteis à informação temática central. (MEIHY, 2002, p. 146).

Todas as entrevistas foram gravadas em áudio e posteriormente foram transcritos os principais trechos que se referiam à paisagem e à história do Rio Marinho. As

transcrições, eventualmente, possuem alguns trechos escritos entre chaves “[...]”, para facilitar o encadeamento da fala do entrevistado, tomando-se o cuidado de não interferir nas informações passadas pelo interlocutor. Além disso, tentou-se preservar ao máximo a forma de falar dos entrevistados, com palavras escritas em itálico e entre aspas.

Foram realizadas sete entrevistas, que contaram com a participação de oito pessoas, em dois momentos distintos da pesquisa: as três primeiras em agosto de 2016 e as demais em março de 2017. Esse número foi considerado suficiente para possibilitar o entendimento de como era e como foi se transformando a paisagem do Rio Marinho durante o século XX.

## **1.2. Sumário comentado**

Esta dissertação está estruturada em seis capítulos, incluindo este, dedicado à introdução, justificativa, apresentação dos objetivos e metodologia. O segundo capítulo, intitulado “A problemática dos rios urbanos”, apresenta questões ligadas à água, aos rios, à paisagem, à relação dialética entre memória e esquecimento. Além disso, o capítulo aborda o histórico das relações do homem com os rios e sua importância para a formação das cidades, sobretudo na realidade brasileira, que possui essa relação marcada pela degradação ambiental e paisagística.

Os aspectos históricos do Rio Marinho são apresentados no terceiro capítulo, com divisão de sua história cronológica através das transformações da paisagem, desde a chegada dos colonizadores portugueses, no século XVI, até os dias atuais.

Os aspectos atuais do Rio Marinho são evidenciados no quarto capítulo, onde são mostradas imagens que ilustram seu atual estado de degradação ambiental e paisagística. Este capítulo aborda também questões contemporâneas, como a construção de uma rodovia e seus impactos previstos e as iniciativas em prol da recuperação do rio. No final do capítulo, é apresentada uma proposta de linha do tempo, com o objetivo de sintetizar os fatos históricos ocorridos desde o século XVI até os dias atuais.

O quinto capítulo é dedicado às lembranças dos antigos moradores, a partir das entrevistas realizadas. Neste capítulo, puderam-se apreender características da

paisagem dos tempos de balneabilidade do rio, quando era possível nadar, pescar, lavar roupas, navegar, etc. Além disso, apresentam-se também descrições da paisagem feitas por viajantes que navegaram o Marinho no final do século XIX.

O sexto e último capítulo é designado às considerações finais. Este capítulo apresenta uma análise geral sobre a pesquisa realizada, com reflexões sobre a abrangência do trabalho, limitações e perspectivas futuras.

## **CAPÍTULO 2. A PROBLEMÁTICA DOS RIOS URBANOS**

A relação do homem com a natureza existe desde o surgimento do *Homo erectus*, há cerca de dois bilhões de anos. O advento da agricultura e criação de mamíferos, há cerca de 10 mil anos atrás, permitiu o surgimento dos primeiros assentamentos humanos, localizados, invariavelmente, às margens ou bem próximo aos rios. Saraiva (1999) indica os assírios, persas, sumérios, babilônios, egípcios, chineses, hindus e povos ameríndios pré-colombianos como exemplos dessas sociedades que se estruturaram às margens de rios. Essas sociedades desenvolveram técnicas para controlar as enchentes e utilizar as águas para o consumo, permitindo o desenvolvimento da agricultura por meio da irrigação e o surgimento das primeiras cidades. Além de servir como fonte de água, os rios passaram a ter a função de transporte, como importantes vias de ligação entre as cidades, pela navegação ou por caminhos em terra que seguiam seu curso.

Os temas apresentados a seguir são tratados como referenciais pertinentes à discussão da problemática das águas urbanas. Primeiramente, (1) são retratadas as propriedades da água no meio ambiente e seus aspectos simbólicos; após, (2) apresentam-se aspectos relativos aos rios, que se caracterizam como um dos meios de circulação e fluidez da água; em seguida, (3) conceitua-se a paisagem, pois, entende-se que os rios são componentes de paisagens.

Por conseguinte, (4) discute-se a temática principal deste capítulo, tratando das paisagens que são modificadas pelo homem pelo processo de urbanização. Por fim, (5) apresenta-se, ainda, as questões do campo da memória, entendida como construção coletiva, bem como o risco de esquecimento das paisagens, como uma consequência da urbanização e degradação dos rios.

### **2.1. A água**

Segundo Herzog (2013), o homem foi programado para conviver com natureza e isso se revela pelas relações de dependência física e espiritual que o homem estabeleceu com ela. Na mitologia, Neiman (2005) observa que a percepção das águas é tema antigo na história da humanidade, exemplificando as divindades



atribuídas a ela nas mais variadas culturas, como: Namur/Engur (sul da Mesopotâmia), Poseidon (Grécia), Netuno (Roma), Iemanjá (África), O-wata-tsumi (Japão), Mama Cocha (incas), Iara (índios do Brasil). Nestas culturas, a água geralmente é relacionada ao surgimento do ser humano, onde emerge a semente da vida.

A água exerce forte influência no imaginário das pessoas. Nesse sentido, Neiman (2005), defende que quando uma pessoa vê um rio, acaba por evocar lembranças e mitos humanos, capaz de levar ao que o autor chamou de primeiro elemento da existência intrauterina. Para Noll (2010), a água exerce um fascínio nas pessoas, possuindo uma capacidade de se conectar mais fortemente com os sentidos:

Música, movimento, brilho, reflexo, ampliação visual, virtualização da paisagem, frescor, silêncio, tranquilidade, mistério, excitação, erotismo, prazer e regozijo podem ser devidamente explorados para a valorização dos espaços, públicos ou privados, por meio do uso criativo da água, que possui, ainda, a habilidade de atrair o olhar e tornar-se foco de atração, de atuar como centro de gravidade. (NOLL, 2010, p. 24)

Segundo Gonçalves (2006), os filósofos pré-socráticos pensavam a natureza em um sentido mais amplo, a partir da *physis* – Tales de Mileto afirmou que a água seria a *physis*, o princípio e o desenvolvimento de todas as coisas, entre as quais a Terra, que se encontrava sobre ela. Assim podia-se compreender a “*totalidade do real: do cosmos, dos deuses e das coisas particulares, do homem e da verdade, do movimento e da mudança, do animado e do inanimado, do comportamento humano e da sabedoria, da política e da justiça*” (Gonçalves, 2006, p. 31). A partir de Platão e Aristóteles, os pensamentos sobre a relação homem-natureza começaram a se diferenciar dos pré-socráticos, com “*certo desprezo ‘pelas pedras e pelas plantas’ e a um privilegiamento do homem e da ideia*” (Gonçalves, 2006, p. 31).

Gonçalves (2006) continua no campo religioso, evidenciando a contribuição judaico-cristã da cultura ocidental para a formação de uma ideia de oposição entre homem e natureza, tomando como exemplo a afirmação dos cristãos de que “Deus criou o homem à sua imagem e semelhança” (Gonçalves, 2006, p. 32). Conclui que, com esse pensamento, o homem torna-se dotado de privilégio, pois se é semelhante a Deus, também é superior a todas as outras coisas.

Entretanto, esse pensamento de superioridade não corresponde à realidade da natureza humana, pois, o descolamento do homem em relação à natureza leva a um consequente colapso. Nesse sentido, Herzog (2013) nos mostra que:

(...) a exploração exaustiva dos recursos naturais, com eliminação dos ecossistemas nativos e da biodiversidade, colaborou expressivamente para o declínio e o colapso de inúmeras civilizações ao longo da História. Alguns exemplos são: a ilha de Páscoa; a civilização anasazi no sudoeste dos Estados Unidos; os maias na península de Yucatán, no México; e até mesmo o império romano, com sua imensa extensão e poder. (HERZOG, 2013, p. 13)

Mesmo assim, a sociedade ocidental foi construída baseada nesse pensamento de superioridade do homem em relação à natureza. No Brasil, a riqueza da natureza tropical, em especial a abundância de água, encantou os exploradores europeus:

Até agora não pudemos saber se há ouro ou prata nela, ou outra coisa de metal, ou ferro; nem lha vimos. Contudo a terra em si é de muito bons ares frescos e temperados como os de Entre Douro e Minho, porque neste tempo d'agora assim os achávamos como os de lá. Águas são muitas; infinitas. E em tal maneira é graciosa que, querendo-a aproveitar, dar-se-á nela tudo, por bem das águas que tem. (CAMINHA, Pero Vaz de, 1500)

De fato, o Brasil é extremamente rico em água. Segundo Azevedo (2007, p. 52) *“temos cerca de 53% dos recursos hídricos da América do Sul, continente contemplado por cerca de 12% da água do planeta”*, o que, segundo o autor, *“não justificaria estarmos enfrentando problemas com abastecimento e saneamento”*. O autor pondera que *“provavelmente foi essa riqueza que justificou o pensamento europeu de que nada iria nunca se acabar ou perder para sempre”*.

Partindo desse pensamento europeu proposto por Azevedo, pode-se considerar que esta ideia permaneceu arraigada no imaginário do brasileiro até meados do século XX, quando a cobrança pelo uso da água nas áreas urbanas era realizada apenas pelo pagamento de uma taxa, sem qualquer medição de consumo.

Mesmo hoje, com a medição de consumo na cobrança pelo uso da água tratada, esta ainda tem um custo muito baixo, permitindo que ela seja usada para lavar automóveis, varandas e calçadas indiscriminadamente. Esse desperdício que é jorrado das torneiras é agravado pelo descaso na destinação final da água. Após a utilização, a água transforma-se em lixo líquido e, assim como o lixo sólido, as

peças querem apenas retirá-la de suas casas, não se importando com seu destino.

Donald Worster propõe que as pessoas devem “*pensar como um rio*”, pensando em fazê-lo circular, assim como o ciclo da água. Segundo o autor, “*a harmonia ecológica é um valor não mercadológico que necessita de um desejo coletivo para ser atingida*” (WORSTER, 2008, p. 42).

Worster relembra, ainda, a importância da água para o desenvolvimento da agricultura, demonstrando que esta pode ser conservada, desviada, barrada, mas, diferente do solo, a água não pode ser cultivada. Muitas vezes parte-se do pensamento de que a agricultura utiliza-se apenas do solo, uma vez que é a partir desse substrato que as plantas crescem e os animais pastam, mas esquece-se da água, um elemento primordial para sua manutenção.

Diferentemente do solo, a água não pode ser “construída”. O agricultor pode perde-la, ou pode desviá-la, poluí-la, desperdiçá-la ou usá-la em excesso, mas nunca conseguirá aumentar o seu volume, ou cerca-la como pode fazer com o solo. Ele possui tão somente o que está circulando na natureza, e nada mais. (WORSTER In \_\_. ARRUDA, 2008, p. 28)

Destaca-se que, nesta pesquisa, foram discutidas suas propriedades no meio ambiente, mas verifica-se que a água está presente não apenas no meio ambiente, sendo encontrada, também, na composição dos seres vivos. A água, então, pode ser considerada a substância mais comum do planeta, pois é um elemento essencial para o surgimento e a manutenção da vida.

## **2.2. Os rios**

Os rios são estudados por diversas disciplinas científicas, como a geologia, que assim os define:

Corrente líquida resultante da concentração do lençol de água num vale. Um curso de água pode, em toda sua extensão, ser dividido em três partes: 1) curso superior, 2) curso médio, 3) curso inferior [...] O rio pode ser definido pelo talvegue, pelas vertentes e pelos terraços. Um rio constitui, por conseguinte, a reunião do lençol de água numa calha cujo declive contínuo permite uma hierarquização na rede hidrográfica. Eles possuem cabeceiras que dão origem ao seu curso e recebem vários afluentes. São limitados lateralmente pelas margens e pelas vertentes às quais dão a forma, ou melhor, o fio de vale. Chegaram ao mar, ou a um lago, desembocando, às

vezes, por um longo canal; outras vezes a foz é constituída por uma série de ilhas, sendo no primeiro caso chamado de estuário e, no segundo caso, de delta. Os rios podem originar-se das águas da chuva, isto é, da junção de vários filetes, de fontes, da fusão de neves e geleiras, ou, ainda, de emissários de lagos. (GUERRA, 2001, p. 544-545)

Gorski (2010, p. 42) salienta que um rio jamais pode ser dissociado de sua bacia hidrográfica, pois é *“a área de drenagem que contém o conjunto de cursos d’água que convergem para esse rio, sendo, a montante, limitada pelos divisores de água, que correspondem aos pontos mais elevados do terreno e que separam as bacias adjacentes”*. Entretanto, como será visto adiante, a gestão das bacias hidrográficas é uma dificuldade visto que estas podem estar dentro de várias territorialidades políticas.

Os rios também serviram, desde a história das antigas civilizações, para a realização de expedições para o interior do continente, como as “entradas” empreendidas pelos Bandeirantes a partir de meados do século XVI, no Brasil. Por outro lado, destacamos que o Espírito Santo foi condenado ao isolamento, pois os rios tiveram sua navegação proibida. O Rio Doce teve sua navegação proibida pelo governo colonial português por ser o único rio que ligava a região das minas gerais ao mar, obrigando os mineradores a escoar as riquezas exploradas pela Estrada Real até os portos do Rio de Janeiro e Paraty. Segundo Oliveira (2008, p. 186), *“o futuro capixaba sofreu graves danos devido a tal política, que fez da capitania simples barreira protetora das zonas de mineração situadas ao poente”*. Essa imposição condenou o Espírito Santo a mais de um século de isolamento, o que pode explicar, em parte, o desenvolvimento econômico tardio do estado em relação aos seus vizinhos da região Sudeste.

Os rios também se caracterizam, muitas vezes, como divisores de territórios e suas bacias hidrográficas ficam fragmentados sob a ótica administrativa. No início dos anos 1930, o historiador Lucien Febvre defendia que os rios não são fronteiras naturais, pois foi o homem que atribuiu a eles esse papel:

Deixemos à astúcia de uns, à ingenuidade de outros, a “fronteira natural”: não há senão fronteiras humanas. Elas podem ser “justas” ou “injustas”, mas não é a “natureza” quem dita a equidade ou aconselha a violência. Deixemos “a raça” sobretudo aos maus pastores. Ela lhes pertence por direito de invenção. (FEBVRE, 2000, p. 66)

Os territórios são delimitados pelo homem, e estes limites são de ordem política. Em todo o mundo os rios serviram para definir fronteiras entre municípios, estados ou países. Entretanto, a utilização dos rios como divisores de territórios pode condená-los a uma gestão ineficiente do seu regime físico-geográfico, uma vez que os rios podem, além de dividir territorialidades políticas, fazer parte de várias delas. Esta ineficiência está ligada ao planejamento desconectado que é realizado dentro das territorialidades políticas, sujeitas inclusive a disputas econômicas e partidárias.

Nesse sentido, apresenta-se a visão de Arruda (2008, p. 9), que defende que um rio, mais do que elemento natural, também possui uma carga cultural, pois atribuímos a ele funções, pois, segundo o autor, *“não conseguimos ver a natureza dos rios, vemos as suas funções, mas ele estava lá, onde estava muito tempo antes de nós”*.

Portanto, os rios são um elemento natural e, juntamente com o relevo, a vegetação, os solos, formam as paisagens – que em muitos casos foram modificados pela ação humana, em diferentes níveis. Por conseguinte, o subcapítulo a seguir apresenta subsídios para entendimento desta relação dos rios com as paisagens.

### **2.3. Considerações sobre paisagem**

Apresenta-se aqui uma concordância com o significado de Paisagem apresentado por Mendonça (2005, p. 2), que remete ao entendimento transmitido pela geografia, divergindo de uma dimensão autóctone e admitindo-a então a partir dos acréscimos a ela atribuídos ao longo do tempo. Segundo Cosgrove, seu significado surgiu no Renascimento, com o objetivo de indicar uma nova interação entre os humanos e o meio ambiente: *“a paisagem, de fato, é uma ‘maneira de ver’, uma maneira de compor e harmonizar o mundo externo em uma ‘cena’, em uma unidade visual”* (Cosgrove, In \_\_. Corrêa, et. al., p. 98). Nesse sentido, Coelho Netto (2007), traz a paisagem enquanto resultado da ação da cultura sobre a natureza:

(...) esta nova visão abre o campo da Geografia, buscando estimular a compreensão sobre a natureza das conexões dos elementos contidos na paisagem e na ordem desses fenômenos no tempo. (COELHO NETTO, 2007, p. 77)

Portanto, a paisagem pode ser compreendida como um sistema aberto, que está submetido a transformações ao decorrer do tempo. Admite-se, ainda, o sentido de herança atribuído à paisagem, tal como indica o geógrafo Aziz Ab'Sáber:

Todos que se iniciam no conhecimento das ciências da natureza – mais cedo ou mais tarde, por um caminho ou por outro – atingem a ideia de que a paisagem é sempre uma herança. Na verdade, ela é uma herança em todo o sentido da palavra: herança de processos fisiográficos e biológicos, e patrimônio coletivo dos povos que historicamente as herdaram como território de atuação de suas comunidades. (AB'SÁBER, 2003, p. 09)

Ainda na perspectiva da geografia, lembramos Santos (1997), que além de atribuir a ideia de herança, diferencia paisagem de espaço:

(...) paisagem e espaço não são sinônimos. A paisagem é o conjunto de formas que, num dado momento, exprimem as heranças que representam as sucessivas relações localizadas entre homem e natureza. O espaço são essas formas mais a vida que as anima. (SANTOS, 1997, p. 83)

Bahia (2005, p. 3) define que a *“paisagem carrega a marca da cultura, serve-lhe como matriz e se constitui objeto privilegiado dos trabalhos da geografia cultural e cuja interpretação é uma tarefa fascinante para os geógrafos e arquitetos ocupados com as realidades culturais”*. Portanto, pode-se afirmar que as paisagens culturais são carregadas de história e são modificadas ao longo do tempo:

A riqueza de um povo não se mede apenas pela sua riqueza financeira ou econômica, mas também pelo seu patrimônio natural, social e cultural. O patrimônio de um indivíduo, de uma sociedade ou da humanidade pode ser material, como por exemplo, o legado arquitetônico ou o legado de lugares com valor cênico e paisagístico, ou também imaterial, composto por ideias e expressões científicas e filosóficas. (RIBEIRO, et. al., 2013, p. 49).

Coelho Netto (2007), apresenta as diversas abordagens que podem ser integradas na análise da paisagem:

(...) morfológica, enquanto conjunto de formas criadas pela natureza ou pela ação humana; funcional, que examina as relações entre as diversas partes; histórica, que olha a paisagem como produto da ação humana no tempo; e simbólica, na medida em que a paisagem guarda valores, crenças, mitos e utopias. (COELHO NETTO, 2007, p. 77).

O historiador Lucien Febvre, utilizando-se do Rio Reno, nos mostrou como e o que vemos nos rios:

O Reno: no exato momento em que pronuncia esse breve nome, o homem de hoje sente brotar em si mesmo uma imagem. Sobre a página em branco de sua memória perfila-se, com uma nitidez singular, o traçado de um grande rio histórico [...] Nenhum mistério nessa evocação, nenhum problema nesse reconhecimento. Esse Reno é uma pessoa. Não hesitamos em identifica-lo como tal, da nascente à foz, assim como não hesitamos em reconhecer, ao vê-lo diante de nós, um velho amigo de sempre. E, no entanto, o problema existe. O amigo é o que é que desde que começou a existir. E o rio? [...] Mas quem decidiu: aqui o rio, ali os afluentes? A natureza ou o homem? Um indivíduo o rio – mas criado tal e qual pela natureza – forjado pelo homem, nascido de uma escolha pensada e de uma vontade consciente. (FEBVRE, 2000, P. 71)

Arruda (2008) defende que um rio, por meio de suas imagens, histórias e memórias, é uma construção humana, antes de mais nada:

Ao evocar uma referência, o homem sente brotar dentro de si imagens, memórias, histórias relacionadas àquele rio. Mas ainda assim, ele continua lá, no mesmo lugar, desde há muito, bem antes do Homo sapiens dar seus primeiros passos. Os rios contêm parte dessa antiga história das relações entre os homens e o natural. (ARRUDA, 2008, p. 10)

A partir do momento em que os rios deixam de ser apenas um curso d'água de corrente líquida, tal como define a geologia, e ganha uma carga cultural – simplesmente com a escolha de um nome ou até ter a sua forma modificada, com captação de águas, barragens, retificações – este pode ser considerado paisagem. No contexto urbano, as paisagens foram amplamente modificadas pela ação humana, muitas vezes descaracterizando os rios, na sua fisionomia ou vitalidade, pela artificialização e poluição de suas águas.

#### **2.4. A problemática dos rios urbanos**

A relação entre os núcleos urbanos e seus cursos d'água é muito antiga, desde a formação das primeiras cidades do Brasil colonial, mesmo aquelas que surgiram no litoral, conforme indicado anteriormente:

Os rios tinham muito a oferecer, além de água: controle do território, alimentos, possibilidade de circulação de pessoas e bens, engenharia hidráulica, lazer, entre tantos outros. E desta forma as paisagens fluviais foram paulatinamente se transformando também em paisagens urbanas. (COSTA, 2006, p. 10).

Na construção das primeiras cidades, desde as cidades europeias até as cidades coloniais brasileiras, o saneamento urbano sempre foi precário. A cidade do Rio de

Janeiro, fundada em 1565, teve sua primeira rede de esgotos concluída em 1863, precedida em nível mundial apenas das cidades de Londres (1815) e Hamburgo (1842). Até este momento, os moradores do Rio de Janeiro *“tinham o mau costume de lançar na rua e na ‘vala’ todos os despejos e detritos domésticos, transformando-a em uma imensa cloaca, com insuportável mau cheiro e ondas de mosquitos*<sup>1</sup>”. Ainda na capital fluminense, *“os esgotos das casas da nobreza eram acondicionados em barricas de madeiras (ou cubos) nos quintais e à noite era transportado por escravos para os lançamentos mais próximos*<sup>2</sup>, em campos abertos, lagos ou praias. Segundo Caus (2012), em Vitória, o esgoto era lançado ao mar sem nenhum tipo de tratamento, geralmente à noite. No período colonial, escravos realizavam esse tipo de “serviço” de carregamento de dejetos, os chamados “Tigres”.

A partir da segunda metade do século XX, o Brasil experimentou um crescimento urbano acelerado, motivado pelo declínio das atividades agrícolas e crescimento industrial, que passou a ser o foco principal da economia. Esta nova realidade econômica gerou, conseqüentemente, um êxodo rural em larga escala e o inchaço das cidades.

Esse novo contingente populacional passou a habitar áreas menos valorizadas das cidades, geralmente em locais que rapidamente deixaram de ser rurais e passaram a ser urbanos, ou suburbanos. As capitais e, principalmente, os municípios limítrofes a elas não estavam preparados para atender às novas demandas de planejamento necessárias devido a esse crescimento: faltou saneamento básico, ruas pavimentadas, escolas, postos de saúde, equipamentos públicos de lazer, etc.

Para recuperar as qualidades perdidas, as cidades tentaram se fazer presentes, mitigando os problemas causados pela rápida urbanização. Foram construídas moradias populares, ruas pavimentadas, incentivou-se a atração de indústrias para geração de empregos, mas essas ações vinham sempre à reboque das necessidades, uma vez que a velocidade de atuação do poder público não dava conta de atender as necessidades da população.

---

<sup>1</sup> Citações extraídas de texto publicado em 2012 pela empresa Futura Soluções Ambientais. Disponível em: <futurambiental.com.br/historia-do-tratamento-de-esgoto-no-rio-de-janeiro> acessado em 24/09/2017.

<sup>2</sup> Ibid.



Além disso, existe outro fator a ser considerado: a política brasileira tem se baseado no atendimento de interesses de um grupo seletivo, de poderio econômico, em detrimento dos interesses da coletividade. Em *As ideias fora do lugar e o lugar fora das ideias*, a urbanista Ermínia Maricato faz uma reflexão crítica do urbanismo brasileiro, sobretudo no planejamento e regulação urbanística. Segundo a autora,

(...) se trata de ideias fora do lugar porque, pretensamente, a ordem se refere a todos os indivíduos, de acordo com os princípios do modernismo ou da racionalidade burguesa. Mas também podemos dizer que as ideias estão no lugar por isso mesmo: porque elas se aplicam a uma parcela da sociedade reafirmando e reproduzindo desigualdades e privilégios. (MARICATO, 2000, p.122)

Em seu texto, Maricato (2000) fez uma descrição sobre a realidade socioambiental das cidades brasileiras, evidenciando a distinção entre a cidade formal e informal, que são localizadas dentro de uma mesma cidade, dependentes uma da outra, mas são tratadas de formas diferentes. As pessoas que não possuíam condições de viver na cidade formal, que corresponde, muitas vezes, à maioria das populações urbanas, foram obrigadas a viver em áreas ambientalmente frágeis, como encostas de morros, palafitas sobre mangues ou às margens de rios urbanos.

Muitos rios e córregos urbanos sofreram com a degradação ambiental devido à ocupação agressiva de seus leitos e várzeas, numa ocupação que não foi dotada de qualidade urbana: a cidade passa a dar as costas para a água. Estas águas que outrora eram limpas passaram a ter cor e cheiro desagradáveis; transformaram-se em receptáculos de resíduos humanos e industriais.

As enchentes urbanas, que afligem populações de muitas cidades brasileiras, são atribuídas a uma falta de saneamento básico, que muitas vezes é interpretada pelos gestores públicos e pela população como falta de pavimentação e canalização de rios e córregos – poluídos, agora chamados de valões. Entretanto, deve-se salientar que as inundações fazem parte do ciclo natural das águas de um rio, que possui sua calha principal de vazão, e uma segunda calha, que é a sua várzea, onde se acumula o excedente das águas nos períodos de fortes chuvas, acumulando as águas nessas áreas para serem escoadas aos poucos.

Coelho (2010) faz uma reflexão acerca das características de áreas inundáveis nas partes baixas dos cursos de rios. Quando essas áreas apresentam ocupações urbanas:

(...) a inundação é relativamente rápida, potencializada pela impermeabilização do solo por construções e vias, havendo com isso o escoamento rápido para o canal principal, levando-o a transbordar. (COELHO, 2010, p. 62).

Ainda segundo Coelho (2010), existem outros aspectos a serem considerados em áreas baixas susceptíveis a inundações, que possuem influência das marés:

Mesmo com obras de drenagem e manutenção do canal em dia, num evento de marés altas de sizígia, a região será inundada com as águas pluviais, não havendo como as águas escoarem em direção a embocadura. (COELHO, 2010, p. 62)

O processo de ocupação das margens de rios faz com que as inundações que antes ocorriam em áreas de várzeas permeáveis, passem a ocorrer em áreas urbanas, densamente ocupadas com construções, asfalto e baixa permeabilidade do solo, gerando consequências negativas no cotidiano das cidades. No Brasil, apesar de já se conhecer há muito o ciclo das águas, ainda mantém-se a prática de canalização dos corpos hídricos e ocupação de suas várzeas, sendo divulgadas muitas vezes como uma “solução de engenharia” para “resolver” os alagamentos nas cidades.

A paisagem urbana passou a ser transformada de maneira ainda mais intensa para dar lugar à circulação de veículos e expansão do mercado imobiliário. (...) As soluções de engenharia viária e de saneamento tradicional não consideram os processos e fluxos naturais que ocorrem nas paisagens e têm a pretensão de controlá-los. É a tentativa de domínio da natureza pela engenhosidade e técnica humanas, como o tamponamento de córregos e retificação e canalização de rios, com construção de vias em suas áreas de inundação, de acomodação natural, são construídas redes de macrodrenagem. (HERZOG, 2013, p. 70).

Dentre os efeitos dos projetos de canalização dos corpos hídricos estão a modificação do regime e da dinâmica das águas, comprometendo as comunidades biológicas componentes de seus ecossistemas, além de transformar os rios em canais artificializados – sem melhorar a qualidade das águas, que continuam funcionando como canais de esgoto. Segundo Almeida (2008), os rios e córregos urbanos se transformaram em elementos indesejáveis pela sociedade e pelo poder público e, por isso, eles são canalizados, cobertos e eliminados da paisagem

urbana, promovendo graves problemas em função das cheias e inundações derivadas desse processo. Segundo Cunha (2012), esse modelo de ocupação sustentado na canalização e retificação dos rios, muitas vezes com a frágil justificativa de melhoria do regime das águas e controle das inundações, perdeu sua função. Para a autora:

(...) a maneira ideal e sensata para reduzir os riscos hidrológicos (inundações) não se encontra mais nessas obras, mas sim na recuperação e ordenamento dos usos e da ocupação das planícies de inundação. (CUNHA, 2012, p. 184-185)

A problemática das águas urbanas está na negligência da existência dos rios, tanto enquanto elemento natural, quanto elemento cultural. A ocupação urbana agressiva e as intervenções urbanas que foram e ainda vêm sendo feitas para resolver os conflitos entre água e cidade foram muitas vezes, equivocadas, como confirmam alguns autores:

Os conflitos entre processos fluviais e processos de urbanização têm sido de um modo geral enfrentados através de drásticas alterações na estrutura ambiental dos rios, onde, em situações extremas, chega-se ao desaparecimento completo dos cursos d'água da paisagem urbana. (COSTA, 2006, p. 10).

Sujeitos à poluição e à artificialização pelas obras de regularização, muitos rios assumem uma degradação crescente que se reflete no condicionamento das utilizações, no afastamento das atividades urbanas de maior prestígio e na profunda alteração dos sistemas biológicos a eles associados. Canalizados e poluídos, transformaram-se em elementos indesejáveis pelas populações e autoridades decisoras do ordenamento do espaço. Quando a sua dimensão o permite, são cobertos e eliminados da superfície do solo, criando-se gravíssimos e crescentes problemas, sobretudo face à ocorrência de cheias e inundações, agravando os prejuízos e efeitos pela obstrução e redução da capacidade de escoamento. Quando de maiores dimensões, e, na impossibilidade de sua cobertura, transformam-se em canais artificializados, de cor e cheiro desagradáveis, sem vida animal ou vegetal ou com a presença de vegetação invasora e desadequada ecologicamente. (SARAIVA, 1999, p. 78).

Com a justificativa de resolver o saneamento da cidade e a mobilidade urbana, diversas intervenções em rios e córregos urbanos no Brasil foram adotadas, mas a maioria delas ocorreu de duas formas: a primeira consiste em retificar o leito e implantar avenidas marginais, geralmente formando um eixo viário estruturante, de grande fluxo de veículos; a segunda, ainda mais cruel, retifica o leito e cobre o corpo hídrico, implantando as avenidas sobre o rio e, assim, apagando-o da paisagem e do

cotidiano da cidade. Muitas vezes circula-se em vias sem se dar conta de que tem um rio passando embaixo.

Surgiu, então, uma nova forma urbana: bairros que antes eram marginalizados, sem infraestrutura e saneamento, passam a ser pavimentados, atendidos por uma via de grande porte. Com isso, derivam-se dois problemas que incomodam as cidades atualmente: o modelo de mobilidade que privilegia o transporte individual, por automóveis, em detrimento do transporte coletivo; e o modelo de saneamento que não resolve completamente o problema, apenas escondendo os rios poluídos. As inundações passam a ser mais frequentes no cotidiano das cidades, devido ao crescimento, a impermeabilização do solo e ao histórico de uma equivocada forma de ocupação sobre os leitos e várzeas.

Brocaneli & Stuermer (2008) afirmam que esta forma de saneamento foi abandonada nos países desenvolvidos a partir da década de 1970. Percebeu-se que a canalização de um corpo d'água aumenta as inundações à jusante e com as chuvas, a água não é infiltrada pelo solo e o volume retorna pelos condutos de drenagem, podendo causar grandes inundações e consequentes transtornos para as cidades.

Bartalini (2004) faz uma reflexão que resume as práticas de intervenção no tratamento dos rios urbanos:

Quando não entaladas pelas pistas das avenidas, as margens dos rios serviram de chão para os mais pobres, desatendidos pela política habitacional. Nos casos de remoção, observa-se a regra de construir vias de automóveis, o mais rente possível do canal, para evitar futuras ocupações. Teria sido possível projetar parques lineares? Decidiu-se sempre pelo não, com o argumento de as áreas verdes serem alvos fáceis para novas invasões (BARTALINI, 2004, p. 86)

Raquel Rolnik (SOBRE..., 2010) condena o que caracteriza de ligação perversa do modelo de mobilidade com os rios, que se transformam em canais tamponados para serem avenidas e ligam perversamente o caos do trânsito com o caos das inundações, pois, segundo a arquiteta, a canalização provoca inundações.

Os rios passaram a engolir a cidade com suas cheias: as águas que antes eram armazenadas e parcialmente percoladas nas várzeas, agora alagam ruas e casas.

Com isso, são necessárias novas obras para drenagem das áreas urbanas, que agora se baseiam em escoar o mais rápido possível a água das chuvas.

A urbanização descaracteriza a forma natural dos rios e, quando a construção das cidades é feita sem levá-los em consideração, sua transformação é devastadora. Neste caso, bastante comum à realidade brasileira, a ocupação agressiva dos rios ocorre suprimindo-se seus meandros e suas áreas de várzea, mangues e/ou sua vegetação ciliar; seu leito, muitas vezes, deixa de ser um solo natural para ser constituído de uma laje de concreto; quando este corpo d'água encontra-se poluído, a vida aquática também é erradicada.

Esse processo de urbanização culmina em um rio desprovido de qualquer característica natural que possuía anteriormente. As pessoas, principalmente as mais velhas, que antes podiam vislumbrar rios despoluídos, passam a conviver com áreas urbanas que descaracterizaram os rios e, em diversos casos, estão praticamente apagados e esquecidos da paisagem.

Conforme afirma Costa, *“compreender o rio urbano como paisagem é também dar a ele um valor ambiental e cultural que avança na ideia de uma peça de saneamento e drenagem. É reconhecer que rio urbano e cidade são paisagens mutantes com destinos entrelaçados”* (Costa, 2006, p. 12).

## **2.5. Considerações sobre memória e esquecimento**

Esta pesquisa procura destacar a importância da memória como um registro de como eram as paisagens fluviais do Rio Marinho, antes da urbanização que as modificou. O historiador e filósofo Paolo Rossi, baseado em Aristóteles, defende que *“a memória precede cronologicamente a reminiscência e pertence à mesma parte da alma que a imaginação: é uma coleção ou seleção de imagens com o acréscimo de uma referência temporal”* (Rossi, 2010, pp. 15-16).

Desta forma, entende-se que a memória é uma seleção de informações, das quais se quer lembrar. O historiador Henry Rousso, aponta que a memória é, no seu sentido básico, uma reconstrução psíquica e intelectual, que evidencia a presença de um passado:

(...) um passado que nunca é aquele do indivíduo somente, mas de um indivíduo inserido num contexto familiar, social, nacional. Portanto, toda memória é, por definição, “coletiva” (...) Seu atributo mais imediato é garantir a continuidade do tempo e permitir resistir à alteridade, ao “tempo que muda”, às rupturas que são o destino de toda vida humana. (ROUSSO In\_\_\_ AMADO, et. al., 2002, p. 94-95)

Os filósofos Hilton Japiassú e Danilo Marcondes, por sua vez, afirmam que a construção da memória está vinculada ao tempo presente:

A memória pode ser entendida como a capacidade de relacionar um evento atual com um evento passado do mesmo tipo, portanto como uma capacidade de evocar o passado através do presente (JAPIASSÚ & MARCONDES, 1996, p. 178)

O sociólogo Michel Pollak aborda o conceito de “memória herdada”, pois, segundo o autor, essa memória não se refere apenas aos aspectos individuais do ser:

A memória também sofre flutuações que são função do momento em que ela é articulada, em que ela está sendo expressa. As preocupações do momento constituem um elemento de estruturação da memória. (...)  
Se podemos dizer que, em todos os níveis, a memória é um fenômeno construído social e individualmente, quando se trata da memória herdada, podemos também dizer que há uma ligação fenomenológica muito estreita entre a memória e o sentimento de identidade. (POLLAK, 1992, p. 204)

Com relação às memórias das paisagens fluviais do passado, transformadas pela urbanização, verifica-se um sentimento de perda com relação a essas paisagens, principalmente de moradores mais antigos das cidades. Gorski (2010) faz uma reflexão acerca dos sentimentos dos antigos moradores das áreas que sofreram transformações pela urbanização, sobretudo nas lembranças de como eram os rios:

Já hoje o sentimento geral a respeito do estado dos rios nas áreas urbanizadas parece repetir sempre a mesma cantinela saudosista e nostálgica – como já foram significativos... Quantas lembranças de sua fase de balneabilidade, de quando representavam fonte de riqueza para o desenvolvimento da sociedade e para a formação das paisagens, no processo de interação com o meio urbano. (GORSKI, 2010, p. 31)

Portanto, verifica-se que a memória é uma construção coletiva e que pode ser repassada como uma herança. Porém, outro aspecto que deve ser destacado, é o risco das memórias ficarem restritas a uma geração e não serem passadas como uma herança – podendo-se atingir o esquecimento. Nesse sentido, apresenta-se a

visão de Moura (et. al., 2010), que ao relacionar conceitos de paisagens, lugares e memória, destaca o risco de esquecimento das paisagens:

[...] outro importante tópico ao se estudar fatores dos espaços e paisagens, é a memória, onde a sociedade apesar de não viver em um mesmo momento sempre, não se padece, deixando cair no esquecimento práticas, eventos importantes que em muitos momentos associam-se a espaços ou lugares, tornando possível, gerações vindouras como a nossa, conhecer a identidade, os costumes e tradições do povo que habitou o espaço o qual hoje habitamos. (MOURA, et. al. 2010, p. 1)

Assim, verifica-se a necessidade de registrar as lembranças que, muitas vezes, estão esquecidas na memória de pessoas que vivenciaram o passado e podem contribuir para o entendimento dele. O risco de se perder essas memórias, com o passar do tempo, pode tornar o trabalho de reconstrução do passado muito mais difícil. Nesse sentido, Rossi afirma que *“ressurgir de um passado que foi apagado é muito mais difícil que lembrar de coisas esquecidas”* (Rossi, 2010, p. 35).

Com a finalidade de evitar a perda de registros de memória, uma das ferramentas difundidas é o registro da história oral, como um método complementar à construção da história. Segundo Meihy:

Não é apenas quando não existem documentos que a história oral acontece. Ela é vital também para produzir outras versões das histórias elaboradas com documentos cartoriais, consagrados e oficiais. (MEIHY, 2002, p. 25).

A história oral se disseminou principalmente após a Segunda Guerra Mundial, pois, com o avanço da tecnologia, foi possível realizar a gravação dos depoimentos. Tornou-se um mecanismo utilizado para validar algumas experiências que, na maioria das vezes, não estão registradas em documentos escritos e, ainda que estejam, possuem outra dimensão, quase de valor subjetivo (Meihy, 2002).

O interesse atual pelo registro das memórias, segundo Rossi, é devido à existência de uma grande “demanda de passado”, sobretudo para o estudo de temas que, segundo o autor, se dividem em dois tipos: os temas superados, pois já foram muito estudados; ou temas marginais, que são pouco falados ou não se falam sobre eles (Rossi, 2010). Entende-se que o Rio Marinho, objeto de estudo desta dissertação, enquadra-se no segundo tipo, pois, pouco se fala sobre sua história e trajetória, que resultaram no seu atual estágio de degradação.

### **CAPÍTULO 3. ASPECTOS HISTÓRICOS DO RIO MARINHO**

O Marinho é um pequeno rio capixaba, de aproximadamente oito quilômetros de extensão, que percorre o território no sentido sul-norte paralelo ao litoral, entre as baixadas de Vila Velha e próximo ao sopé das colinas, que predominam na paisagem sul de Cariacica, desde o Rio Formate até sua foz, na Baía de Vitória (Figura 2). Seu nome tem origem nas palavras “mar” e “riozinho”, fazendo uma referência à alternância das águas doces e salgadas, causada pela influência das marés que adentram o rio<sup>3</sup>.

Segundo Abe (1999), o curso do rio era, originalmente, sinuoso e indeciso, percorrendo as planícies alagáveis com formação predominante de argila – também sendo encontrados areias, cascalhos e materiais orgânicos – e ocupados por vegetação de mangue. A alternância de águas doces e salgadas propiciou a formação de um rico ecossistema, com espécies aquáticas que serviram de subsistência para importantes contingentes humanos que viviam em suas margens.

A compreensão da história das transformações da paisagem do Rio Marinho permitiu o entendimento do seu curso original. Nesse sentido, a história do rio foi estruturada cronologicamente, a partir dos fatos que marcaram as transformações da paisagem. Em cada época apresentada, procurou-se descrever as características dessa paisagem, bem como os fatos históricos que marcaram as modificações na geografia física do rio.

Pode-se considerar que a primeira paisagem do Marinho corresponde aos tempos mais remotos, em que os processos geomorfológicos eram inteiramente naturais, quando sofria modificações apenas por ações próprias da natureza. Supõe-se que, antigamente, o Córrego Campo Grande, hoje considerado afluente do Marinho, era o curso principal do rio, em uma bacia hidrográfica de aproximadamente 26 quilômetros quadrados<sup>4</sup>. Esta afirmativa não foi encontrada em nenhuma bibliografia pesquisada, entretanto, a realização de estudos de altimetria da bacia do rio,

---

<sup>3</sup> Disponível em: <[www.morrodomoreno.com.br/materias/rio-marinho.html](http://www.morrodomoreno.com.br/materias/rio-marinho.html)> acessado em 24/09/2017.

<sup>4</sup> A área dessa bacia foi estimada por Silva (2013). Estudos apresentados pelo geógrafo Sartório (2013) apresentam a área da bacia do Rio Marinho atualmente, tendo como principal afluente o Córrego Campo Grande. Portanto, acredita-se que antes da ligação do Marinho com o Jucu, o curso original do então denominado “rio das Roças-Velhas” era através do Córrego Campo Grande.



elaborados pelo autor desta dissertação em 2013, bem como outros aspectos históricos que serão apresentados a seguir, contribuiu para este autor chegar a esta suposição. Ressalta-se a necessidade de realização de novos estudos com o objetivo de comprovar esta hipótese apresentada por Silva (2013).



Figura 2 - Suposição do percurso natural do Rio Marinho.  
Fonte: Silva (2013), modificado pelo autor.

A primeira intervenção humana na paisagem do Marinho que se tem registros foi realizada pouco após a chegada dos colonizadores portugueses, em expedição empreendida pelo donatário da capitania do Espírito Santo, Vasco Fernandes Coutinho em 1535. O jornal “A Folha da Victoria” publicou em sua página sobre “Historiographia” o acontecimento ocorrido em 20 de agosto de 1536:

Vasco Fernandes Coutinho, 1º donatário da Capitania do Espírito Santo, achando-se de volta em Portugal, fez escriptura publica com sua mulher D. Izabel Fernandes, a terra desta Capital, que se chamava – Ilha de S. Antônio, por ter sido explorada a 13 de Junho de 1536, a Duarte de Lemos, de quem tomára depois o nome. Era Lemos fidalgo da Casa Real por serviços prestados na Índia, e que viéra da Bahia auxiliar o donatario na guerra dos tupiniquins e outros selvagens. Primeiramente obtivéra por aforamento para levantar engenho de assucar nas immediações do rio – Marinho ou Roças Velhas. (A FOLHA DA VICTORIA, 30 ago. 1883, p. 4)

Segundo Derenzi (1995), o fidalgo Duarte de Lemos<sup>5</sup>, companheiro de Coutinho, recebeu por doação a ilha de Santo Antônio, atual ilha de Vitória, para desenvolver atividades agrícolas:

<sup>5</sup> Durante a pesquisa, verificou-se que o nome do fidalgo “Duarte de Lemos”, como escreve Derenzi (1995), também foi encontrado como Duarte Lemos.

Montou um engenho de açúcar, cujas plantações de cana se estendiam por toda a encosta oeste do morro São Francisco. Essas lavouras foram abandonadas tempos após, circunstância que lhes valeu a denominação de 'roças-velhas'. Igual destino coube aos canaviais do Rio Marinho" (Derenzi, 1995 p. 26).

Segundo este autor, a denominação "roças-velhas" era utilizada para toda a zona a oeste da Vila de Vitória, incluindo a foz do Rio Marinho, que "*teve igual nome dado por Duarte de Lemos*" (Derenzi, 1995, p. 86).

### **3.1. A abertura do canal pelos jesuítas**

Com a chegada dos jesuítas em terras capixabas, com a suposta missão de catequizar os índios e promover fé católica, o Marinho passou pela primeira grande transformação da paisagem. A interligação do rio Jucu ao Marinho, na altura da atual foz do Córrego Campo Grande – atualmente considerado afluente do Marinho – alterou bruscamente a dinâmica fisiográfica da região.

Os primeiros integrantes da Companhia de Jesus – fundada em 1534 pelo espanhol Inácio de Loyola – foram enviados ao Brasil pelo rei português D. João III para catequizar os índios, devido aos constantes ataques entre populações indígenas e portugueses que estavam atuando na colonização. Em abril de 1551 chegou a então Vila de Vitória o padre Afonso Brás, primeiro jesuíta a desembarcar na Capitania do Espírito Santo (Oliveira, 2008).

Em todo o Estado, foram implantados fazendas e aldeamentos, em locais que posteriormente se transformaram em povoados e vilas. Os jesuítas tiveram um papel importante na catequização dos índios, no ensino da língua portuguesa e de atividades relacionadas à agricultura – para alguns a finalidade era de submissão.

A Fazenda Araçatiba foi descrita por Balestrero (1979) como a maior fazenda da costa brasileira, "*com cerca de 852 serviçais no seu trabalho, entre negros, escravos e índios*" (Balestrero, 1979, p. 69). A produção desta fazenda abastecia o Colégio São Thiago e a Vila de Vitória, que até meados do século XIX era uma pequena vila restrita ao núcleo urbano inicial da ilha.

Além do trabalho agrícola, apresentava outras especialidades que a tornaram a mais falada de toda a região. Estava dividida em quatro

fazendas de gado ou currais, além de sete datas de terras, estendendo-se até Barra do Jucu e Ponta da Fruta, no município de Vila Velha; Campo Grande no município de Cariacica, medindo quase dois mil alqueires de terras, no território hoje pertencente a Viana, onde estava localizada a sede, com igreja, residências e senzalas. (Balestrero, 1979, p. 69)

No início do século XVII, o escoamento dessa produção era realizado em canoas pelos meandros dos rios Jacarandá e Jucu até sua foz, na Barra do Jucu, onde era feita a transposição das mercadorias para embarcações maiores, para navegar pela costa marítima até o Porto dos Padres, na ilha de Vitória. Outra forma de transporte, menos utilizada, era através da utilização de tropas de mulas até o Porto Velho, na foz do Rio Marinho, de onde seguia para o Porto dos Padres com a utilização de canoas (Figura 3).



Figura 3 – Localização de Araçatiba e Vitória, com destaque para os rios Jacarandá, Jucu e Marinho.  
Fonte: Silva (2013), modificado pelo autor.

Segundo Caus (2012), as duas formas de transporte eram cansativas, demoradas e com perda de mercadorias. Conhecedores de topografia e engenharia, os jesuítas descobriram que existia um desnível do Rio Jucu para o Rio Marinho:

Após levantamentos, estudos e planejamento, eles decidiram ligar os dois rios em 1712. Foi a primeira obra de engenharia e de transposição de águas de uma bacia hidrográfica para outra que se tem notícia no Brasil. (CAUS, 2012, p. 134)

Para interligar os dois rios, os jesuítas empreenderam uma obra não muito complexa, mas que modificou significativamente o regime das águas desta região. Foi realizada a abertura de um canal entre o Rio Marinho e o Rio Jucu, além um corte em uma pequena elevação localizada às margens do Rio Jucu, com 180 metros de comprimento e 10 metros de altura. Segundo Caus (2012), este canal foi construído exclusivamente com mão-de-obra indígena, de tal forma que, mesmo nas piores condições de estiagem, a velocidade de escoamento das águas era suficiente para evitar o assoreamento, garantindo permanentemente sua navegabilidade (Figura 4).



Figura 4 – Destaque para a ligação dos rios Jucu e Marinho.

Fonte: Silva (2013), modificado pelo autor.

O naturalista francês Auguste de Saint-Hilaire esteve no Brasil entre os anos de 1816 e 1822. Em uma de suas expedições pelo país, passou pelo Espírito Santo em 1816, quando fez um relato detalhado sobre o modo de vida da população,

economia e geografia do estado. No seu caminho entre Guarapari e Vitória, Saint-Hilaire relata a passagem pelo Rio Marinho, destacando a magnitude da obra de engenharia hidráulica e a sua importância para a economia local, de base agrícola.

O Jucu lança-se no Oceano, pouco abaixo da ponte, mas sua embocadura tem pequena profundidade para dar entrada a outros barcos além de pirogas. Esta circunstância havia decidido aos Jesuítas, possuidores de três fazendas situadas a margem do Jucu, a cavarem um canal que, comunicando a ribeira a baía do Espírito Santo, pusesse os gêneros alimentícios ao abrigo dos riscos que corriam ao ser transportados em canoas, por mar. Já tive ocasião de fazer referência a esse canal, noutra parte, o único existente, que eu saiba em todo Brasil meridional, com o de Capetinga, perto de Paracatu, e o das forjas de Gaspar Soares. (SAINT-HILAIRE, 1779-1853)

Em 1828, o então Presidente da Província do Espírito Santo, Ignacio Accioli de Vasconcellos, publicou a “Memória Statistica da Provincia do Espirito Santo escrita no anno de 1828”, que foi enviado ao imperador Dom Pedro I. O historiador José Teixeira de Oliveira classificou a obra como “*uma das mais raras memórias mais ou menos desenvolvidas existentes sobre os três primeiros séculos do Espírito Santo*” (ESPÍRITO SANTO, 1978, p. 5). Vasconcellos descreveu as características da geografia, economia e população da província, além dos aspectos históricos conhecidos e, com relação ao Rio Marinho, descreveu:

Não há canal algum [na Província] que seja obra d’ Arte, unicamente passa por tradição que o Rio Marinho que nasce no Rio Jucú, e finda no Rio Espirito Santo<sup>6</sup> meio quarto de legoa distante da Cidade<sup>7</sup> foi aberto aos braços no tempo dos Padres da Companhia [de Jesus]. (ESPÍRITO SANTO, 1978, Sv).

Em 1861, outro Presidente da Província à época, José Fernandes da Costa Pereira Junior, escreveu seu relatório de governo fazendo referência à abertura do canal Marinho:

O rio Jucú que desagua no mar a distancia de 2½ leguas ao sul da villa do Espirito Santo [atual Vila Velha], presta-se a navegação de canôas; mas com o canal denominado Marinho, aberto antigamente pelos padres da companhia, as canôas entrão hoje pela Bahia da Capital pelo fundo no rumo do Oeste, evitando assim a grande volta do Monte Moreno pelo mar. (RELATORIO DE GOVERNO, JOSE FERNANDES C PEREIRA JR, 1861, DIGITALIZADO ARQUIVO PUBLICO, PG 132)

<sup>6</sup> A Baía de Vitória já foi caracterizada como um rio, sendo encontrada essa referência também em mapas históricos.

<sup>7</sup> Referência à cidade de Vitória.

Destacam-se as divergências com relação ao ano de execução do canal, pois, segundo Caus (2012), a abertura do canal é de 1712; Derenzi (1995) afirmou que a obra foi feita quatro anos mais tarde, em 1716, “para transporte da produção de Araçatiba diretamente ao pôrto dos Padres, evitando a passagem oceânica pela foz do Rio Jucu” (Derenzi, 1995, p. 91). Balestrero (1979), por sua vez, afirma que os jesuítas fizeram a abertura do canal no ano de 1740:

(...) tiveram que sanear os grandes pantanais existentes, inclusive abrir um longo canal de 12 quilômetros de extensão, ligando o rio Jucu a Vitória, a fim de encurtar o longo itinerário do rio pela Barra do Jucu. Este Canal aberto em 1740 foi o primeiro construído no país. (BALESTRERO, 1979, p. 69)

Outra divergência encontrada nos autores pesquisados diz respeito à extensão do canal. Enquanto Caus (2012) refere-se à ligação do Marinho com o Jucu, Balestrero (1979) relata que o canal foi totalmente aberto pelos jesuítas, desde o Rio Jucu até a Baía de Vitória. Salienta-se que as pesquisas realizadas evidenciam a pré-existência do Rio Marinho antes da sua interligação com o Rio Jucu. Nesse sentido, entende-se que Balestrero (1979) cometeu um equívoco ao afirmar que toda a extensão do Rio Marinho foi aberto pelos jesuítas.

Apesar de vários autores atribuírem esta obra de interligação dos rios Jucu e Marinho aos jesuítas, destaca-se uma contestação apresentada pelo redator do jornal “O Espírito-Santense”, Bazilio Carvalho Daemon. Em 30 de junho de 1886 publicou-se no jornal uma cópia dos dados históricos e geográficos de Vitória, com texto fazendo referência ao canal aberto pelos jesuítas. Daemon contestou essa versão:

Ha engano, este canal, a que mais tarde se deu nome de rio Marinho, foi aberto pelos agricultores Capitaõ Ignacio Pereira de Barcellos, Miguel Ribeiro Pinto, Manoel Miguel dos Anjos, Vicente Pereira de Jezuz e D Simphoroza de Almeida Coutinho, em fins do seculo passado, sendo em 1816 limpo e melhor canalizado por ordem do Governador Rubim. (O ESPIRITO SANTENSE, 30 jun. 1886, p. 03)

Devido à consistência dos dados encontrados em fontes primárias, tais como livros e relatórios de governo do século XIX, decidiu-se manter a versão de que o canal fora aberto pelos jesuítas. Além disso, considerando a imprecisão do ano em que foi realizada a abertura do canal, optou-se não precisar o ano da sua realização, mas sabe-se que a obra ocorreu na primeira metade do século XVIII.



Portanto, entende-se que os jesuítas empreenderam uma obra que modificou definitivamente a geomorfologia do Rio Marinho. Obras posteriores, na década de 1950, também resultaram em novas modificações na bacia hidrográfica do Marinho, e serão apresentadas adiante.

A Companhia de Jesus permaneceu no Espírito Santo desde 1551 até sua expulsão pelo Marquês de Pombal, em 1759. Os jesuítas contribuíram para a formação de vilas e cidades, deixando um legado na história, cultura e arquitetura do Espírito Santo. Pode-se afirmar, ainda, que a obra logística empreendida de ligação dos rios Jucu e Marinho também é uma marca deixada pela Companhia, que transformou definitivamente a geomorfologia da região.

### **3.2. O Rio Marinho no Século XIX**

Após a saída dos jesuítas em 1759, verifica-se que o Rio Marinho manteve sua importância para a navegação, como uma via de acesso ao interior capixaba. A partir da ligação dos rios Jucu e Marinho, este canal se transformou em um corredor de transporte, por meio da navegação. Assim, foi possível desenvolver atividades rurais na sua região de influência, tendo o Marinho como um meio para a circulação de gêneros agrícolas, ferramentas, armas, munições e pessoas, conectando toda a região dos vales dos rios Jucu e Formate à cidade de Vitória.

Em relatórios de governo do período imperial brasileiro, foram encontradas referências à navegação pelo rio, desde a baía de Vitória até a região de Viana, passando pelos rios Marinho, Jucu e Santo Agostinho, permitindo o escoamento da produção agrícola:

Por esses rios navegão os habitantes do sertão de S. Agostinho e de muitas fazendas e sítios, que bordão suas margens. Por eles exportão todos os productos de suas lavouras, e transportão os gêneros que levão d'esta cidade. (RELATÓRIO DE GOVERNO DE LUIZ PEDREIRA DO COUTO FERRAZ, 1848, pp. 38-39)

Periodicamente, era necessária a realização de limpeza e desobstrução do canal, para facilitar a navegação. Também se verificam as dificuldades de recursos e operacional que a então província do Espírito Santo tinha à época do império. Os presidentes da província solicitavam ajuda aos fazendeiros do entorno dos rios, que

também os utilizava para escoar sua produção para a cidade de Vitória, alegando não possuir recursos suficientes para execução das melhorias necessárias. Em relação à limpeza do Rio Marinho, o Presidente Francisco F. Correa, em 1871, relatou na mensagem de governo o apelo feito aos fazendeiros do entorno do Rio Marinho:

Tive noticia que o rio Marinho, que tanto se presta á navegação em canôas desde Vianna até esta capital, especialmente para o transporte dos productos agrícolas, estava muito obstruído e assás difficultosa a mesma navegação. Confiando no prestigio de alguns fazendeiros residentes em Vianna, á elles em favor desse beneficio que se poderia effectuar com o auxilio dos particulares.

Não foi de balde o meo apelo. Em menos de 15 dias concluiu se a limpa desse rio, sem o menor dispêndio para a provincia. (RELATÓRIO DE GOVERNO DE FRANCISCO F CORREA, 1871, pp. 82-83)



Figura 5 – Mapa da Província do Espírito Santo, de 1873, com destaque para o Rio Marinho, apresentado em sua totalidade no Anexo I.

Fonte: Biblioteca Digital Luso-Brasileira, modificado pelo autor.

A navegação fluvial, de fato, era o principal meio de acesso aos sertões do interior capixaba. O Rio Marinho possuía dimensões que permitia, inclusive, a navegação fluvial a vapor, fazendo parte da rede hídrica de transportes ainda no século XIX. Em reportagem do jornal “O Espírito-Santense” de 1878 esta condição é destacada, quando foi noticiada a aprovação do contrato de navegação que tinha como beneficiário José Ribeiro Coelho:



Em resposta ao officio que Vme. me dirigiu em data de hontem, sob n.º 3, á que acompanhou a copia do contracto que na Secção do Contencioso assignara o negociante José Ribeiro Coelho para a navegação fluvial a vapor nos portos d'esta capital, villa do Espirito-Santo, Itaquare, Cariacica, rio de Santa Maria até a Barra de Mangarahy, rio Jucú pelo canal do rio Marinho até o porto de Mucury e o rio Uma da cidade da Serra, lho declaro que approvo o mesmo contracto. (O ESPIRITO-SANTENSE, 19 jan. 1878, p. 1)

Além da utilização para a navegação, nas últimas décadas do século XIX o Rio Marinho também passou a ser utilizado para complementar o abastecimento de água potável de Vitória. A preocupação era maior nos meses de pouca chuva:

O abastecimento d'água n'esta capital é uma d'estas medidas que basta mencionar-se, e nem se faz preciso aduzir argumentos para demonstrar verdade tão intuitiva. A abundancia d'este elemento é indispensavel á quase todos os misteres da vida, como de incontestavel utilidade á hygiene publica. (...) Infelizmente não existe esta abundancia; nos mezes em que desaparecem as chuvas ha grande falta, como ultimamente aconteceu, e á tal ponto que a população teve necessidade de recorrer á pessima agua do rio ou valla do Marinho para não soffrer os horrores da sede. (RELATÓRIO DE GOVERNO DE ANTONIO JOAQUIM RODRIGUES, 1866, pp. 28-29)

Sabia-se à época que a cidade de Vitória necessitava uma solução para essa questão. A captação de água no Rio Marinho, por barris e transportadas por canoas até Vitória, foi uma ação paliativa encontrada para o problema:

A câmara municipal para obviar os conhecidos inconvenientes da falta d'agua, que está sofrendo a população da cidade, determinou mandar conduzir do rio Marinho para o caes d'Alfandega, duas vezes ao dia, grandes canôas carregadas d'agua para abastecimento da população. O serviço começa hoje, sendo a distribuição feita ás 6 horas da manhã e ás 6 da tarde. (A PROVINCIA DO ESPIRITO SANTO, 31 jan. 1886, p. 2)

Muitas pessoas criticavam a captação de água do Marinho, pois por tratar-se de um rio que atravessava regiões pantanosas, não se acreditava na sua qualidade. O jornal "A Província do Espírito Santo" passou a fazer alertas constantes para a população não consumir as águas do Marinho:

Começou hontem a distribuição gratuita ao povo de agua do rio Marinho, mandada buscar por conta da municipalidade. Novamente aconselhamos á população que não se utilize d'essa agua para beber ou para banhos frios, pois aquelle rio atravessando logares pantanosos a agua n'elle apanhada póde ser vehiculo de miasmas palustres. (A PROVINCIA DO ESPIRITO SANTO, 10 abr. 1889, p. 2)

A resolução do problema, conforme será demonstrado adiante, só vai acontecer em meados do século XX. Verifica-se, durante esse período, que o Rio Marinho continuou a complementar o abastecimento de Vitória, em épocas de estiagem.

Foram encontrados indícios de que a força das águas do Marinho era tamanha que chegava a fazer vítimas de afogamentos e naufrágios. Reportagens encontradas em jornais de fins do século XIX e início do século XX relatam esses acontecimentos:

Em 17 de Maio, foi encontrado no rio Marinho o cadaver de Manoel, escravo de Thiago José da Silva, que afogara-se na ocasião em que descia o rio em viagem para esta Cidade. (RELATÓRIO ASS. LEG. PROVINCIAL, ALPHEO A MONJARDIM DE A. E. ALMEIDA, 21 MAR. 1882)

Estamos informados que o negociaute Manoel Gonsalves Lima da Cruz, dono da canôa em que vinha Francisco Lopes, tem empregado todos os esforços para encontrar o cadaver; mas todos em vão. Suppoe-se que esteja preso em algum galho de arvore das margens do rio Marinho. (O HORIZONTE, 14 set. 1882, p. 3)

No domingo, no rio Marinho, sossobrou uma canôa tripulada por cinco pessoas, desaparecendo uma d'ellas, Maria Joaquina da Victoria Machado. O sr. Delegado de policia, tendo sciencia do facto, recommendou ao subdelegado de policia do distrito que proceda a exame e auto do corpo de delicto, logo que apareça o cadaver de Maria Joaquina, e abra já inquerito, afim de verifica-se si a morte foi ou não casual. (O ESTADO DO ESPIRITO SANTO, 18 mar. 1890, p. 3)

Portanto, pode-se afirmar que durante o século XIX o Rio Marinho manteve sua importância para a navegação, ganhando ainda a função de complementar o abastecimento de água da cidade de Vitória. A relevância do Rio Marinho para a região de Vitória pode ser constatada no “Esboço da Planta da Ilha da Victoria”, elaborado em 1896 por Saturnino de Brito, onde este apresenta o projeto do Novo Arrabalde<sup>8</sup>, destacando o relevo, a hidrografia e a toponímia dos principais elementos geográficos. De todos os rios que desaguam na baía de Vitória<sup>9</sup>, apenas o Marinho teve sua toponímia adicionada ao mapa – possivelmente por ser um dos mais importantes à época. Destaca-se, ainda, a vastidão dos manguezais no

<sup>8</sup> O Novo Arrabalde foi projetado pelo engenheiro sanitaria Saturnino de Brito em 1896, com o objetivo de ampliar a área urbana de Vitória para o leste da ilha. Atualmente verifica-se a manutenção de grande parte dos aspectos do seu projeto original, presente em bairros como Praia do Canto e Santa Lúcia ou nas avenidas Leitão da Silva e Nossa Senhora da Penha.

<sup>9</sup> Outros rios que desaguam na baía de Vitória: Santa Maria da Vitória, Bubu, Itanguá, Aribiri e da Costa, além de cursos d'água menores com nascentes localizadas na ilha de Vitória.

entorno da ilha de Vitória, bem como sua presença na foz do Rio Marinho – este mapa é apresentado por completo no Anexo II.

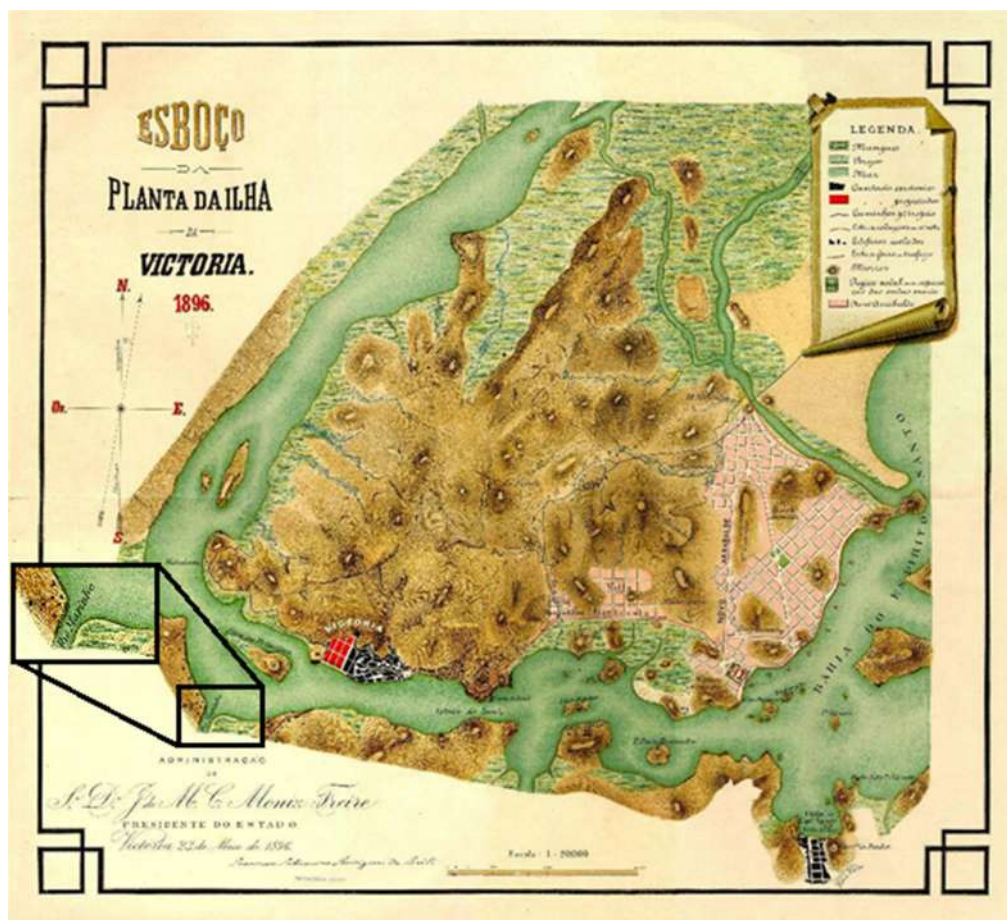


Figura 6 – Planta de Vitória de 1896, com destaque para a foz do Rio Marinho.

Fonte: Acervo APEES, modificado pelo autor.

Nas três últimas décadas do século XIX, apesar da predominância do transporte por via fluvial, foram planejadas outras possibilidades de transporte, nos modais ferroviário e rodoviário, com vistas a facilitar a comunicação com o interior e estados vizinhos. Em relatório de governo publicado no dia 06 de Novembro de 1873, pelo Presidente da província do Espírito Santo, Manoel Ribeiro Coitinho Mascarenhas, autorizou-se “a despendar a quantia necessária para a construção de uma ponte sobre o rio Marinho” (RELATÓRIO DE GOVERNO DE MANOEL MASCARENHAS, 1873, p. 7).

A construção de pontes para estradas de rodagem tornou-se pauta governamental, quando começou a ser empreendida uma ponte sobre o Rio Marinho. Conforme será demonstrado a seguir, o advento da República, na virada dos séculos XIX e XX, trouxe novas mudanças para o Rio Marinho, principalmente na região de sua foz.

### **3.3. O Rio Marinho no começo do Século XX**

A construção das primeiras ferrovias e rodovias, para conectar Vitória ao interior e estados vizinhos, tiveram seus traçados iniciados na região do Marinho, com a construção de pontes sobre o rio. Duas ferrovias foram construídas: a Estrada de Ferro Vitória a Diamantina, que anos mais tarde teve seu trajeto inicial desviado, após a descoberta das jazidas de minério na região de Itabira/MG, passando a ser denominada Vitória-Minas (Silva, 2004); e a Estrada de Ferro Leopoldina, ligando o Espírito Santo ao Rio de Janeiro. As estações iniciais foram construídas na região dos atuais bairros de São Torquato e Argolas, em Vila Velha, às margens da baía, e acessadas pelos usuários de Vitória acessavam por embarcações até a inauguração da Ponte Florentino Avidos, em 1928.



Figura 7 – Ponte da Estrada de Ferro Vitória-Minas, sobre o Rio Marinho, em 1907.

Fonte: Acervo José Luiz Pizzol.

A “Planta da Ilha da Victoria, do Acoradouro e Barra”, de 1927-28<sup>10</sup>, apresenta os aspectos logísticos da capital capixaba, por via terrestre e marítima. A imagem seguinte apresenta um detalhe da planta, na região da foz do Rio Marinho – a planta completa encontra-se no Anexo III. As setas indicam a localização das estações, sendo a amarela para a estação da Estrada de Ferro Leopoldina e a vermelha para a Estação São Carlos – posteriormente denominada Pedro Nolasco, da ferrovia Vitória-Minas. Destaca-se a proximidade das estações com a foz do Rio Marinho, indicado pela seta azul, contribuindo para tornar essa região como uma “porta de entrada” para a cidade de Vitória.

<sup>10</sup> A planta faz referência a um levantamento de “calado verificado na baixa mar, em braças, em Dezembro de 1927”. Por isso, supõe-se que sua elaboração tenha sido feita entre 1927 e 1928. Naquela época, o município de Vila Velha se chamava Espírito Santo.



Figura 8 – Detalhe da “Planta da Ilha da Victoria, do Ancoradouro e Barra”, de 1927-1928.

Fonte: Acervo APEES, modificado pelo autor.

Com efeito, o início do período republicano no Espírito Santo foi marcado por novos projetos com o objetivo de modernizar o Estado, com melhorias urbanas, dinamização do porto e da economia, com vistas ao progresso da cidade. Esses planos urbanos eram intitulados “Plano de Melhoramentos e embelezamento de Vitória”, “Serviços de melhoramentos...” (BOTECHIA & BORGES, 2014).

Em 28 de agosto de 1921, o presidente da província do Espírito Santo, Nestor Gomes, recebeu uma carta de Alfredo M. de Siqueira Couto, intitulada “Nosso melhoramento”, pedindo a “*permissão para dizer alguma coisa sobre o plano de melhoramentos da Victoria*” e contendo algumas observações com relação às propostas de modernização empreendidas pelo governo estadual (DIÁRIO DA MANHÃ, 02 set. 1921, p. 3). Nessa carta, encontram-se indícios de que já existiam pontes sobre o Rio Marinho, pois, avaliando a localização planejada para a primeira ponte ligando a ilha de Vitória ao continente, o autor da carta sugeriu outro local, com a finalidade de evitar interferências com “*o trafego de pequenos barcos, como acontece actualmente com as [pontes] do rio Marinho*” (DIÁRIO DA MANHÃ, 02 set. 1921, p. 3). Possivelmente estas pontes construídas sobre o Rio Marinho eram de pequenas dimensões que, segundo o autor, atrapalhavam a navegação.

Para Alfredo Couto, a construção do cais do porto na ilha de Vitória – lado norte da baía – era equivocada. Segundo suas argumentações, os aterros para viabilizar o



porto na ilha de Vitória necessitariam investimentos vultosos, ao passo que o lado sul da baía possuía melhores condições de crescimento; além de uma facilidade maior de acesso ferroviário, pois não precisaria atravessar a baía – a primeira ponte a atravessar a baía só seria concluída em 1928, no governo Florentino Avidos:

Nos terrenos conquistados ao mar por aterros dos mangues de pequena profundidade, que ficam entre o S. Carlos e o Porto Velho [atual bairro São Torquato], e nas vastas planícies que se estendem pelas margens do Marinho, se teria vastíssima area para erecção de grandes armazens commerciaes e vastos estabelecimentos fabris para industrias que com o tempo aqui surgirão; tem ainda essa vasta superficie a vantagem de ser desabrigada de montanhas pelo lado Norte, o que facilita o seu arejamento no estio, pelos ventos desse quadrante, satisfazendo assim ás melhores condições hygienicas. (DIARIO DA MANHÃ, 02 set. 1921, p. 3)

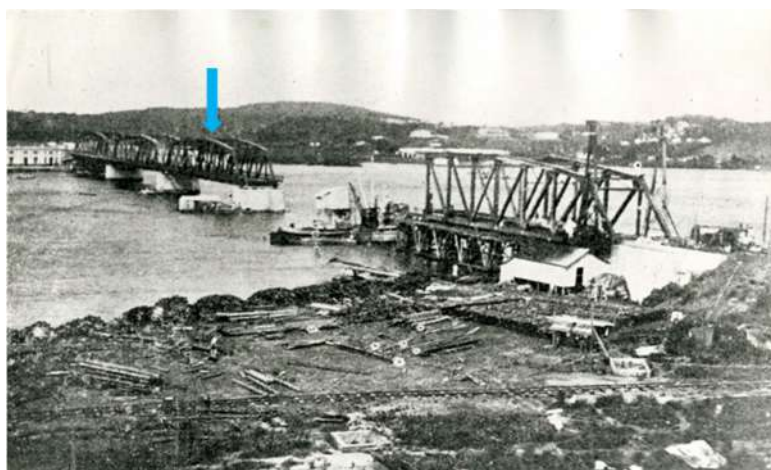


Figura 9 - Montagem da Ponte Florentino Avidos, em 1927. A seta azul indica a foz do Rio Marinho.

Fonte: <[deolhonailha-vix.blogspot.com.br/2010/10/construcao-da-ponte-florentino-avidos.html](http://deolhonailha-vix.blogspot.com.br/2010/10/construcao-da-ponte-florentino-avidos.html)> acessado em 10/11/2017, modificado pelo autor.

Verifica-se que desde a segunda metade do século XIX existia uma intenção governamental de se construir uma ponte rodoviária sobre o Rio Marinho. A Lei nº 678, de 1910, autorizou o então presidente do Estado, Jerônimo de Souza Monteiro, “a mandar orçar e fazer uma ponte sobre o rio Marinho”. Entretanto, não foram encontrados indícios de que a referida ponte foi construída nessa época.

Encontraram-se projeto e referências à construção de uma ponte sobre o Rio Marinho anos mais tarde, na década de 1920, no governo de Florentino Avidos. A ponte foi construída para a estrada de rodagem de Vitória a Cariacica, que posteriormente teria prolongamentos para o interior:

Até princípios de 1926, foram concluídos 12.000 metros [da Estrada Vitória-Cariacica], tendo a Estrada o Porto do Itaquare as como ponto de partida

provisório. Atendendo-se, porém, ao objectivo de alcançar a ponte de ligação de Victoria ao Continente [Ponte Florentino Avidos], e consequentemente completar a ligação da Capital a Affonso Claudio, foram atacados os dois kilometros restantes, que já se acham concluidos, como tambem a ponte sobre o rio Marinho. (RELATÓRIO DE GOVERNO DE FLORENTINO AVIDOS, 1928, p. 276)

Em 1922, foi apresentado o projeto com o título “Ponte sobre o Rio Marinho – Estrada Rodagem Cariacica – Variações do Primitivo Projecto”, evidenciando tratar-se de uma modificação de projeto já existente à época – o projeto é apresentado em maior escala no Anexo IV.

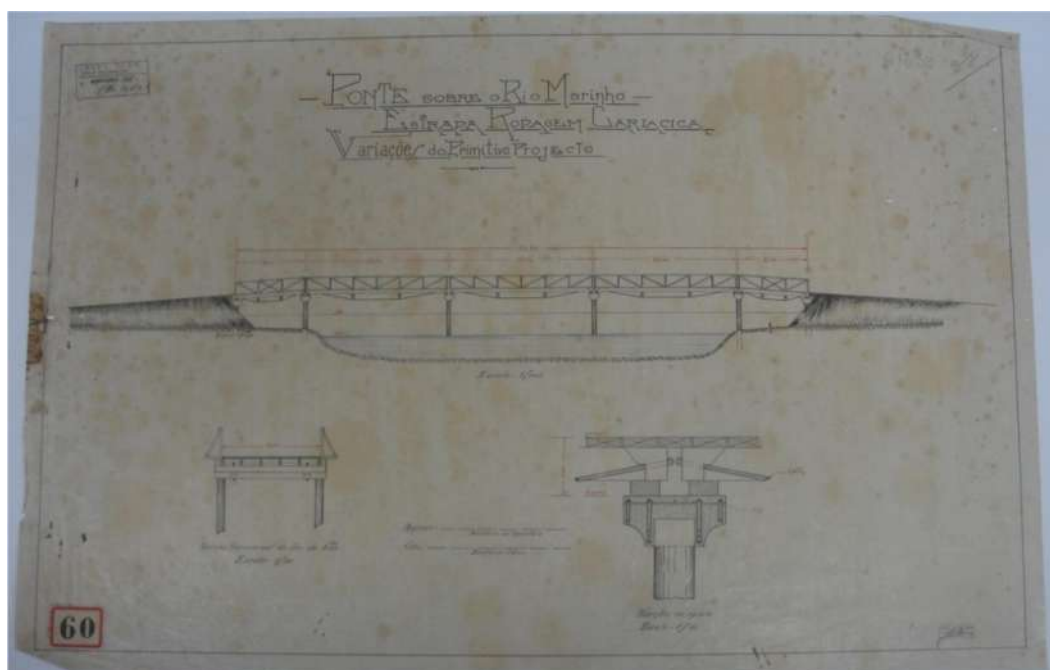


Figura 10 – Fotografia do projeto original da ponte sobre o Rio Marinho, de 1922.  
Fonte: Acervo APEES.

As características da ponte estão descritas no relatório de governo Avidos:

Situada na estrada de Victoria a Cariacica. Tem 40 metros de comprimento dividido em 3 vãos centrais de 10 metros e dois extremos de 5 metros. A sobreestrutura é de madeira, sendo as vigas armadas inferiormente com tirantes de ferro. Os pilares são feitos de estacas de cimento armado. (RELATÓRIO DE GOVERNO DE FLORENTINO AVIDOS, 1928, p. 306)

A fotografia apresentada adiante (Figura 11), digitalizada do relatório de governo de Florentino Avidos, permite verificar aspectos da ponte construída que remetem ao projeto de 1922, como o formato dos pilares sobre o rio.



Estrada de automoveis de Victoria a Cariacica. Ponte sobre o rio Marinho

Figura 11 – Ponte sobre o Rio Marinho.

Fonte: Relatório de Governo de Florentino Avidos, 1928, p. 291.

Outros aspectos que se destacam nesse período, referem-se às práticas sociais com relação ao rio. Em fins do século XIX e início do século XX, o remo era um dos esportes mais difundidos no Rio de Janeiro, e essa influência chegou ao Espírito Santo. As figuras 12 e 13, fotografadas nos anos de 1908 e 1913, retratam integrantes do clube de regatas Saldanha da Gama praticando esse esporte nas águas do Rio Marinho. Destaca-se a presença de vegetação densa às margens do Rio Marinho.



NA VICTORIA—Arary e Brasil, do Club Saldanha da Gama, por ocasião do pic-nic no Paúl na margem do rio Marinho

Figura 12 – Recorte da revista “O Malho”, de 1908.





Figura 13 – Praticantes de remo no Rio Marinho em 1913.

Fonte: Acervo José Luiz Pizzol.

A realização de passeios com piquenique às margens do rio, os chamados “convescotes”<sup>11</sup>, também eram praticados. O jornal “Diário da Manhã” de 02 de dezembro de 1932 noticia o encerramento do ano escolar das escolas de Itaquari:

Foi verdadeiramente encantador o encerramento dos trabalhos nas escolas de Itaquari. As professoras Lydia Varejão Passos Costa e Francisca Nascimento Carvalho realizaram um convescote no Rio Marinho, onde fizeram distribuição dos certificados de aprovação e prêmios aos alunos que mais se distinguiram durante o ano letivo. (DIÁRIO DA MANHÃ, 02 dez. 1932, p. 01).

Itaquari é um bairro de Cariacica, próximo à foz do Rio Marinho. A notícia do convescote realizado em dezembro de 1932, evidencia a existência do bairro à época. Conforme será demonstrado no subcapítulo a seguir, verifica-se que a região da foz do Rio Marinho começou a se urbanizar entre as décadas de 1920 e 1930. A localização da região, sob o aspecto logístico, com a chegada de ferrovias, estradas e pontes, motivou o início dessa urbanização.

<sup>11</sup> “Um convescote ou piquenique é uma atividade de entretenimento que consiste na realização de uma refeição ao ar livre, como um lanche ou almoço. Geralmente os lugares escolhidos são campos, florestas e relvados, para usufruir do contato com a natureza e a vida selvagem”. Fonte: Disponível em <[dicionariportugues.org/pt/convescote](http://dicionariportugues.org/pt/convescote)> Acessado em 12/03/2017.

### **3.4. O início da urbanização**

As ocupações mais antigas, das décadas de 1920 e 1930, foram registradas em Itaquari (Cariacica), São Torquato e Cobi (Vila Velha), promovidas pela facilidade de acesso à capital capixaba por via aquática e, a partir de 1928, por via rodoviária, com a conclusão da ponte Florentino Avidos, conhecida como Cinco Pontes.



Figura 14 - Bairros surgidos nas décadas de 1920 e 1930.

O livro Flores do Pântano, de Baptista (2011) fala do surgimento do bairro São Torquato na década de 1930, motivado pela sua posição de acesso à Vitória. Entretanto, foram encontradas evidências de que já na década de 1920 o bairro São Torquato apresentava características de urbanização. A edição do jornal “Diário da Manhã” do dia 30 de julho de 1924 noticiou um pedido dos moradores direcionado ao poder público reivindicando melhorias:

Perin Giácomo, pedindo por si e pelos demais habitantes da localidade de São Torquato, uma pena d’agua que abastecendo aquelle local venha beneficiar diversas famílias. – A’ Secção de Obras para providenciar. (DIÁRIO DA MANHÃ, 30.07.1924, p. 3-4).

A Figura 19 apresenta um anúncio de venda de lotes na região próxima à foz do Rio Marinho, em 1928. A área situava-se entre a recém-inaugurada Ponte Florentino Avidos, o sinuoso Rio Marinho, as estradas de ligação de Vitória com Vila Velha e Cariacica, e o “Morro do Coby”:

VENDEM-SE TERRENOS no Morro do Coby, em frente á Ponte Florentino Avidos e na encruzilhada das rodovias Victoria a Villa Velha e Cariacica, banhados pelo navegável rio Marinho, lugar pittoresco, servindo para casas de moradia, armazens, oficinas, depósitos (...). (DIÁRIO DA MANHÃ, 18 out. 1928, p. 6)

Cinco anos antes, na mesma localidade, anunciou-se no jornal “Diário da Manhã” a venda de uma propriedade dotada de qualidades para o desenvolvimento de atividades agrícolas, com *“bôa casa de moradia, toda cercada de arame, pastagens e agua de nascente, no lugar <Coubi>, dividindo-se com a Estrada de Ferro Leopoldina e Rio Marinho”* (DIÁRIO DA MANHÃ, 27 out. 1923, p. 7). Verifica-se, então, que foi no decorrer da década de 1920 que a região onde hoje está situado o bairro Cobi teve a atividade rural substituída por ocupação urbana.

Na década de 1940 o loteamento da família Viola deu origem ao bairro Jardim América, no município de Cariacica. Este loteamento foi importante para abrigar os operários da Companhia Ferro e Aço de Vitória (Cofavi, atual Arcelor Mittal Cariacica). A siderúrgica foi implantada em uma grande gleba, com divisa para o Rio Marinho, cortada pela Estrada de Ferro Leopoldina. A Figura 15 apresenta fotografias de casas populares construídas pela Companhia de Melhoramentos de Vitória no bairro Jardim América, onde *“até então, o terreno baixo era deserto e coberto por vegetação de mangue”* (Teixeira, 2012, p. 91).



Figura 15 – Casas populares em Jardim América.

Fonte: Teixeira, 2012, p. 91.





Figura 16 - Localização da COFAVI e Jardim América, surgidos na década de 1940.

O mapa da Figura 17, na página seguinte, possivelmente da segunda metade da década de 1950, destaca a localização da Cofavi, no círculo azul, em relação à possível localização de estaleiros navais que poderiam ser construídos nos pontos demarcados em vermelho – ressalta-se que essas indicações coloridas fazem parte do mapa original. Este mapa, apresentado em maior escala no Anexo V, reflete o posicionamento estratégico da indústria siderúrgica em implantação com relação à matéria-prima, em Minas Gerais, e o principal mercado consumidor, o Estado da Guanabara – atual Rio de Janeiro<sup>12</sup>.

A rodovia destacada pelo autor, em vermelho, corresponde ao traçado da Rodovia Carlos Lindenberg, que percorre as baixadas de Vila Velha ligando a cidade de Vitória, por meio da Ponte Florentino Avidos, ao centro de Vila Velha. Foi a primeira rodovia asfaltada do Estado, inaugurada por Getúlio Vargas em 21 de setembro de 1951. Rapidamente tornou-se um vetor de crescimento urbano, contribuindo para a

<sup>12</sup> O mapa foi elaborado com objetivo de verificar aspectos logísticos para implantação de estaleiros navais, para construção de navios para transporte de ferro e carvão por via marítima. Apresenta, também, os aterros realizados de 1951 a 1954 em Vitória, além dos traçados da Rodovia Carlos Lindenberg e do bairro Cobilândia, datados em 1951. Por isso, estima-se que o mapa foi elaborado na segunda metade da década de 1950.

formação de novos bairros adjacentes à via, dentre eles Cobilândia, que foi lançado no mesmo dia de inauguração da rodovia.

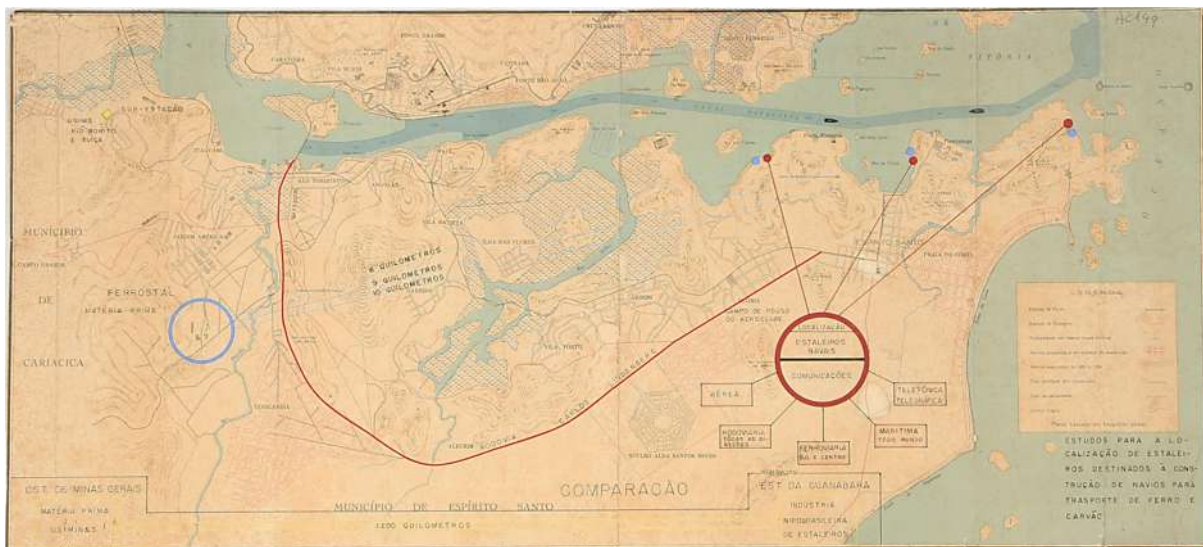


Figura 17 - "Estudos para localização de estaleiros destinados à construção de navios para transporte de ferro e carvão".

Fonte: Acervo APEES, modificado pelo autor.

A Figura 18 apresenta um anúncio de final de ano da Imobiliária Cobilândia, comunicando que a imobiliária *"tem a satisfação de cumprimentar seus inúmeros compradores, admiradores e amigos ao ensejo das festas de fim de Ano e aproveita a oportunidade para agradecer o estímulo e a cooperação que lhe tem sido dispensada"*:

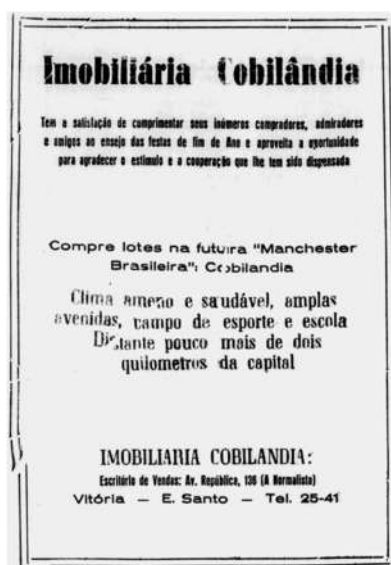


Figura 18 - Anúncio de fim de ano da Imobiliária Cobilândia.

Fonte: Jornal "Folha Capixaba", de 24 de dezembro de 1958, p. 2.

Curiosamente, o anúncio faz referência a “*Manchester Brasileira*”, como uma ação de “*marketing*” para divulgar as potencialidades do novo bairro em implantação. A associação à cidade inglesa fazia uma alusão ao progresso, marcado pelo avanço das relações capitalistas e inovações tecnológicas do período pós-guerras mundiais, sobretudo pela industrialização e difusão do uso do automóvel. Foi em Manchester que começou a funcionar uma máquina a vapor em uma indústria têxtil pela primeira vez na história, em 1789. O discurso de associar uma localidade a Manchester era comum na década de 1950, sendo encontradas referências em outras cidades brasileiras, como Juiz de Fora/MG, São Luís/MA e Sorocaba/SP. A ação de “*marketing*” da imobiliária descreve as principais características do bairro: “*clima ameno e agradável, amplas avenidas, campo de esporte e escola. Distante pouco mais de dois quilômetros da capital*”.



Figura 19 - Localização de Cobilândia, com destaque para a Rod. Carlos Lindenberg.

Utilizando-se de ampliações do mapa da Figura 17, feitas na mesma escala, é possível comparar o novo bairro com o centro histórico de Vitória:





Figura 20 - Ampliações do mapa da Figura 17, comparando Cobilândia e a área central de Vitória.

Fonte: Acervo APEES, modificado pelo autor.

As imagens permitem fazer comparativo da morfologia do novo bairro em relação ao centro de Vitória: as vias são mais largas, traçado retilíneo variando do quadrilátero xadrez ao pan-óptico – encontrado em cidades como Belo Horizonte e Paris (Abe, 1999). Destacam-se, ainda, as dimensões regulares das quadras e os lotes maiores, que permitem a ocupação por indústrias e outros equipamentos urbanos que à época não tinham espaço suficiente para implantação na cidade tradicional de Vitória. O mapa destaca da Figura 21 destaca, ainda, a permanência de vegetação de mangue, bem como os meandros do Rio Marinho:

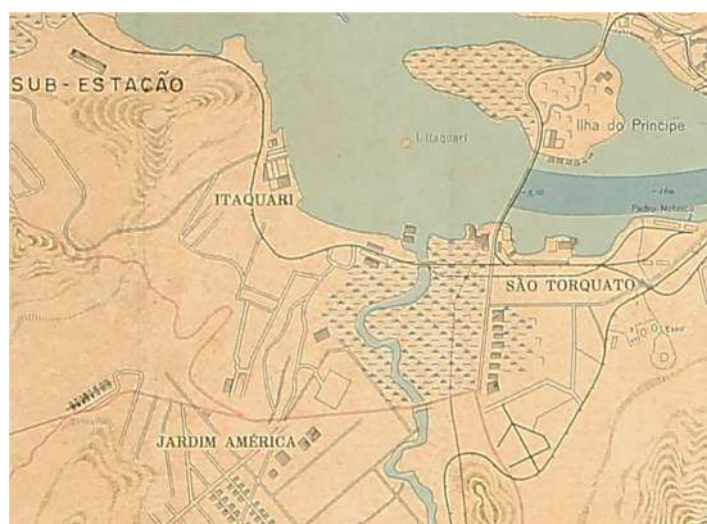


Figura 21 - Ampliação do mapa da Figura 17, destacando o mangue e os meandros do Rio Marinho.

Fonte: Acervo APEES, modificado pelo autor.

### **3.5. De 1956 a 1977: O período da captação de água e das retificações**

Conforme demonstrado anteriormente, a situação do abastecimento de água em Vitória era crítica desde o final do século XIX, quando as águas do Rio Marinho começaram a ser transportadas em barris. Em 1951 foi concluída a construção da barragem de Duas Bocas, em Cariacica, com a promessa de resolver o problema. Entretanto, a obra não obteve sucesso devido à ocorrência de vazamentos em diversos pontos (Caus, 2012).

Diante disso, o Governo do Estado recorreu ao extinto Departamento Nacional de Obras e Saneamento (DNOS), que elaborou um Plano de Emergência para abastecer a capital capixaba de água potável. As principais ações foram a construção de um canal de decantação e adução, paralelo ao Rio Marinho, a estação elevatória de água bruta e a Estação de Tratamento de Água (ETA), no alto de um morro de 68 metros, no bairro Cobi. Com a inauguração da ETA, em 1956, foi iniciada a captação de água no Rio Marinho de forma intermitente.

A Figura 22 a seguir, fotografada na década de 1960 no alto do morro do Cobi, apresenta a casa de bombas de captação de água, localizada no bairro Cobilândia, o canal de adução para captação de água com seu leito retificado e, paralelo a este, o curso original do Rio Marinho, sinuoso.

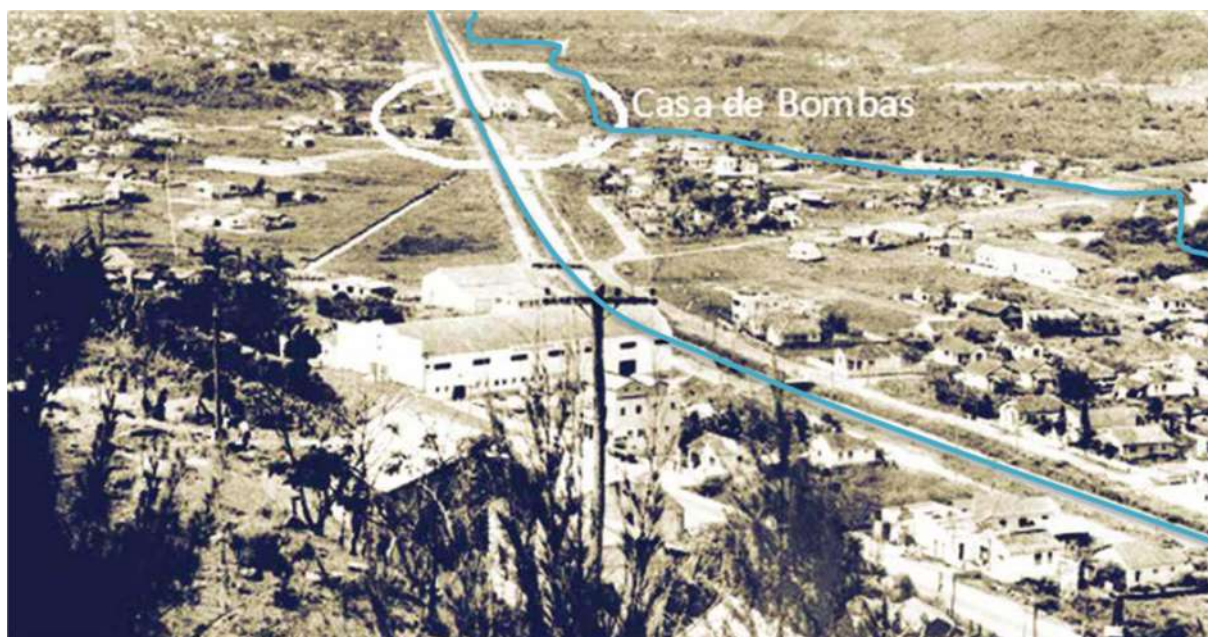


Figura 22 – Localização da casa de bombas, com destaque para o canal retificado e o curso original do Rio Marinho.

Fonte: Caus (2012, p. 121), modificado pelo autor.



O DNOS atuou ainda em outras obras, destacando-se a retificação e o aprofundamento do leito do Rio Jucu, além de sua canalização e a construção de diques em Vila Velha, com o objetivo de aumentar a eficiência da drenagem da planície contígua a este rio no seu trecho inferior. O Rio Formate, que historicamente era afluente natural do Rio Jucu, passou a desaguar no Rio Marinho. Estas obras permitiriam a expansão das áreas agricultáveis na baixada do Jucu em cerca de 6.000 ha, além de permitir a proteção contra as enchentes das planícies de Vila Velha situadas ao norte do rio, que começavam a sofrer um intenso processo de urbanização.



Figura 23 – Rios retificados após intervenções do DNOS.

Uma das principais consequências das obras realizadas no Rio Jucu foi a redução na vazão das águas que fluía para Rio Marinho pelo Canal dos Jesuítas, que estava ativo há mais de 200 anos. O IJSN, em 2009, avaliou que o histórico das obras realizadas desde 1952 neste sistema fluvial, formado pelos rios Jucu, Formate e Marinho, representa uma das mais complexas intervenções já realizadas em uma região fluviomarítima de todo o Brasil.

A implantação das operações da Vale do Rio Doce a partir da década de 1940 marcou uma das maiores transformações do rio, nas proximidades da sua foz. O curso sinuoso e a vegetação de mangue foram suprimidos por aterros, para permitir

a implantação das oficinas de locomotiva da Estrada de Ferro Vitória-Minas. Em detalhe do mapa da “Ilha de Vitória e Arredores”, de 1968, pode-se verificar a retificação do rio no referido trecho – o mapa completo é apresentado no Anexo VI.



Figura 24 - Detalhe de mapa elaborado em 1968, com destaque para a retificação no trecho final do Rio Marinho.

Fonte: Acervo IJSN, modificado pelo autor.

Utilizando-se de fotografias antigas, é possível fazer comparações para verificar as mudanças ocorridas neste trecho final do rio. As duas próximas imagens mostram o antes e depois da retificação, com vistas à implantação dos galpões das oficinas da Vale do Rio Doce. A Figura 25, da década de 1930, evidencia a presença do manguezal e a sinuosidade do Rio Marinho – o mangue já aparece cortado pela estrada de rodagem Vitória-Cariacica, construída na década anterior. A Figura 26, de 1961, apresenta uma fotografia aérea, mostrando o mesmo trecho da foz do rio.



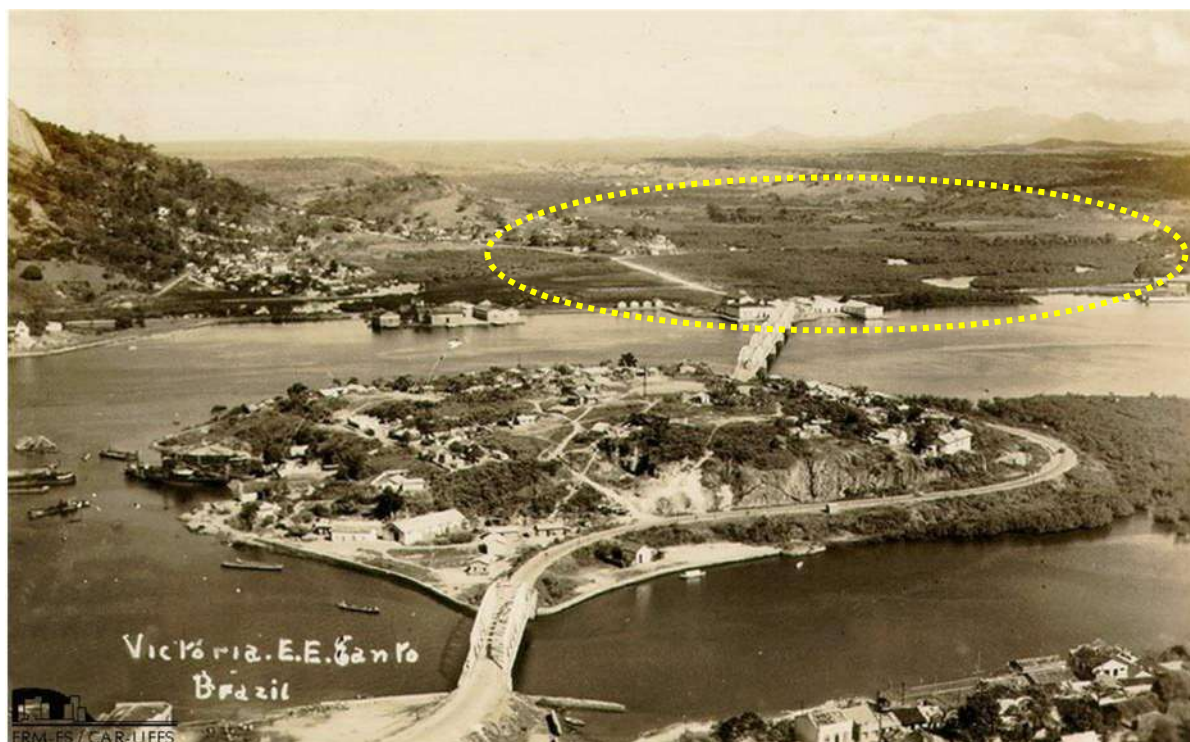


Figura 25 - Foz do Rio Marinho na década de 1930, com destaque para o manguezal.

Fonte: CAR-UFES, modificado pelo autor.

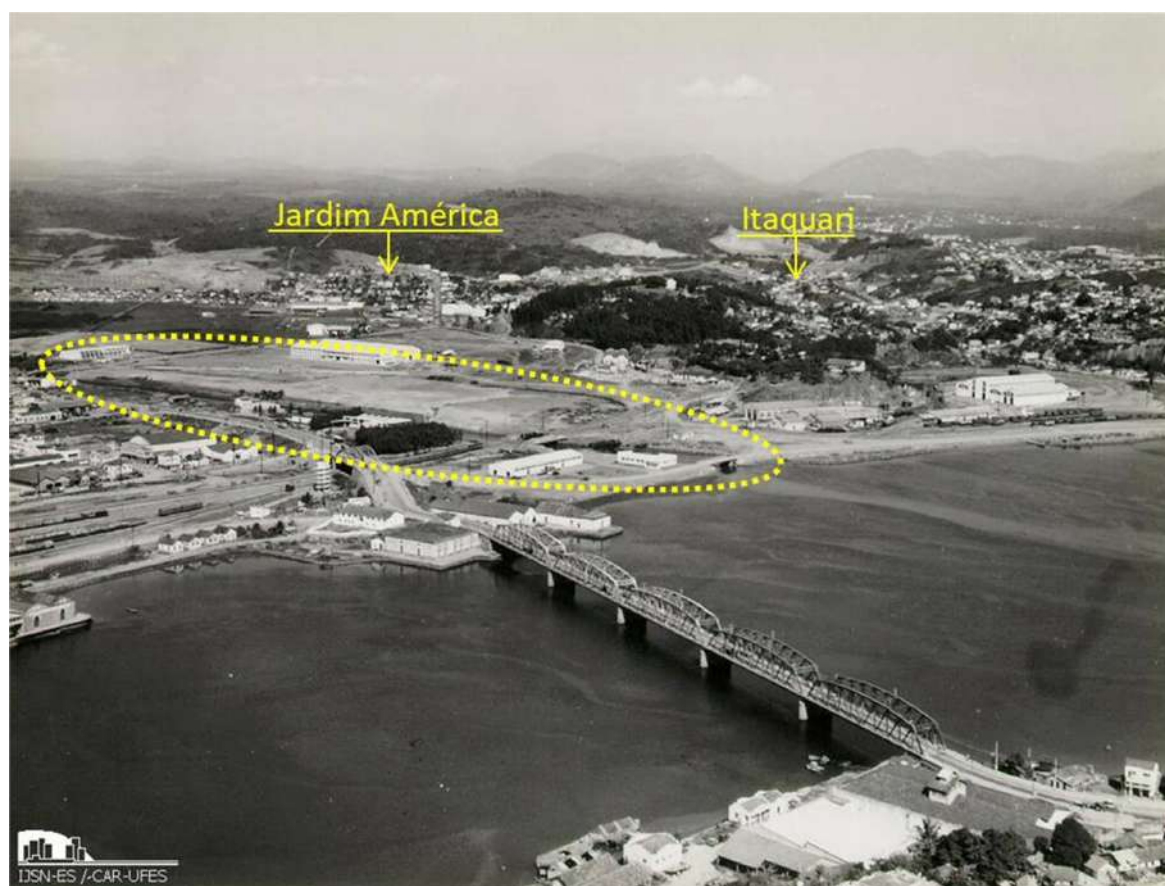


Figura 26 - Foz do Rio Marinho em 1961.

Fonte: CAR-UFES, modificado pelo autor.

Verifica-se que em um período de trinta anos ocorreu uma grande transformação na paisagem da região, causada pelo aterro do mangue e retificação do leito do rio. O Rio Marinho deixou de ter destaque na paisagem, se comparado à fotografia anterior, passando a destacar na paisagem as áreas aterradas, que passaram a abrigar as atividades da Vale do Rio Doce. Destaca-se, ainda, o adensamento da ocupação de bairros na cidade de Cariacica, como Jardim América e Itaquari.

A fotomontagem da Figura 27, a seguir, foi realizada com a união de duas fotografias que mostram o Rio Marinho em abril 1956, com vista para a Ponte do Camelo<sup>13</sup>, que interliga o bairro São Torquato à atual BR-262, e a baía de Vitória ao fundo. Destacam-se na imagem o canal retificado do Rio Marinho e o curso original com seus meandros, resquícios da vegetação de mangue e a ponte sobre o rio, que diminuiu consideravelmente sua seção.

Com efeito, verifica-se que a partir da década de 1950, seguindo na direção norte-sul, ocorreram as mais intensas transformações na geografia física e na paisagem do Rio Marinho. Em comparação à Figura 25, da década de 1930, verifica-se que a paisagem do manguezal é menos exuberante.



Figura 27 - Vista do Rio Marinho na altura da Ponte do Camelo, em abril de 1956.

Fonte: Acervo José Luiz Pizzol.

Na década seguinte, a imagem aérea de 1967 (Figura 28) apresenta outra perspectiva das transformações ocorridas no rio, com a retificação já concluída nessa região – com a vegetação de mangue suprimida por meio de aterros.

<sup>13</sup> Apelido dado à ponte devido a sua forma abaulada. Supõe-se que esta ponte tenha substituído a anterior, de madeira e mais estreita, concluída pelo governo de Florentino Avidos em 1926.



Figura 28 - Vista aérea da foz do Rio Marinho, em 1967.

Fonte: Acervo José Luiz Pizzol.

Siqueira (2010) afirma que a partir da década de 1960 a Grande Vitória experimentava um crescimento econômico que refletia no crescimento das cidades, além de problemas de ordem social:

A magnitude dos problemas metropolitanos de Vitória diz respeito a sua própria população, que, a partir de 1960, passou a se elevar, em termos de aglomeração, num crescimento de ritmo rápido, e a ampliar sérias dificuldades à questão do desenvolvimento urbano. Esse ritmo se mantém pela força de migração, pela taxa de natalidade da população, pelo desenvolvimento industrial (implicando também sérias questões ambientais), e da prestação de serviços. (SIQUEIRA, 2010, p. 89).

Esse processo de crescimento urbano foi impulsionado pelo êxodo rural, motivado pelo início da industrialização na região de Vitória e também pela política de erradicação dos cafezais. Segundo a autora:

O plano Gerca de 'erradicação e indenização' dos velhos cafezais foi implementado em duas fases e atingiu todas as áreas produtivas (...). Enquanto em Minas Gerais, São Paulo e Paraná, foram erradicados, respectivamente, 33,3%, 26,0%, 28,4% dos cafezais, no Espírito Santo, foram erradicados 53,8% dos cafezais que ocupavam 71% da área cultivada com café (SIQUEIRA, 2010, p. 47-48).

Esse fenômeno descrito pela autora evidencia que a erradicação dos cafezais foi uma ação que gerou grande impacto na economia capixaba, pois,

A substituição da atividade cafeeira pela pecuária implicou na liberação de grande parte da força de trabalho local, porque a necessidade de mão de obra empregada na pecuária é inferior à da cafeicultura. Além disso, o desenvolvimento das atividades tradicionais de lavoura era insuficiente para absorver toda mão de obra desempregada. Desta forma, a emigração para os principais centros urbanos do Estado ocorreu de forma acelerada até o final da década de 1960, processo que foi intensificado nos anos 1970, em consequência da implantação dos Grandes Projetos Industriais na Grande Vitória. (SIQUEIRA, 1994, p. 38).

Segundo Campos Júnior (2002), esses novos moradores, vindos do interior e até de outros Estados, passaram a ocupar as piores áreas:

Admite-se que nesse período [1950-1970] o fluxo populacional para a Grande Vitória vindo do campo deveu-se aos habitantes de pequenas cidades do interior não inseridos na dinâmica do café, principal atividade econômica do Espírito Santo na época. Acontece, no entanto, que já desde esse momento a localização do migrante na Grande Vitória foi seletiva. Os de menor poder aquisitivo ocuparam as piores áreas, que já eram poucas em Vitória, e estenderam a mancha urbana para além desse município, onde a inexistência de infra-estrutura urbana, manifestando-se no preço quase nulo da terra, não foi obstáculo para o seu estabelecimento na chamada periferia da capital. (CAMPOS JÚNIOR, p. 15).

Portanto, pode-se afirmar que a partir da segunda metade do século XX o território da bacia do Rio Marinho passou a se modificar mais rapidamente, em um ritmo de urbanização mais acelerado e uma elevada taxa de crescimento populacional. Na década de 1990, Cariacica tornou-se o município mais populoso do Espírito Santo (Abe, 1999). Vila Velha dobrou sua população na década de 1950, fato ocorrido novamente nas décadas seguintes de 1960 e 1970 (Abe, 1999). A cidade apresentou um crescimento populacional de 179,3% no período de 1970 a 2000, quando assumiu a liderança como o município mais populoso do Estado<sup>14</sup>.

### **3.6. O Rio Marinho Pós-1977**

Há trinta anos, Borini (1987) alertava para a degradação ambiental e urbanística do Rio Marinho e de sua região, que ocorreu principalmente pela ocupação urbana sem

<sup>14</sup> De acordo com estimativas de população do IBGE, a partir de 2015 o município de Serra passou a ser o mais populoso do Estado, atualmente com 502.618 habitantes (IBGE 2017). Em seguida os municípios de Vila Velha (486.388), Cariacica (387.368) e Vitória (363.140).

planejamento das margens e arredores do rio e pela poluição de suas águas por despejos domésticos e industriais. Naquele período, a autora destacava que 82,5% dos domicílios de Cariacica utilizavam o sistema de fossas e 17,5% dos lançamentos de esgotos corriam em vala a céu aberto. Em muitos locais, a coleta de esgoto era realizada por meio do lançamento na rede pluvial, que na época era presente apenas no bairro de Jardim América e na Av. Expedito Garcia, no bairro de Campo Grande. Em meados dos anos 1970 foram realizadas análises da água do Rio Marinho, comprovando a elevada poluição:

Conclui o relatório que o grau de substância químicas e microorganismos patogênicos presentes nas águas do Rio Marinho agravam a tal ponto a qualidade da mesma que é recomendável a desativação imediata do canal Marinho ao sistema de abastecimento de Vitória e Vila Velha. (BORINI, 1987, p. 89).

A ocupação urbana e industrial nas proximidades do Rio Formate, que divide os municípios de Cariacica e Viana, impactou diretamente a qualidade das águas do Rio Marinho, pois o Formate, após as intervenções do DNOS nos anos 1950, passou a desaguar diretamente no Marinho. Indústrias como a Real Café, Braspérrola (atualmente desativada) e Metalpen (hoje Siderúrgica Santa Bárbara) lançavam seus esgotos diretamente no rio, sem nenhum tipo de tratamento.

Devido ao elevado grau de poluição, o custo para tratar a água do Rio Marinho, para torná-la adequada ao consumo humano, ficou muito elevado. Como medida paliativa, foi construído um canal tipo by-pass que ligava diretamente as águas do Córrego Campo Grande ao antigo leito do Rio Marinho, evitando a entrada dessas águas contaminadas no Canal Marinho, de adução para abastecimento de água. Verifica-se que as medidas paliativas, muitas vezes, servem apenas para postergar a resolução de um problema (CAUS, 2012).

Entretanto, ao invés de trabalhar para a resolução do problema da poluição e recuperar a qualidade das águas do rio – através de obras de infraestrutura e saneamento dos bairros do entorno e cobrar medidas de tratamento dos efluentes às indústrias da região – o poder público preferiu abandonar toda a estrutura existente de captação de água no Rio Marinho, para captar água no Rio Jucu.

Em 1977 foi concluída a construção da nova estação de captação de água, no Rio Jucu, e foi desativada a captação no Rio Marinho:



(...) o crescimento desordenado da cidade, a falta de investimentos em infraestrutura e saneamento, e o desrespeito pelo meio ambiente, fizeram com que o Rio Marinho fosse destruído. (CAUS, 2012, p. 143).

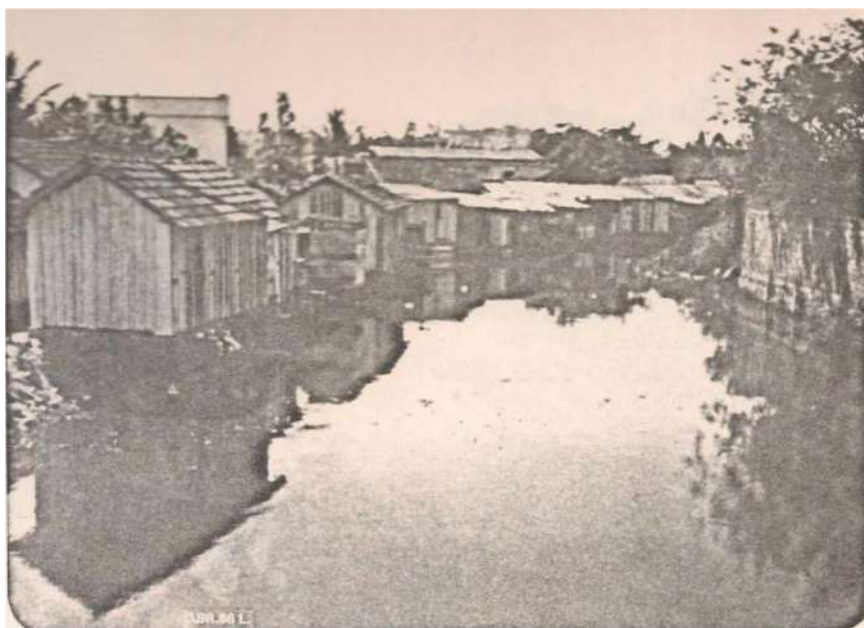


Figura 29 - Ocupação às margens do Rio Marinho, entre os bairros Nova América e Vasco da Gama.

Fonte: Borini (1987, p. 89)

O Rio Marinho deixou de ser foco de políticas públicas, mesmo que fosse para a captação de água – a única função que este rio teve entre os anos 1950 e 1970. O rio foi abandonado e transformou-se num receptáculo de esgotos, situação que perdura até os dias atuais. A partir da década de 1980, verifica-se que a urbanização seguiu em direção ao sul, tanto em Vila Velha e, principalmente, em Cariacica, seguindo o eixo da Estrada de Caçaroca.

O crescimento urbano foi impulsionado, também, devido à construção da Ponte do Príncipe. Conhecida como “Segunda Ponte”, esta foi construída na margem esquerda do Rio Marinho, paralelo ao seu leito retificado, possibilitando uma nova ligação rodoviária entre a área central de Vitória e as cidades de Cariacica e Vila Velha. Até a sua inauguração, em 1979, a Ponte Florentino Avidos se mantinha como única opção de acesso rodoviário à Vitória, pelo sul. Todo o trânsito de veículos proveniente de Vila Velha e Cariacica, além das rodovias BR-101/Sul e BR-262, era estrangulado para a passagem na ponte, gerando grandes engarrafamentos.





Figura 30 - Vista da Segunda Ponte, com a Ponte Florentino Avidos em segundo plano, 2016.

Fonte: Acervo Joel Miranda.

Até o início da década de 1980, podia-se dizer que o território do Rio Marinho mesclava áreas urbanizadas com áreas remanescentes de atividades rurais, mas, a partir dessa década, as atividades rurais foram se extinguindo definitivamente da paisagem do rio. Segundo Siqueira (2010), *“pelo efeito da rápida expansão da aglomeração [de Vitória], grandes porções dos espaços territoriais foram incorporados, convertidos em áreas urbanas ou de especulação para a expansão ocorrida após o início da década de 80”* (SIQUEIRA, 2010, p. 89).

Em reportagem do dia 06 de maio de 1980, o jornal “A Gazeta” noticiou a ocorrência de uma invasão em área tida como sem dono, localizada no bairro Rio Marinho, município de Cariacica. A ocupação da área iniciou-se dois meses antes, em seis de março, e na data da reportagem já contava com quatro mil barracos. As transformações do lugar ocorreram de forma muito rápida, sendo descrita pela reportagem do seguinte modo: *“duas grandes áreas de terra, separadas por uma depressão, foram roçadas, o mato queimado, depois capinadas e ocupadas”*. A fotografia apresentada a seguir ilustrou a reportagem:



Figura 31 - Ocupação no bairro Rio Marinho, em Cariacica.

Fonte: Jornal "A Gazeta", de 06 de maio de 1980.

A reportagem noticiava, ainda, que uma nova comunidade se formava naquele local, com regras para *"manter a disciplina e harmonia entre todas as pessoas"*. A principal orientação dada pelas assembleias gerais promovidas pela comunidade era que *"em invasões ninguém tem direito de manter barraco vazio", ou lotes apenas cercados por arame farpado*", como forma de advertência aos que tinham como intenção comercializar os lotes invadidos. As práticas sociais e econômicas da nova comunidade em formação e a rapidez na transformação da paisagem também foram descritas pela reportagem:

Indiferentes ao que pode acontecer nas áreas invadidas de Rio Marinho, as crianças aproveitam todos os espaços possíveis para brincar, e o fazem invadindo as ruas, os lotes dos vizinhos ou as áreas ainda livres. Homens e mulheres se apressam em montar ou ampliar seus barracos, garantindo desta forma qualquer espaço para suas moradias. Os pequenos comércios já começam a surgir, firmando cada vez mais as características de um novo bairro dentro de Rio Marinho, tal o número de pessoas que de repente contribuiu para elevar a densidade demográfica do local, acabando praticamente com sua fisionomia pacata e rural. (A GAZETA, 06 mai. 1980).

Durante o ano de 1980 foram noticiados acontecimentos referentes a essa nova ocupação, que não parava de crescer. Em reportagem do jornal "A Gazeta", de 24 de junho de 1980, permite apreender as dimensões dessa nova ocupação, onde *"20 mil invasores ocuparam a área de 370 mil metros quadrados"*.

Em 19 de dezembro de 1980, o jornal “A Tribuna” publicou que, além de pessoas provenientes da Grande Vitória, migrantes chegavam à região *“fugindo das enchentes e chuvas do ano passado [1979] que destruíram casas em Colatina, Linhares, Baixo Guandú e outros municípios”*<sup>15</sup>. A notícia relevou ainda que, no início da ocupação, *“a polícia esteve no local, derrubou barracos, ameaçou efetuar prisões, apresentou metralhadoras, revólveres e cassetetes”*, mas essa ação não foi suficiente para conter a ocupação.



Figura 32 – “Os migrantes continuam chegando ao bairro Rio Marinho”.

Fonte: Jornal "A Tribuna" em 19/12/1980.



Figura 33 - Bairro Rio Marinho (Cariacica), em 1982.

Fonte: Acervo IJSN.

<sup>15</sup> A enchente de 1979 que inundou o Rio Doce foi de tamanha proporção que, em Colatina, o nível das águas subiu ao teto das casas no centro da cidade, deixando esta cidade incomunicável por dias seguidos. Esta enchente foi considerada uma das maiores já ocorridas na história do Espírito Santo. Fonte: Disponível em <[zh.clicrbs.com.br/rs/noticias/noticia/2013/12/chuva-no-espirito-santo-ja-e-a-maior-da-historia-em-90-anos-4373685.html](http://zh.clicrbs.com.br/rs/noticias/noticia/2013/12/chuva-no-espirito-santo-ja-e-a-maior-da-historia-em-90-anos-4373685.html)> Acessado em 13 mar. 2017.

A região também foi ocupada, segundo a mesma reportagem, por pessoas provenientes “*de diferentes partes da Grande Vitória*” e foi apurado pelo jornal a formação de um mercado de terras, feito por “*gente que não precisa disso*”:

(...) um considerável número deles pagava aluguéis em barracos nos morros, em palafitas nos mangues. Outros simplesmente removeram de local seus barracos, pois onde se encontravam a vida podia ser considerada como uma aventura, da mesma forma como tem sido em Rio Marinho. (A TRIBUNA, 19/12/1980, p. 45).

Esta possivelmente foi uma das maiores ocupações ocorridas na Grande Vitória, mas não foi a única ocorrida no Rio Marinho. Em 1988 ocorreu outra grande ocupação, desta vez no município de Vila Velha, no bairro Rio Marinho<sup>16</sup>. Essa ocupação, se comparada com a ocorrida em Cariacica em 1980, foi acompanhada mais de perto pelo poder público, especialmente por estar localizada próximo às adutoras de distribuição de água. A preocupação do Estado era com relação à segurança da população, pois, segundo técnicos da companhia de saneamento informaram à época: “[*se houver*] um rompimento de algumas tubulações [...] ocorrerá um esguicho de 90 metros cúbicos de água”. Além disso, existia a preocupação com um possível comprometimento na infraestrutura das adutoras, que naquela época eram responsáveis “*por 80% do abastecimento de água dos municípios da Grande Vitória*” (A GAZETA, 27 abr. 1988, p. 15).



Figura 34 - Fotografia publicada no jornal "A Gazeta" em 27/04/1988.

Em sua dissertação de mestrado, Lira (2015) fez uma análise da ocupação do bairro Morada da Barra, que também foi alvo de ocupações para moradia no município de

<sup>16</sup> Salienta-se que existem dois bairros com o nome de “Rio Marinho”: um em Cariacica, que sofreu a ocupação em 1980; e outro em Vila Velha, vizinho à Cobilândia.



Vila Velha. Em sua pesquisa, Lira (2015) aponta que os primeiros moradores eram provenientes da ocupação ocorrida às margens do Marinho em 1988, conforme descrição dada por entrevista que Lira fez ao líder comunitário:

Começamos uma ocupação em Rio Marinho, Vila Velha. Dessa invasão nós começamos a acampar o pessoal porque era uma época muito difícil para conseguir terra, moradia para viver. Primeiro buscamos os governantes do município pedindo ajuda para assentar as famílias, mas não deu certo. Então decidimos invadir e viemos para Terra Vermelha. (LIRA, 2015, p. 95).

A Figura 35 apresenta imagens aéreas de 1971 e 1990, que permitem comparar a urbanização na região de confluência do Rio Marinho com Córrego Campo Grande<sup>17</sup>. Foi nessa região que se desenvolveu a ocupação noticiada no ano de 1980, no bairro Rio Marinho (Cariacica). O traçado da Estrada de Caçaroca, que estruturou a ocupação dessa região no município de Cariacica, está destacado em vermelho nas imagens.



Figura 35 – Imagens aéreas de 1971 e 1990, com destaque para o bairro Rio Marinho (Cariacica).

Fonte: Veracidade, modificado pelo autor.

A imagem de 1971 apresenta uma ocupação urbana mais rarefeita nos bairros na margem direita do rio, no município de Vila Velha. A margem esquerda, no município de Cariacica, apresentava à época uma pequena formação de urbanização, no

<sup>17</sup> Supõe-se que o curso original do Rio Marinho, antes da ligação feita com o Rio Jucu pelos jesuítas, era por meio do Córrego Campo Grande.

bairro Rio Marinho, destacando-se a estrada de acesso à localidade de Caçaroca, ainda sem pavimentação e as áreas vazias, ainda ocupadas por atividades rurais. A imagem aérea de 1990, por sua vez, permite verificar as transformações, no território e na paisagem, causadas pela urbanização ocorrida após 1980, principalmente na margem esquerda.

A Estrada de Caçaroca foi o vetor de crescimento e formação desses novos bairros. Porém, não foi planejada a melhoria dessa estrada ou a construção de nenhuma via de acesso que proporcionasse uma acessibilidade adequada. A estrada rural de pequenas dimensões foi asfaltada mantendo sua caixa carroçável estreita, calçadas quase inexistentes, dificultando o tráfego de pedestres e veículos, sobretudo o transporte coletivo e de cargas. Segundo Abe (1999), a implantação de vários bairros de Cariacica, incluindo essa região, possui como características:

(...) a diversidade de traçados dos loteamentos, a desarticulação entre eles, a descontinuidade entre as vias, os vazios entre eles, posteriormente preenchidos com o prolongamento sem critério das ruas, a falta de áreas verdes e de equipamentos sócio comunitários, a infraestrutura urbana básica ausente ou precária. (ABE, 1999, p. 383)

Retomando a questão da poluição ambiental, destaca-se uma reportagem publicada em revista do IJSN em 1987, onde se alertava para a necessidade de reflexão acerca da situação ambiental e urbanística em que a Grande Vitória se encontrava:

O Espírito Santo, antes considerado uma das regiões mais privilegiadas, estética e ecologicamente, do país, possui hoje menos de 2 por cento da cobertura vegetal. (...) As populações do campo foram para a cidade, formando cinturões de miséria, engrossando a marginalidade social nos centros urbanos.

Na Grande Vitória (...) foram instalados, a partir da década de 60, os grandes projetos, com indústrias de siderurgia, metal-mecânica, química, entre outras, que mudaram o panorama ambiental dessa região a ponto de Vitória ser considerada a 2ª cidade mais poluída do Brasil. (IJSN, 1987, p. 52)

Segundo a reportagem, esta situação da poluição ambiental não era divulgada pelos órgãos ambientais: *“a sociedade não tem conhecimento dos níveis da poluição ambiental lançados na atmosfera, nas bacias hidrográficas e no mar”* (IJSN, 1987, p. 52). A denúncia também apresentava os impactos urbanos e ambientais gerados pelo crescimento das atividades da Cofavi, em Jardim América:

No bairro Jardim América, Cariacica, os moradores vivem em luta contra a fumaça amarela (...). Na Cofavi existem duas aciarias. Apenas uma tem filtro antipolvente.

Em Jardim América, é difícil encontrar um morador que não reclame da bronquite, do cansaço no pulmão e irritação nos olhos. A presidente do Movimento Comunitário (...), diz que a poluição da Cofavi incomoda há muito tempo. “No começo era uma chaminezinha e com o tempo ela foi crescendo”. (IJSN, 1987, p. 55)



Figura 36 – Poluição do ar causada pela Cofavi, em Jardim América.

Fonte: IJSN (1987, p. 52)

A questão da poluição das águas entrou na pauta de políticas públicas somente na década de 1990. Em 1993, o Governo do Estado estava autorizado por lei a contrair crédito com o BIRD (Banco Mundial), dando início a implantação do Programa de Despoluição dos Ecossistemas Litorâneos do Espírito Santo (Prodespol). O contrato com o BIRD foi assinado no ano seguinte, com o objetivo de recuperar e expandir a infraestrutura de saneamento básico, tendo como prioridade a região da Grande Vitória e Guarapari<sup>18</sup>. Galvêas & Rodrigues (2005) apontam que, até o ano de 1999, o objetivo era atingir grandes avanços no saneamento na região, com ampliação da oferta de água tratada e cobertura de serviços de esgotamento sanitário. Entretanto, os autores descrevem os problemas enfrentados para a continuidade do programa:

<sup>18</sup> A Região Metropolitana da Grande Vitória foi instituída em 1995, integrando além da capital os municípios de Cariacica, Serra, Viana e Vila Velha. Os municípios de Guarapari e Fundão foram incluídos na RMGV nos anos de 1999 e 2001, respectivamente.

Falta de verbas para contrapartida ao Banco Mundial, incompetência, suspeitas de corrupção, nepotismo e até assassinato de deputado ameaçam o Programa de Despoluição dos Ecossistemas Litorâneos do Espírito Santo. (...) Os R\$ 112 milhões de investimentos já feitos produziram efeitos vistosos: cerca de 250 quilômetros de tubos franceses, italianos e brasileiros amontoados a céu aberto, milhares de equipamentos no almoxarifado e quase 60 mil hidrômetros chineses sem autorização para serem embarcados para o Brasil por falta de pagamento (AZIZ FILHO, 1999, *apud* GALVÊAS & RODRIGUES, 2005, p. 136).

A despeito das metas ousadas do Prodespol, a poluição das águas do Rio Marinho não diminuiu, ao contrário, com o crescimento populacional essa situação foi se agravando no decorrer da década de 1990, situação que perdura até os dias de hoje. A situação atual do Rio Marinho será discutida no capítulo seguinte.



## CAPÍTULO 4. O RIO MARINHO NO SÉCULO XXI

Neste capítulo, serão apresentados aspectos atuais do Rio Marinho, sobretudo a partir dos anos 2000. Para construir entendimento sobre a atual bacia hidrográfica do Rio Marinho, faz-se necessário relembrar as intervenções que modificaram sua geomorfologia, em três momentos distintos da história, destacados a seguir:



Figura 37 – As modificações da geomorfologia do Rio Marinho, em três momentos da história.

Fonte: Figuras 03, 04 e 23, respectivamente.

I – Antes da intervenção dos jesuítas, o Marinho era um rio de pequenas dimensões: supõe-se que seu curso original corria por cerca de 4,5 quilômetros na direção sul da baía de Vitória, desviando-se na direção oeste por cerca de 5,5 quilômetros<sup>19</sup>. As águas do Rio Formate desaguavam diretamente no Rio Jucu e, na ocorrência de inundações, acumulavam-se nas baixadas deste rio.

II – Com a construção do canal pelos jesuítas, na primeira metade do século XVIII, o Rio Marinho foi interligado ao Rio Jucu e passou a receber parte de suas águas, garantindo fluxo contínuo para a navegação. Nas cheias do Jucu, as águas também atingiam a região banhada pelo rio. A bacia hidrográfica do Marinho foi consideravelmente ampliada, passando a se misturar com a bacia do Jucu.

III – Na segunda metade do século XX, após intervenções realizadas pelo DNOS, o Rio Jucu deixou de contribuir com fluxo de água para o Rio Marinho. Com o início da captação de água no Jucu, em 1977, o Rio Formate, que era afluente natural do Rio Jucu, passou a desaguar no Marinho. Dessa forma, chegou-se à configuração atual, de uma bacia hidrográfica independente, formada pelos rios Formate e Marinho (Acquatool Consultoria, 2009).

<sup>19</sup> Este seguimento corresponde ao atual Córrego Campo Grande.

Atualmente, a área de inundação do Rio Marinho precisa comportar uma massa de água muito superior a que deveria suportar naturalmente, devido à contribuição do Rio Formate. Essa situação se agrava devido à influência das marés, pois, quando estão elevadas em épocas de chuva, torna-se inevitável a ocorrência de inundações, fazendo com que as ruas e casas sejam tomadas pela água. As imagens a seguir mostram a ocorrência das enchentes em diversos bairros da região:

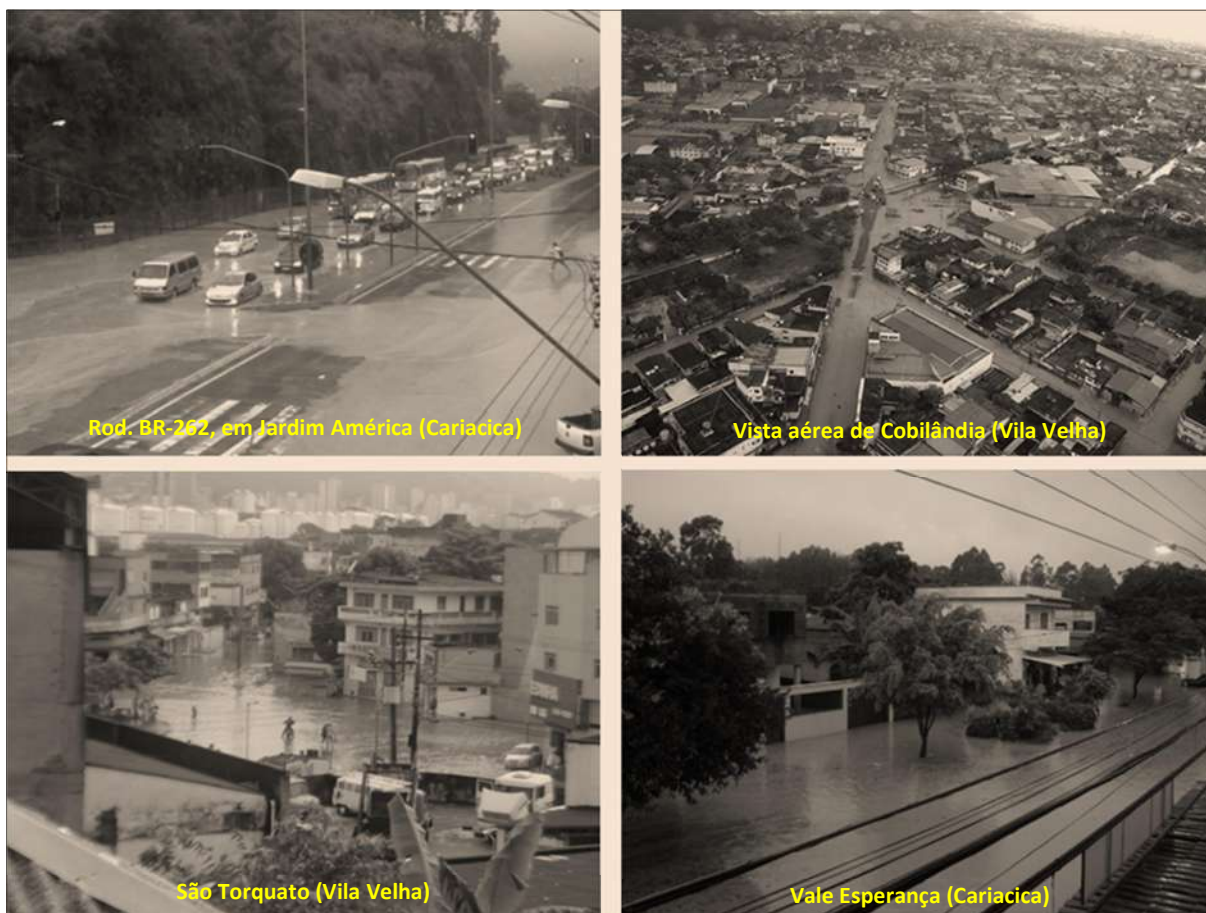


Figura 38 – Fotografias de alagamentos em bairros que fazem parte da bacia Rio Marinho.

Fonte: Silva (2013, pp. 51-52), modificado pelo autor.

Ainda hoje se verifica que as inundações são atribuídas a uma falta de obras de drenagem e pouco se discute quanto à forma errônea de ocupação do território às margens de rios e planícies de inundação, como na região banhada pelo Rio Marinho. A cidade foi construída sobre as baixadas que deveriam servir para o acúmulo das águas e, além disso, o leito do rio foi estrangulado. Naturalmente, nos períodos de cheias, o rio toma seu espaço sem pedir licença, acumulando suas águas nas áreas urbanizadas e gerando sérios transtornos à população. O rio que fora estrangulado pela cidade, toma o espaço que naturalmente é seu.



#### **4.1. Aspectos atuais do Rio Marinho**

A Figura 39 a seguir, apresenta toda a área de estudo, subdividida em trechos que serão descritos posteriormente, com imagens mostrando os aspectos atuais do rio.

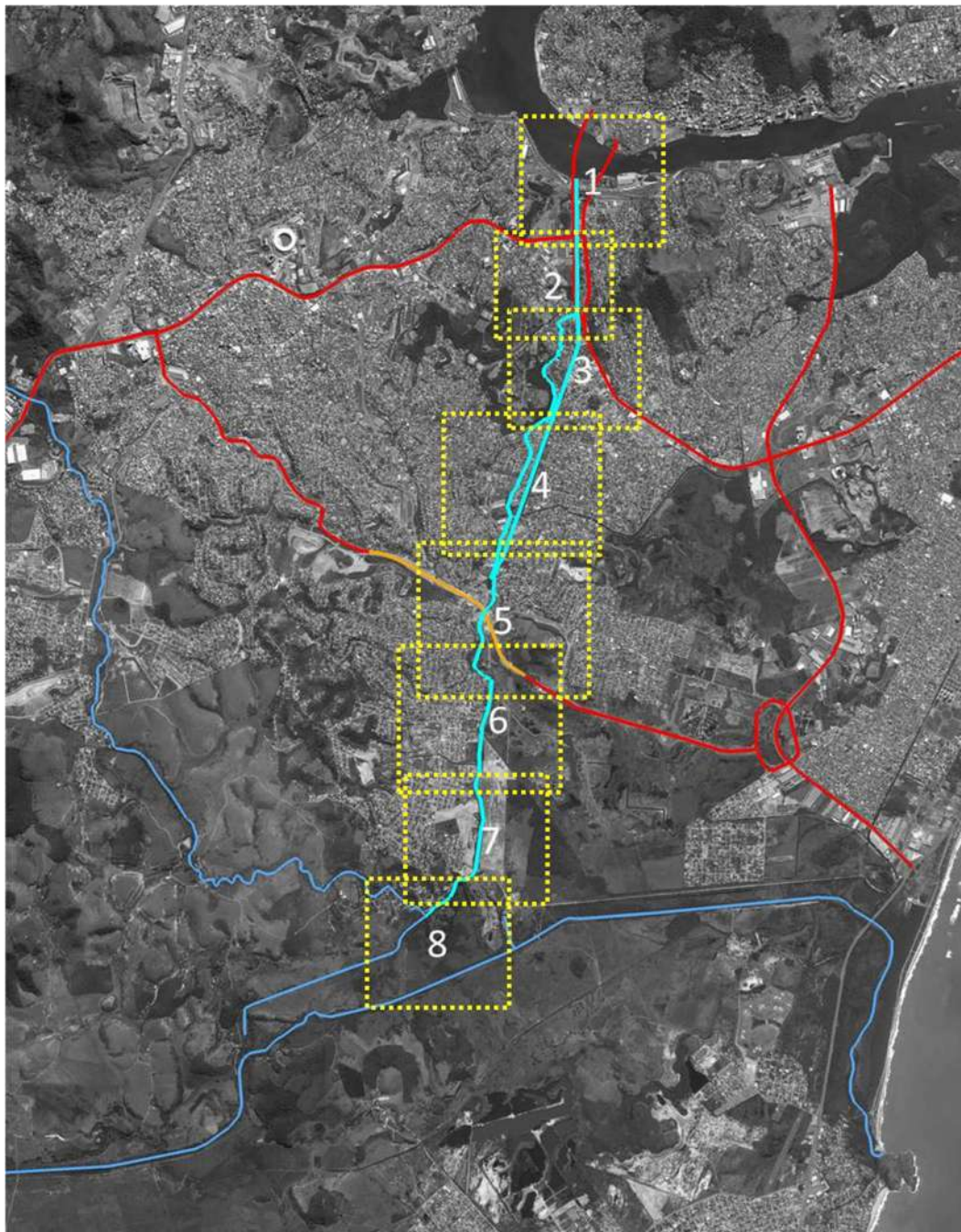


Figura 39 - Rio Marinho, com destaque para os trechos de levantamento fotográfico.

Fonte: Google Earth, modificado pelo autor.

A Figura 39 permite verificar que, na porção norte (trechos 1 a 5), o Marinho possui uma maior ocupação urbana, se comparado à porção sul (trechos 6 a 8), que apresenta urbanização somente no município de Cariacica. Procurou-se selecionar

fotografias que permitam destacar a relação do rio com a cidade, em todas as possibilidades de acesso, seja por vias marginais, pontes ou terrenos baldios<sup>20</sup>.



Figura 40 – Trecho 01, entre a Baía de Vitória e a Ponte do Camelo.

Fonte: Google Earth, modificado pelo autor.

O primeiro trecho apresentado corresponde à região da foz, formada pelos bairros Itaquari (Cariacica) e São Torquato (Vila Velha), entre a Baía de Vitória e a Ponte do Camelo. Essa área originalmente era composta de um manguezal, com o rio sinuoso, que foi aterrado no decorrer do século XX. Atualmente esta área encontra-se densamente urbanizada, principalmente do lado de Vila Velha, com as edificações voltadas para as ruas, de costas para o rio. Em Cariacica, as áreas aterradas para abrigar as atividades da Vale ainda são ocupadas por grandes

<sup>20</sup> As imagens que não estão com fonte indicada, foram fotografadas pelo autor, durante realização de pesquisa em campo.



equipamentos urbanos, como a nova estação ferroviária e o Centro Regional de Especialidades Médicas – CRE Metropolitano. Destaca-se ainda a presença impactante da Segunda Ponte – quem passa pela ponte quase não percebe a presença do Rio Marinho, que corre ao lado da ponte.



Figura 41 – Vistas fotografadas a partir da ponte localizada na foz do Rio Marinho.

Fonte: Silva (2013, p. 56)



Figura 42 – Vista do Rio Marinho em direção à foz, a partir da Ponte do Camelo.

Fonte: Silva (2013, p. 56)

No trecho 02, após a Ponte do Camelo, o rio segue retificado. Em Cariacica, a presença das instalações da Desportiva Ferroviária, feitas em aterro sobre o mangue, aumentou a distância do bairro Jardim América com relação ao rio. Em Vila Velha, o bairro Cobi é caracterizado por uma ocupação de baixa renda, com casas construídas às margens do rio e acessadas por vielas, não oferecendo possibilidade de acesso às margens do rio. Destaca-se a Ponte Preta, como é conhecida a ponte ferroviária da Estrada de Ferro Leopoldina, umas das primeiras pontes construídas sobre o rio. Verifica-se a existência de um resquício de manguezal, próximo à ferrovia, no município de Cariacica.



Figura 43 – Trecho 02, entre a Ponte do Camelo e a cabeceira da 2ª Ponte.

Fonte: Google Earth, modificado pelo autor.



Figura 44 – Vista da Ponte Preta (E.F. Leopoldina), com o bairro Cobi em segundo plano.

Fonte: Silva (2013, p. 59).





Figura 45 – Vista do Rio Marinho na direção sul, a partir da Ponte Preta.

Fonte: Silva (2013, p. 59).



Figura 46 – Vista para a Ponte Preta, tendo em primeiro plano a confluência do curso original com o canal aberto em 1956.

Fonte: Silva (2013, p. 62), modificado pelo autor.

A partir da cabeceira da Segunda Ponte (trecho 03), o rio divide-se em dois cursos: a oeste o curso original, dividindo os bairros Vasco da Gama (Cariacica) e Nova América (Vila Velha); e a leste o rio segue retificado. Nota-se que o fluxo principal ocorre pelo canal retificado, enquanto o leito original apresenta pouco fluxo de águas, além de apresentar-se bastante estrangulado pelas ocupações de suas margens.





Figura 47 – Trecho 03, entre a cabeceira da 2ª Ponte e a antiga estação de captação de água.

Fonte: Google Earth, modificado pelo autor.



Figura 48 - Vista do Canal Marinho, em Nova América.





Figura 49 - Vistas do curso original do Marinho, fotografadas a partir da ponte que liga os bairros Nova América e Vasco da Gama.

Fonte: Silva (2013, p. 63).



Figura 50 - Vista do leito original do Marinho, praticamente sem fluxo de água.

Fonte: Silva (2013, p. 63).

O trecho 04, entre a antiga captação de água e a ponte da Rua Guaraná, corresponde ao local da ocupação ocorrida em 1988, apresentada no capítulo anterior. No lado de Vila Velha, têm-se os bairros Cobilândia e Rio Marinho; em Cariacica, têm-se os bairros Sotelândia e Bandeirantes.





Figura 51 – Trecho 04, entre a antiga estação de captação de água e a ponte da Rua Guaraná.

Fonte: Google Earth, modificado pelo autor.

Uma característica dessa região é a existência de um terceiro canal, que se constitui em um prolongamento do Rio Aribiri<sup>21</sup>, paralelo ao leito retificado do Marinho. Trata-se de um canal construído pelo DNOS com o objetivo de drenar as águas que se acumulassem na região de Cobilândia, para que não se misturassem com as águas do canal de adução de água do Marinho. Atualmente, uma comporta faz a regulação das águas entre esses dois canais. A Figura 52, na página seguinte, apresenta um mapa da região drenada pelos rios Aribiri e Marinho, onde se pode observar que a maior parte dos bairros de Cobilândia, Jardim Marilândia e Rio Marinho (Vila Velha) são drenados por ambas as bacias.

<sup>21</sup> O Rio Aribiri desagua na Baía de Vitória e, assim como o Marinho, também encontra-se bastante deteriorado, por poluição e ocupação urbana desordenada.





Figura 52 - Bairros de Vila Velha que são drenados pelos rios Marinho e Aribiri.

Fonte: Silva (2013, p. 70), modificado pelo autor.



Figura 53 – Vista aérea dos canais Marinho e Aribiri, na altura de Cobilândia.

Fonte: Silva (2013, p. 70), modificado pelo autor.





Figura 54 - Vista aérea do Rio Marinho, com destaque para o antigo local de captação de água. A partir desse local, inicia-se o Canal Aribiri, identificado na fotografia anterior.

Fonte: Disponível em <[www.gazetaonline.com.br/especiais/2017/06/guas-passadas-os-rios-que-viraram-historia-no-cotidiano-capixaba-1014065869.html](http://www.gazetaonline.com.br/especiais/2017/06/guas-passadas-os-rios-que-viraram-historia-no-cotidiano-capixaba-1014065869.html)>; Acessado em 12/11/2017.



Figura 55 - Lançamento de esgoto in natura no Rio Marinho, na altura de Sotelândia.

Fonte: Disponível em <[www.gazetaonline.com.br/especiais/2017/06/guas-passadas-os-rios-que-viraram-historia-no-cotidiano-capixaba-1014065869.html](http://www.gazetaonline.com.br/especiais/2017/06/guas-passadas-os-rios-que-viraram-historia-no-cotidiano-capixaba-1014065869.html)>; Acessado em 12/11/2017.



Figura 56 - Leito original do Rio Marinho, entre Cobilândia e Sotelândia.

Fonte: Disponível em <[www.gazetaonline.com.br/especiais/2017/06/guas-passadas-os-rios-que-viraram-historia-no-cotidiano-capixaba-1014065869.html](http://www.gazetaonline.com.br/especiais/2017/06/guas-passadas-os-rios-que-viraram-historia-no-cotidiano-capixaba-1014065869.html)>; Acessado em 12/11/2017.



Figura 57 - Leito original do Rio Marinho, em área remanescente da ocupação de 1988.

Pouco adiante da ponte da Rua Guaraná, encontra-se a região em que está sendo construída a Rodovia Leste-Oeste, com a promessa de criar um novo vetor de transporte e desenvolvimento da Grande Vitória – as características do projeto e seus impactos serão discutidos no próximo subcapítulo. Ainda nessa região (trecho 05), localiza-se a foz do Córrego Campo Grande, que também apresenta poluição de suas águas.





Figura 58 – Trecho 05, entre a ponte da Rua Guaraná e a região onde estão sendo concluídas as obras da Rod. Leste-Oeste.

Fonte: Google Earth, modificado pelo autor.



Figura 59 - Vista do Córrego Campo Grande em direção à foz, no Rio Marinho.



Essa área, atualmente, está passando por grandes modificações em sua topografia, com cortes e aterros para a construção da rodovia e acessos à nova ponte. Essa área elevada é um remanescente do espigão existente entre Cariacica e Vila Velha, que separava as bacias do Marinho e Jucu – que foi cortado pelos jesuítas para a construção do canal na primeira metade do século XVIII.

A construção da ponte sobre o rio se conforma como um grande marco paisagístico. A ponte está numa cota elevada em relação ao rio, em uma escala muito superior às ruas do entorno. O Rio Marinho, nesse trecho, foi canalizado e suas margens foram concretadas, para contenção das margens.



Figura 60 - Aspecto da ponte da Rod. Leste-Oeste.



Figura 61 - Vista do Rio Marinho na direção norte, a partir da nova ponte.

Após a Rodovia Leste-Oeste, encontra-se uma grande área remanescente da Fazenda Rio Marinho, em Vila Velha e o bairro Rio Marinho, em Cariacica. Parte da ocupação desse bairro ocorreu na invasão de 1980 e hoje já se encontra consolidada: as casas de madeira foram substituídas, em sua maioria, por

edificações de alvenaria e com mais de um pavimento; todas as ruas e becos contam com iluminação pública e rede de abastecimento de água; algumas ruas já foram asfaltadas, mas várias outras permanecem sem pavimentação; os efluentes domésticos são lançados na rede de águas pluviais, que desaguam no Rio Marinho, sem nenhum tratamento.



Figura 62 - Vista a partir do bairro Rio Marinho para área remanescente da Fazenda Rio Marinho.

Fonte: Silva (2013, p. 76).



Figura 63 - Vista do Rio Marinho na direção sul, a partir da nova ponte.

A imagem 64, na página seguinte, foi fotografada por Silva (2013) no ano de 2012, quando as obras da nova rodovia ainda não tinham atingido essa região. A partir dessa imagem, é possível verificar o aspecto do Rio Marinho nessa mesma região, que, apesar de já estar poluído à época, aparentava um potencial maior de recuperação paisagística, devido à presença de vegetação nas suas margens, que ainda não estavam concretadas.





Figura 64 - Vista do Rio Marinho em 2012, com o bairro Rio Marinho em segundo plano.

Fonte: Silva (2013, p. 75).

Seguindo na direção sul (trecho 06), a Estrada de Caçaroca ainda se conforma como a única via estruturante dessa região. Conforme abordado anteriormente, verifica-se a desarticulação dos traçados dos bairros, muitos deles irregulares. Entre os bairros Rio Marinho e Jardim Botânico, destaca-se como afluente o Córrego Jardim de Alah, que também está poluído – a vegetação aquática que cobre a lâmina d'água é um sinal marcante dessa poluição. Os bairros desse trecho também apresentam uma ocupação recente, ocorrida nas décadas de 1980 e 1990 e, por isso, ainda carece de infraestrutura urbana, como pavimentação e rede de esgoto.



Figura 65 - Vista do Córrego Jardim de Alah coberto pela vegetação, a partir da foz no Marinho.





Figura 66 – Trecho 06, da Rod. Leste-Oeste a foz do Córrego Jardim de Alah.

Fonte: Google Earth, modificado pelo autor.



Figura 67 - Na foz do Córrego Jardim de Alah, o Marinho também está coberto pela vegetação.



Após o Córrego Jardim de Alah (trecho 07), em Cariacica, a densidade de ocupação às margens do rio diminui. O destaque neste trecho fica por conta das grandes áreas que foram terraplanadas recentemente, possivelmente para abrigar equipamentos urbanos como pequenas indústrias ou galpões comerciais.



Figura 68 – Trecho 07, entre a foz do Córrego Jardim de Alah e a Estrada do Dique.

Fonte: Google Earth, modificado pelo autor.

A Estrada do Dique do Rio Jucu, também conhecido como Dique Guaranhuns, foi construído pelo DNOS na década de 1960, com o objetivo de impedir a inundação de grande parte da área urbana de Vila Velha. A imagem 69, na página seguinte, apresenta uma vista do referido dique, onde se destaca a presença de áreas sem ocupação urbana às margens do Marinho.



Figura 69 - Vista da Estrada do Dique, em 2012, com o Rio Marinho coberto por vegetação aquática.  
Fonte: Silva (2013, p. 78).



Figura 70 - Cinco anos depois, o Marinho continua coberto por vegetação aquática.

Caçaroca está localizada na região de confluência dos rios Formate e Jucu (trecho 08). Não foram encontrados indícios de quando essa região passou a ser habitada e recebeu essa toponímia. Porém, conforme será demonstrado no capítulo seguinte, na década de 1960 a região já era conhecida por esse nome. Destaca-se, ainda, a presença da Siderúrgica Santa Bárbara – a despeito de localizar-se em Vila Velha, seu único acesso é realizado a partir de Cariacica, pela Estrada de Caçaroca. Próximo à localidade, situa-se o morro cortado pelos jesuítas, à época da construção do canal que ligou os rios Marinho e Jucu. Em 2012 ainda era possível acessar o local (Figura 72), mas hoje não existe mais essa possibilidade, pois o acesso está fechado por uma propriedade particular.





Figura 71 – Trecho 08, na região onde se inicia o Rio Marinho, em Caçaroca.

Fonte: Google Earth, modificado pelo autor.



Figura 72 - Vista do corte de morro, feito pelos jesuítas na primeira metade do século XVIII.

Fonte: Silva (2013, p. 78).



A região compreendida entre a foz do Rio Formate e o Rio Jucu se configura em uma área rural. O Rio Marinho, neste trecho, se caracteriza por ter um pequeno fluxo de água. A existência de uma barreira com manilhas contribui para forçar o fluxo das águas em direção à Baía de Vitória, fazendo com que durante as cheias do Rio Formate, as suas águas não se misturassem com as do Jucu.



Figura 73 - Vistas de estrada rural situada entre a foz do Rio Formate e o Rio Jucu.



Figura 74 - Visão panorâmica da barreira existente entre os rios Marinho e Jucu.

Fonte: Silva (2013, p. 79).

#### **4.2. A Rodovia Leste-Oeste e a “nova rota de desenvolvimento”**

A Rodovia Leste-Oeste foi idealizada para permitir um acesso direto ao complexo portuário de Vila Velha, a partir das rodovias BR-101 e BR-262, além de facilitar a ligação com a cidade de Cariacica. O Governo Estadual valoriza essa importância dessa obra, salientando “*que depois da construção da Terceira Ponte, a Rodovia Leste-Oeste é a maior obra viária do Estado*” (APÓS..., 2017). A nova via terá oito quilômetros de extensão, conectando diversos bairros de Cariacica, que ainda hoje não são servidos por uma via estruturante de maior porte; além de se conformar como um novo vetor de desenvolvimento econômico e urbano para as duas cidades em que passa:

O eixo Leste-Oeste é estratégico para o acesso ao Porto de Vitória e ao eixo rodoviário que faz ligação do Estado com Norte, Sul e Centro do país, por meio da BR 101 e 262. E um trecho da rodovia, em Vila Velha, ainda tem muito espaço desocupado (...). (RODOVIA..., 2010)



Figura 75 - Vista aérea da construção da ponte sobre o Rio Marinho, 2017.

Fonte: [www.capixabao.com/portal/img/noticias/126533\\_2.jpg](http://www.capixabao.com/portal/img/noticias/126533_2.jpg),

Verifica-se que esta obra realmente poderá trazer impactos positivos para a economia e desenvolvimento urbano da região metropolitana, entretanto, outros aspectos precisam ser analisados. Retornando às Figuras 63 e 64 do subcapítulo anterior, percebe-se que as obras da nova rodovia não consideraram as características físicas do Rio Marinho, retirando a vegetação ciliar existente e concretando seu leito, ao invés de se projetar uma obra que pudesse, de alguma forma, contribuir para uma futura revitalização do rio.

Nos dois municípios cortados pela rodovia, percebe-se uma grande valorização imobiliária, sobretudo em áreas vazias que passaram a ter um novo valor de mercado e os proprietários de muitas delas continuam aguardando as benesses produzidas pelo Estado para usufruir a mais valia de seus terrenos – ressalta-se que essas áreas não cumprem com a função social da propriedade, conforme estabelece o Estatuto da Cidade (Lei 10.257/2001). O discurso é da mobilidade, mas demonstra, também, uma intenção de promover uma nova fronteira imobiliária:

(...) se transformará no principal corredor para escoamento das cargas que são exportadas e importadas, será também indutora de novos e muitos investimentos nas áreas de seu entorno, em pelo menos três municípios da Grande Vitória. Vila Velha, Cariacica e Viana já constataram o interesse de empresas, principalmente do seguimento de logística e comércio exterior, em se instalar em áreas próximas à rodovia. (RODOVIA..., 2010).

Vila Velha pode sediar um empreendimento imobiliário de grande porte e alto padrão na Rodovia Leste-Oeste, em Vale Encantado. O projeto para instalação de um condomínio horizontal com 500 mil metros quadrados foi apresentado (...) (ALPHAVILLE..., 2017).

### **4.3. Perspectivas para a recuperação do Rio Marinho**

A partir dos anos 2000, registram-se a realização de caminhadas ecológicas, com vistas à conscientização da população a respeito da situação de degradação ambiental do Rio Marinho. Em 2008, o empresário Carlos Henrique Gomes idealizou um projeto de divulgação da história do rio, por meio da confecção da revista em quadrinhos “Uma Aventura na História do Rio Marinho” (Figura 77). A publicação, patrocinada com recursos de empresários da região, teve uma tiragem de cinco mil exemplares, distribuídos em escolas de Cariacica e Vila Velha (REVISTA..., 2008).



Figura 76 - Revista "Uma Aventura na História do Rio Marinho", págs. 01, 08 e 16.

Fonte: Disponível em <[www.henriquecasamata.com.br/revista-sobre-o-rio-marinho-ganha-destaque-em-imprensa-estadual](http://www.henriquecasamata.com.br/revista-sobre-o-rio-marinho-ganha-destaque-em-imprensa-estadual)>; acessado em 13/11/2017.

Essas iniciativas eram idealizadas por instituições religiosas, ONG's, empresários ou lideranças comunitárias; porém, pela falta de uma participação maior do Estado,



verifica-se uma desarticulação entre as essas ações. A despeito de tratar-se de uma ação positiva em prol do Rio Marinho, as caminhadas não se transformaram em eventos periódicos. A revista em quadrinhos, não teve novas tiragens. Porém, verifica-se que a partir do momento que a questão da revitalização do Marinho passou a chamar a atenção da sociedade, o Estado passou a planejar ações no sentido de viabilizar a sua recuperação.

*O Estudo para Desassoreamento Regularização dos Leitos e Margens dos rios Jucu, Formate e Marinho*, elaborado em 2009 pela Acquatool Consultoria em parceria com o IJSN, apresentou uma esperança para a revitalização do Rio Marinho, com a previsão de obras de desobstrução, limpeza e aprofundamento da calha desses rios; desapropriações, remoções e reassentamentos de famílias; recuperação e implantação de novos diques. Entende-se que a elaboração deste estudo contribuiu positivamente para o Rio Marinho, com ações que visam minimizar os impactos causados pelas enchentes, que a partir dos anos 2000 tornaram-se mais frequentes e impactantes, ocasionando inclusive em perdas materiais para moradores de toda a bacia.



Figura 77 - Simulação gráfica da revitalização do Rio Marinho.

Fonte: Silva (2013, p. 85)

No século XXI, o discurso da esperança da revitalização do rio começa a aparecer nas discussões do poder público. Entretanto, nota-se uma timidez nos investimentos

para viabilizar a recuperação do rio. Em dezembro de 2011 foi noticiada uma parceria entre o Governo do Estado e a Caixa Econômica Federal para viabilizar a implantação do projeto de desassoreamento e revitalização do Marinho (RIO..., 2011)<sup>22</sup>. A montagem feita para simular o aspecto que o rio passaria a ter após a revitalização chama a atenção, dentre outros aspectos, pela presença de edifícios à beira do rio, algo inexistente nos dias de hoje.

O investimento previsto era na ordem de R\$ 53 milhões para as seguintes obras: limpeza e dragagem do rio; construção de parques lineares; requalificação dos espaços degradados; execução de ações de preservação ambiental com a implantação de um sistema de monitoramento de informações hidroclimáticas; e reassentamento de famílias que residem às margens do rio. Esse montante, se comparado a recursos disponibilizados para outras obras públicas, ainda está muito aquém do necessário para viabilizar a recuperação do Marinho.

A timidez no investimento pode ser verificada tanto na demora em executar as intervenções quanto no valor orçado para viabilizar a revitalização do rio. Outro aspecto que leva a acreditar na lentidão quanto à revitalização do Marinho são as ações conflitantes do próprio Estado, como no caso da construção da rodovia já comentada. Entretanto, considerando que a revitalização de um rio ainda é um tema novo na política estadual, apresenta-se uma esperança, de que um dia, o Rio Marinho possa ser recuperado.

#### **4.4. Linha do tempo: Fatos históricos do Rio Marinho (1535-2017)**

Os capítulos 3 e 4 demonstraram que as intervenções realizadas pelo homem, desde o século XVI, afetaram diretamente na geomorfologia do Marinho. São muitos os fatos que se sucederam até se chegar à situação atual. Nesse sentido, a Figura 79, na página seguinte, apresenta uma proposta de linha do tempo, que subdivide a história do rio em fases, numa ordem cronológica dos fatos ocorridos desde 1535 até os dias atuais.

---

<sup>22</sup> RIO Marinho será revitalizado após convênio do Governo com a Caixa. *Folha Vitória*. Vitória, 15 dez. 2011. Disponível em: <[www.folhavitoria.com.br/geral/noticia/2011/12/rio-marinho-sera-revitalizado-apos-convenio-do-governo-com-a-caixa-1.html](http://www.folhavitoria.com.br/geral/noticia/2011/12/rio-marinho-sera-revitalizado-apos-convenio-do-governo-com-a-caixa-1.html)>. Acessado em 13/11/2017.

# Fatos históricos do Rio Marinho

1535 – 2017

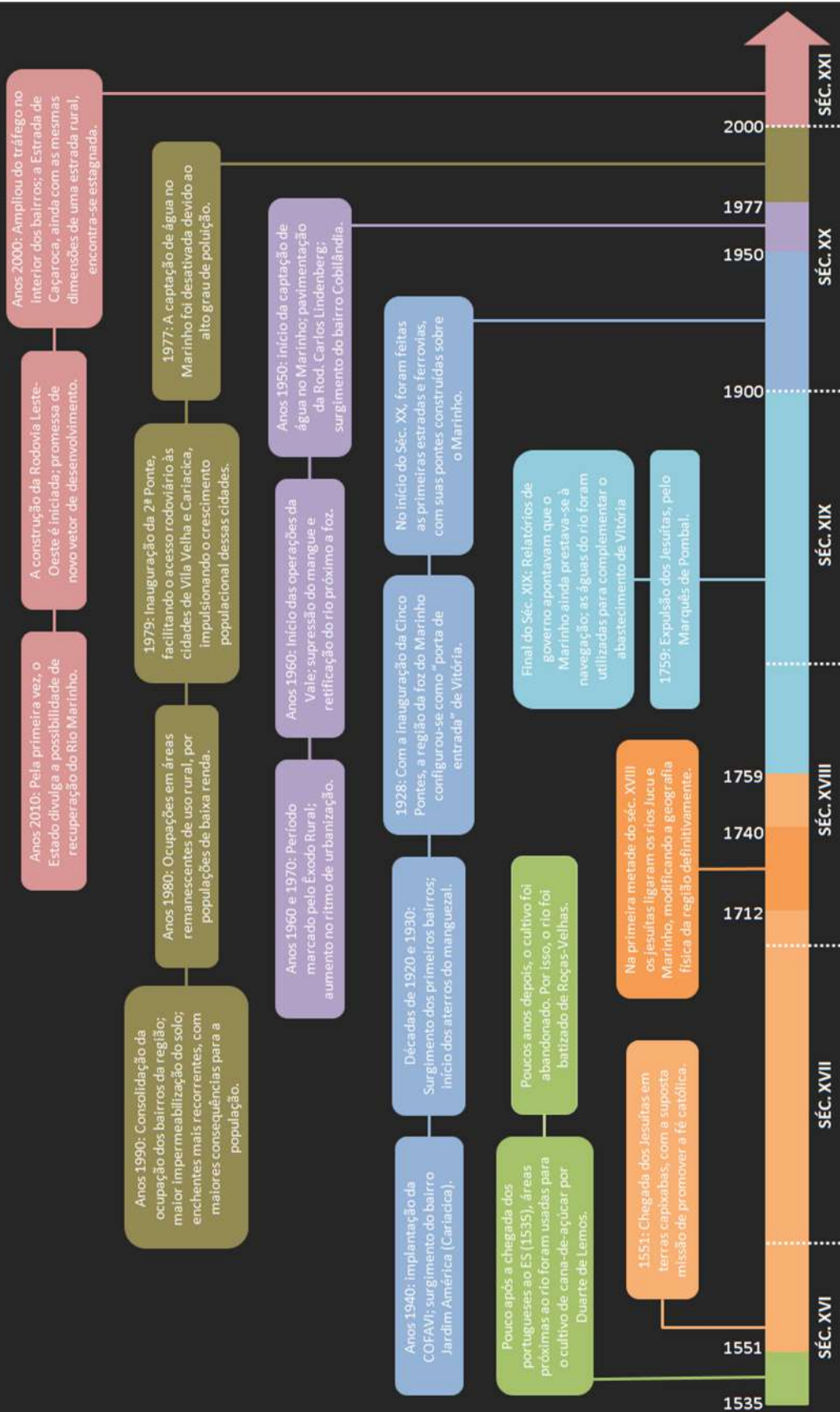


Figura 78 - Proposta de linha do tempo para o Rio Marinho.

## CAPÍTULO 5. LEMBRANÇAS DO RIO MARINHO

Conforme demonstrado anteriormente, verifica-se que as paisagens carregam as marcas de uma cultura que, segundo Bahia (2014), “*é um fator essencial de diferenciação social, uma construção que permite aos indivíduos e grupos se projetarem no futuro e nos aléns variados (...) é a mediação entre os homens e a natureza*” (Bahia, 2014, p. 3). O autor afirma ainda que:

A geografia cultural surge das paisagens e da diversidade dos gêneros de vida, e pela cultura institui o sujeito, a sociedade e o lugar onde é desenvolvida a coletividade, resultando na identidade coletiva que delinea as marcas exteriores e explica as diferenciações dos sistemas de valores nos quais se desenvolvem os grupos humanos. (BAHIA, 2014, p. 3).

Bahia (2014) destaca, ainda, que no final do século XX surgiram novos trabalhos de base conceitual fenomenológica, que entendiam “*o lugar como atributo do mundo vivido e o homem como um ser no mundo dando existência a ele*” (Bahia, 2014, p. 4). O autor apresenta a visão de Yi-Fu Tuan, sobre o significado dos lugares:

(...) lugar é uma unidade entre outras unidades ligadas pela rede de circulação... o lugar, no entanto tem mais substância do que nos sugere a palavra localização: ele é uma entidade única, um conjunto “especial” que tem significado. O lugar encarna as experiências e as aspirações das pessoas. O lugar não é um fato a ser explicado na ampla estrutura do espaço, ele é realidade a ser esclarecida e compreendida sob a perspectiva das pessoas que lhe dão significado. (HOLZER, 2003, p. 70 *apud* BAHIA, 2014, p. 5).

Ainda em Bahia, encontra-se uma afirmação de Werther Holzer a respeito do significado das paisagens e dos lugares:

A paisagem, assim como o lugar e a região, é um desses termos que permitem à geografia colocar-se como uma das ciências das essências nos moldes propostos pela fenomenologia. Ela nos remete para o mundo que é um campo que se estrutura na relação do eu com o outro, o reino onde ocorre nossa história, onde encontramos as coisas, os outros e nós mesmos. (HOLZER, 1996, p. 72, *apud* BAHIA, p. 5).

Nesse sentido, busca-se verificar nas memórias de moradores antigos da região banhada pelo Rio Marinho argumentos que possam confirmar a existência deste rio não apenas como um elemento físico, mas que se configure em um lugar. Assim,



conforme demonstrado no Capítulo 2, a história oral apresenta-se como uma ferramenta fundamental para apreender essas questões.

As entrevistas foram realizadas com vistas a obter dos moradores da região banhada pelo Rio Marinho suas impressões quanto à paisagem e sua modificação ao longo do tempo, principalmente pela urbanização promovida durante o século XX, sendo mais veloz a partir da década de 1950. Com o objetivo de apreender essas questões de forma natural, o roteiro de perguntas foi elaborado de forma que permitisse verificar em que medida o Rio Marinho aparecia nas lembranças dos entrevistados. Será que essa memória da paisagem pode ser recuperada e transmitida para as futuras gerações?

### **5.1. O resgate da memória por meio de entrevistas com pessoas-chave**

O ponto de partida para a escolha das pessoas chave foram as memórias do Sr. Luiz Alberto Silva, 64 anos, nascido e criado no bairro de Cobilândia e pai do pesquisador. As primeiras entrevistas foram feitas por pessoas indicadas por Silva, sendo a primeira Dona Ignacinha<sup>23</sup>, 91 anos, nascida e criada na antiga Fazenda Rio Marinho – atualmente reside em um remanescente da fazenda, um sítio localizado entre os bairros Rio Marinho e Vale Encantado. O segundo entrevistado foi o Sr. João Duarte, 76 anos, que se mudou ainda criança para Cobilândia e vive até hoje no mesmo bairro. Ainda que o Sr. Luiz Alberto Silva soubesse o verdadeiro objetivo da entrevista, optou-se em entrevistá-lo, ainda em agosto de 2016, a fim de obter o registro de suas memórias para que pudesse contribuir com a pesquisa.

Em março de 2017 foi realizada uma segunda rodada de entrevistas, iniciando-se por Sr. Joaquim Valadares, 83 anos, também indicado por Silva. Na juventude, Valadares morou onde hoje está o bairro Cobilândia e após casar-se, em 1967, foi morar em Caçaroca, para cuidar da fazenda de seu sogro, às margens do Rio Marinho – onde vive até hoje em uma área remanescente da fazenda. Essa entrevista permitiu a compreensão de como era a paisagem na região do Marinho mais próximo ao Jucu, que teve sua urbanização mais tardia, ao passo que as entrevistas anteriores permitiram a compreensão das características da paisagem no

---

<sup>23</sup> Apelido de Ignácia Magdalena Laranja, herdeira de uma parte da antiga Fazenda Rio Marinho, no município de Vila Velha.

curso médio do rio, na região de Cobilândia, que se urbanizou a partir dos anos 1950 e 1960.

Boni & Quaresma (2005) apresentam a visão do sociólogo Pierre Bordieu (1930-2002), afirmando que *“quando existe uma certa familiaridade ou proximidade social entre pesquisador e pesquisado as pessoas ficam mais à vontade e se sentem mais seguras para colaborar”* (Boni & Quaresma, 2005, p. 77). De fato, a existência de uma proximidade social dos entrevistados com o pesquisador, mesmo que de maneira distante, facilitou a coleta de informações nas entrevistas. Entretanto, ressalta-se que a pesquisa não ficou focada apenas nas pessoas mais próximas ao pesquisador, pois, durante o processo de pesquisa documental e bibliográfica, foram encontradas outras pessoas-chave que puderam contribuir com este trabalho.

Em reportagem do jornal A Tribuna de 01 de julho de 2015 sobre o bairro Bela Vista (Cariacica), chegou-se ao Sr. Daniel Lopes, de 46 anos, morador da região desde seu nascimento. A reportagem levantou aspectos da paisagem do Rio Marinho nos tempos anteriores ao surgimento do bairro, ocorrido na década de 1980. Uma das fazendas que deu origem ao bairro pertencia ao seu pai, Antônio Lopes, que cultivava verduras e hortaliças até meados da década de 1980.

Após conhecimento dessa reportagem, decidiu-se por procurar o Sr. Daniel Lopes e entrevistá-lo. No momento da entrevista, destaca-se a participação, em alguns momentos, da Sra. Elma Carlini Vasconcellos, sogra de Daniel, moradora de Cobilândia na infância e que depois de casada, passou a morar em Bela Vista. Essas duas pessoas contribuíram principalmente para o entendimento de como foi o processo de ocupação da região, marcado pelas invasões, durante a explosão urbana da década de 1980.

No Arquivo Público do Estado do Espírito Santo (APEES), pode-se conhecer o Sr. Paulo Roberto Santos. Este, por sua vez, sabendo dos objetivos da entrevista, sugeriu outra pessoa chave para entrevistar, a Sra. Eliete Ribeiro dos Santos, de 87 anos, moradora de Cobi de Baixo. O Sr. Paulo Roberto, formado em engenharia civil e filosofia, nasceu e foi criado no referido bairro e, a despeito de ter se mudado do bairro desde a década de 1970, mantém vínculos com o lugar, sobretudo pela manutenção da casa da família como uma parte física de suas memórias, localizada ao lado da casa de Dona Eliete.

No dia da entrevista com Dona Eliete, percebeu-se uma possível dificuldade de extrair informações da pessoa chave indicada, uma vez que a própria Dona Eliete se apresentou com uma pessoa “*de memória fraca*”, com dificuldade para se lembrar de todas as ocorrências de sua vida, marcada por muita luta para sobreviver e criar seus nove filhos. A entrevista acabou configurando-se de uma forma diferente: o Sr. Paulo Roberto respondia as perguntas e procurava as confirmações de Dona Eliete – “*não é Dona Eliete?*” – e ela confirmava e, em alguns momentos, complementava suas informações ou corrigia-o. Nesse sentido, o Sr. Paulo Roberto se tornou um instrumento para ativar a memória de Dona Eliete, além de poder relembrar suas memórias pessoais:

No meu caso, eu saí daqui há algum tempo, mas é como se o meu lugar fosse aqui (...) até hoje eu às vezes sonho com o apito do trem quando passava aqui. Cobi pra mim tem cheiro, entendeu? Só que as pessoas não entendem isso, porque hoje tudo é descartável, né? A velhice é cruel também porque você fica sozinho, ninguém vem conversar com você. (SANTOS, Entrevista, 2017).

Esta entrevista permitiu uma apreensão de como era a paisagem do rio nas proximidades de sua foz, quando até meados do século XX ainda apresentava vegetação de mangue e curso sinuoso. O Anexo VII apresenta apenas um termo assinado pelo Sr. Paulo Roberto, mas esclarece-se aqui que essa entrevista também contou com a participação de Dona Eliete.

Ainda em março de 2017 foi realizada uma nova conversa com Dona Ignacinha Laranja, que não seguiu um roteiro de entrevistas, mas foi possível esclarecer alguns elementos que foram levantados durante a pesquisa e que ainda não eram conhecidos em agosto de 2016, como a existência da Pedra Macella como referencial da paisagem do rio. As memórias de Dona Ignacinha contribuíram para o entendimento de questões que necessitavam de esclarecimentos e, por isso, na bibliografia apresentam-se duas entrevistas com Laranja.

Destaca-se outro fator para a escolha dos entrevistados: a localização espaço-temporal de suas lembranças. Os relatos fazem referência a histórias vividas, experiências com seus lugares de origem, geralmente ligadas à infância e juventude. Coincidentemente, os locais atuais de moradia dos entrevistados coincidem com os lugares por elas lembrados. A exceção é o Sr. Paulo Roberto; entretanto, a entrevista realizada com ele, contando com a participação de Dona Eliete, foi

realizada em Cobi de Baixo, local das principais memórias relembradas por ambos. A Figura 80 a seguir mostra a localização das entrevistas realizadas.

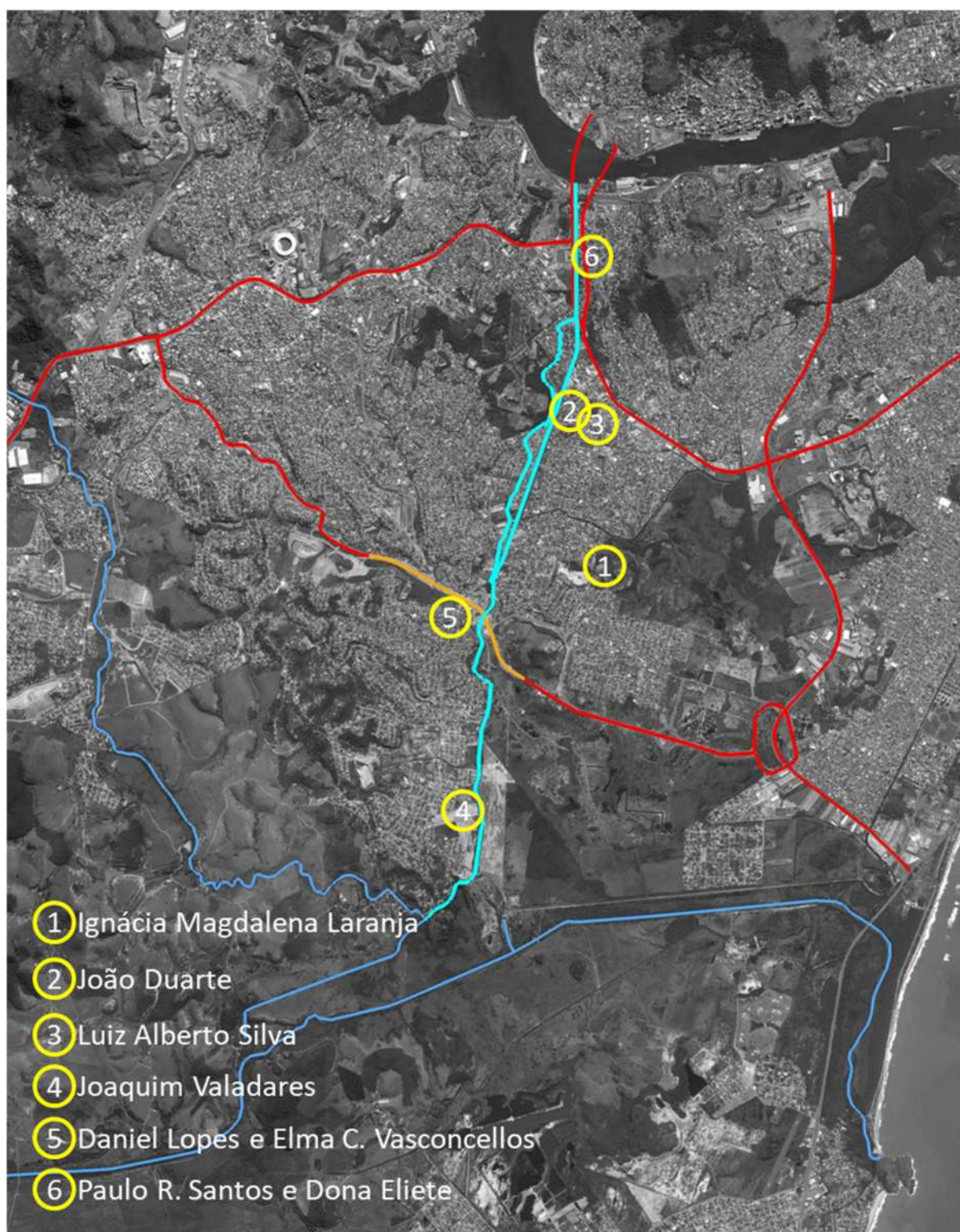


Figura 79 - Mapa de localização dos entrevistados.

Fonte: Google Earth, modificado pelo autor.

## **5.2. Descrições da paisagem do século XIX**

Antes de apresentar as memórias dos entrevistados, também são apresentadas neste capítulo as memórias de viajantes que percorreram o Rio Marinho no final do século XIX, publicadas em jornais da época. Seus relatos oferecem ricas descrições da paisagem e das relações sociais à sua época, permitindo uma amplitude maior de apreensões e constatações acerca de como era o Rio Marinho nos tempos em que as atividades rurais e a navegação predominavam na paisagem.

Esses relatos encontram-se neste capítulo por se tratarem de memórias pessoais, assim como a dos entrevistados que será apresentada adiante. Não se tratam de escritos históricos ou de documentos oficiais, mas sim, de experiências pessoais. Por isso, optou-se por trazê-las para este capítulo, a fim de somar às vivências relatadas nas entrevistas. A descrição da paisagem do Marinho chamou a atenção até de maneira curiosa, pois é como se esses viajantes tivessem sido entrevistados para esta pesquisa 130 anos atrás.

O texto publicado na coluna “*Variedades*” do jornal “O Espírito-Santense” em 14 de junho de 1883, apresenta um relato contando a história das férias de verão que um adolescente, identificado como *A’Torquato Malta*, passou na casa da família de um amigo, identificado como Talma, na região de Caçaroca, às margens do Rio Marinho. A riqueza de detalhes relativos à geografia e à paisagem da região, bem como às práticas sociais, contribuíram para a compreensão de como era a região do Marinho no século XIX. A cópia do jornal e a transcrição completa do texto encontram-se no Anexo VIII.

A história inicia-se no último dia letivo, com a conclusão dos exames finais de avaliação. *A’Torquato Malta* e seu amigo Talma partiram em direção à fazenda da família deste, na localidade denominada *Cassaroquinha*, às margens do Rio Marinho. A viagem foi realizada por canoa desde a cidade de Vitória, “*tripolada por trez negros robustos em cujas physionomias de ébano transparecia como contraste fios de lindos e verdadeiros marfins*” (O ESPIRITO-SANTENSE, 14 jun. 1883), escravos estes pertencentes ao Coronel Ribeiro, pai de Talma e dono da fazenda destino das férias. Ainda no início da história, evidencia-se como era a sociedade da época, sobretudo nas relações entre os homens brancos e os escravos negros:

Os pretos estavam alegres por terem de transportar por seus possantes braços ao senhor moço e a mim, amigo d'este, a nós que não eramos ali mais de que companheiros, conservando por sem duvida o respeito devido ao meio social, que por si se impõe. (O ESPIRITO-SANTENSE, 14 jun. 1883, p. 2).

Pouco tempo após a partida, a tripulação chegou até a foz do Rio Marinho, de onde iriam navegar até a fazenda. Chama atenção a descrição do autor do relato:

Ahi um espetáculo deslumbrante nos aguardava. O rio que corre em zig-zags muito regulares, oferecia-nos a cada ângulo que verticinavamos vegetação opulenta, onde baloiçavam flores agrestes de colorido vivo e alegre. Aqui, e ali saltitavam os passarinhos nos ramos, e quando pousados, ficavam a olhar muito admirados da nossa passagem que lhes era surpresa. (O ESPIRITO-SANTENSE, 14 jun. 1883, p. 2).

Confirma-se, então, a fisiografia do Marinho, com seus meandros e vegetação de mangue verificado ainda no mapa apresentado no Anexo V, elaborado na década de 1950 – bem posterior à data do texto. Destaca-se nesse relato, o interesse especial dos dois amigos pelas aves, com objetivo de caçá-las durante as férias, constituindo-se numa das principais atividades de entretenimento dos jovens.

Em determinado momento da viagem, na altura da então denominada *Pedra Macella*<sup>24</sup>, os amigos decidiram concluir a viagem a pé, e a navegação até a fazenda foi concluída apenas pelos escravos. Até chegarem à fazenda:

Iamos subindo então a belíssima collina, em cujo cimo está a alva casinha onde habitão os pais de Talma. Na raiz da collina corria o rio que navegamos até a Macella, em que nos despedimos dos negros que iam chegar primeiro do que nós. No porto, com effeito estava amarrada a canôa vazia. (O ESPIRITO-SANTENSE, 14 jun. 1883, p. 2-3).

Após a chegada à fazenda, os amigos foram recebidos pela família do Coronel Ribeiro e passaram vários dias de diversão, com banhos de rio, caçadas e cortejos às moças que habitavam nas proximidades. O texto de *A'Torquato Malta* descreve, em diversos momentos, detalhes da geografia, do clima e da paisagem da região, conforme o trecho a seguir, que se refere à planície de Caçaroca, na região do atual bairro Jardim Botânico, e aos morros existentes no entorno, como cenário de fundo:

Agora era o banho que nos fazia sahir em busca do sopé da collina. Fora novo espetaculo, bello em sua plenitude de luz nos aguardava: era a lua

<sup>24</sup> A localização e características da *Pedra Macella*, elemento geográfico que atualmente é desconhecido da população da região, são elucidadas por Dona Ignacinha Laranja, em entrevista concedida em 24/03/2017.



que rompendo as brumas do horizonte inundava de claridade a vasta planície de Cassaroquinha, o... bela contradição! A luz bordava de escuro os perfis das montanhas que nos circumdava. (O ESPIRITO-SANTENSE, 14 jun. 1883, p. 3).

O Rio Marinho, na região da fazenda, fora descrito como um rio de bom porte, de alta profundidade e velocidade de escoamento das águas, conforme trecho a seguir:

O rio corria com rapidez, porque seu impulso existia a alguns passos do lugar que ocupávamos, e além disso apertado por duas barrancas enormes, despertava-se justamente ali, formando uma grande bacia, oferecendo por isso um bello banho. Comtudo, o lugar era bastante fundo e no meio a corrente precipitava-se com fôrça. (O ESPIRITO-SANTENSE, 14 jun. 1883, p. 3).

O texto faz referência à obra de ligação dos rios Jucu e Marinho, sendo este último preferido para os banhos:

Buscamos de preferencia este lugar, embora houvesse também do lado opposto um banheiro bastante apreciável, formado pelas aguas de outro rio mais largo, - o Jucú, de que o rio Marinho, mas não era esse mais que confluente artificial das mãos de antepassados que ali existirão. (O ESPIRITO-SANTENSE, 14 jun. 1883, p. 3).

Em outro trecho do relato, o autor descreve como era o outro lado do rio, local que corresponde à antiga Fazenda Rio Marinho, pertencente à família Laranja, no município de Vila Velha:

Havia ali um areal extenso, sulcado aqui e acolá de cardos, onde o encantado tyê confundia-se com a vermelha fructa, cujos carocinhos pretos ele fazia estalar no bico, ao debica-la. (O ESPIRITO-SANTENSE, 14 jun. 1883, p. 3).

As férias dos jovens também foram marcadas pelo cortejo às *“roceirinhas que habitão do outro lado do rio, na fralda do morro”* (O ESPIRITO-SANTENSE, 14 jun. 1883, p. 3). A história retrata as duas moças e suas atividades relacionadas ao rio:

Com effeito ao passarmos a tardinha pela casa das camponezas eu e Talma nos separamos; é que dois pontos equidistantes e oppostos exercião relativamente sobre nós o phenomeno da attracção: o iman de Talma era Lulú, sua namorada, que colhia a roupa lavada estendida a alguns passos de casa. O meu era Rosina, que enchia o barril d’agua á beira do rio. (O ESPIRITO-SANTENSE, 14 jun. 1883, p. 3).

Destaca-se ainda no texto o relato de uma chuva torrencial que inundou a região, possibilitando a partida dos jovens *“para a caça das marrécas e irerês”* (O

ESPIRITO-SANTENSE, 14 jun. 1883, p. 3). Verifica-se, no trecho a seguir, que as inundações são eventos naturais, que sempre fizeram parte do ciclo das águas do Rio Marinho:

Os campos estavam debaixo d'agua. Um brejal que margeava o rio conjuntamente com a fralda do morro estava inundado até certa altura d'este. (O ESPIRITO-SANTENSE, 14 jun. 1883, p. 3).

O relato da história das férias em *Cassaroquinha* prossegue comentando todos os divertimentos que os jovens estudantes experimentaram em suas aventuras pelo Rio Marinho, até o momento em que o autor despediu-se “*com pesar d'aquela bella familia*” (O ESPIRITO-SANTENSE, 14 jun. 1883, p. 3). *A Torquato Malta* conclui seu texto, carregado de emoção:

Descendo o rio, triste, eu via desaparecer das minhas vistas aquelles sítios que me prodigalisarão tão festivos momentos de verdadeira saptisfação. (O ESPIRITO-SANTENSE, 14 jun. 1883, p. 3).

Outro relato de memórias do século XIX é apresentado em texto publicado nas edições dos dias 16 e 17 de outubro de 1885 do jornal “A Provincia do Espirito Santo”, que apresenta as “*Impressões de Viagem*” de seu autor, identificado como *F. A. Sequeira*, na época das “*Festividades de N. S. d'Ajuda, em Araçatiba*”. O relato é escrito contando a história da festa e da viagem, navegando pelos rios Marinho, Jucu e Jacarandá.

Na passagem pelo Marinho, o autor faz referência à necessidade periódica de limpeza do canal a fim de permitir a navegação. Siqueira destaca que eram os proprietários das terras próximas situadas às margens dos rios que empreendiam esforços para sua desobstrução, conforme demonstrado nas transcrições das mensagens de governo no Capítulo 3.

Desde o Paúl<sup>25</sup> até Caçaróca, o rio Marinho está desobstruido, graças aos esforços do revdm. padre Bermude, que com sua popularidade entre os moradores, que habitam suas margens, obteve para esse fim os serviços de que cada qual pôde dispôr. (A PROVINCIA DO ESPÍRITO SANTO, 16 out. 1885, p. 2).

O texto descreve como era a navegação pelo rio até o local denominado “Corte dos Jesuítas”, em Caçaroca. A ligação entre o Marinho e o Jucu também é mencionada:

---

<sup>25</sup> Chamava-se de Paúl a região próxima à foz do Rio Marinho, que hoje corresponde aos bairros Jardim América e São Torquato.

Outr'ora a marcha das canôas era interrompida pelas arvores, que tombavam em seu leito, e pelo – agua-pé – planta aquática, que se entrelaça intrincadamente, ocupando sua estreita valla, que foi aberta pelos jesuítas, para cortar a longa distancia pelo rio – Jucú – e poupar os riscos, a que pelo mar, se expunham os homens e as mercadorias. (A PROVINCIA DO ESPÍRITO SANTO, 16 out. 1885, p. 2).

As dificuldades para realização da viagem entre Vitória e Araçatiba, a antiga sede da fazenda dos jesuítas, foi retratada pelo autor, apresentando a dificuldade de se navegar pelo Rio Jucu, caracterizando-o com *“uma fóz estreita, semeada de cachópos, onde as aguas reluctam em um vae-vem horrível, produzindo estampidos, como a explosão de grossos canhões”* (A PROVINCIA DO ESPÍRITO SANTO, 16 out. 1885, p. 2).

A obra de engenharia hidráulica, segundo o autor do texto, fez com que as águas corressem livremente, *“abrangendo todo o espaço, aberto n'aquelles tempos, dos quaes poucos distanciámos nas vistas faceis e commodas communicações”* (A PROVINCIA DO ESPÍRITO SANTO, 16 out. 1885, p. 2).

Sequeira relatou ainda como era a fazenda e o engenho da Família Laranja, que havia sofrido um incêndio de grandes proporções, que já havia sido noticiado pelo jornal “A Província do Espírito Santo” em 01 de Julho de 1885:

Entristeceu-nos o aspecto do grande engenho do velho Laranja. O unico vestígio d'esse possante estabelecimento é a chaminé, único testemunho, que, ainda de pé, assignala a sua passada grandeza! (A PROVINCIA DO ESPÍRITO SANTO, 16 out. 1885, p. 2).

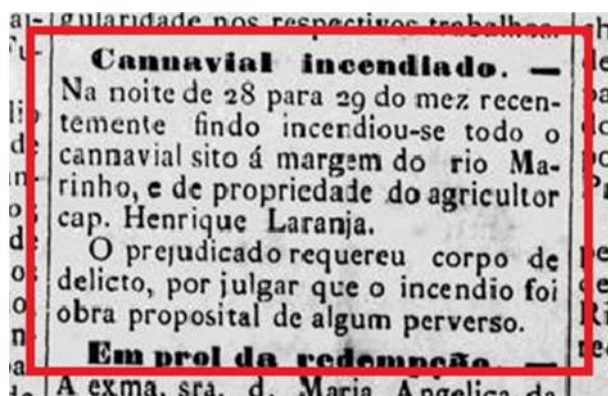


Figura 80 - Recorte do jornal "A Província do Espírito Santo", de 01/07/1885.

Ao se deparar com a situação do engenho da Fazenda Rio Marinho, Sequeira faz uma descrição de como era navegar pelo rio nos tempos anteriores ao incêndio:

Quem seguia d'esta capital ao aproximar-se d'essa fazenda, em tempo calmo, sentia o agradável cheiro do fumo das caldeiras, evaporando-se por seus ambientes, ouvia o ranger dos carros, e o cantar dos boiadeiros! (A PROVINCIA DO ESPÍRITO SANTO, 16 out. 1885, p. 2).

Pelos indícios ora apresentados, supõe-se que a obra empreendida pelos jesuítas na primeira metade do século XVIII continuou a ser utilizada para a navegação, mesmo após a expulsão da Companhia de Jesus em 1759. O Rio Marinho do final do século XIX apresentava-se como uma importante via de comunicação entre Vitória e as áreas rurais, que desenvolveram suas atividades nas localidades como Araçatiba e Viana. A paisagem, nesse período, era marcada pela sinuosidade do rio, pela vegetação exuberante às suas margens e, também, por características rurais, com sítios e fazendas.

### **5.3. Lembranças da paisagem na primeira metade do Século XX**

Os relatos de Dona Ignacinha (Laranja, 2016-2017) e Sr. Joaquim Valadares (Valadares, 2017) contribuíram para construir entendimento de como era a paisagem do Marinho, quando na região de suas memórias ainda predominavam as características rurais. A riqueza de detalhes nos depoimentos, aliado à lucidez dos entrevistados, permitiu a compreensão de como era essa paisagem antes da urbanização nas regiões de Cobilândia e Caçaroca, possibilitando, inclusive, o conhecimento de novos elementos de qualificação da paisagem que ainda não tinham sido apreendidos.

Chamou a atenção a resposta de Laranja para a primeira pergunta da entrevista, que se referia à primeira lembrança que se tinha da região de Cobilândia, uma vez que o Rio Marinho não era apresentado como tema da entrevista:

Só me vem lembranças boas. Tinha o Rio Marinho que era a coisa mais linda. Acabaram com o Rio Marinho. Deixaram invadir a beirada do rio, acabaram, acabaram. (...) O Rio Marinho levava água no mar, despejava no mar. Ele corria direto, era uma corredeira né? Quando enchia o rio aquela água levava lixo, levava mato, levava tudo. E era água boa, água limpa, todo mundo bebia. Todo mundo bebia água do Rio Marinho. (LARANJA, Entrevista, 2016).

Segundo Laranja (2016), a região da fazenda de sua família, que abrangia toda a margem direita do Rio Marinho (município de Vila Velha), desde São Torquato até o



Rio Jucu, era composta por terrenos pantanosos, com areais e lagoas, de variados nomes: Lagoa Encantada, Lagoa dos Patos, Lagoa da Novilha, Lagoa Feia, etc. Nas memórias da sua infância, a entrevistada lembra que os animais da Fazenda Marinho eram criados soltos e não se sabia quantos animais tinham na fazenda. Para se abater um boi, por exemplo, subia-se em um arbusto e matava com um tiro de arma de fogo.

A lembrança do areal e das lagoas, que também é confirmada por Valadares (2017), condiz com a caracterização geomorfológica apresentada por Abe (1999), sobre os terrenos alagadiços e arenosos da região do Rio Marinho. Destacamos a descrição sobre a Lagoa da Novilha, que atualmente é conhecida como Lagoa Encantada, na região do bairro Vale Encantado:

Ela chamava Lagoa da Novilha, uma lagoa que não tinha fim. Uma vez papai levou uma porção de bambus, foi botando um atrás do outro assim, foi emendando e não chegou no final. Não tinha terra que aterrasse. (...) Era natural. Essa que eu tô falando era a Lagoa da Novilha, era uma lagoa encantada, uma lagoa que não secava nunca. Ela tinha uma ilha que andava pra lá e pra cá. (LARANJA, Entrevista, 2016).

(...) Novilha, que era Encantada. Era '*fuuundo*'... Jogava uma vara assim, '*vupu*', a vara de bambu seco, ela ia no fundo, batia e voltava... Vara de 5 metros, 10 metros... Nunca ninguém conseguiu ver o fundo dessa lagoa. (VALADARES, Entrevista, 2017).

As poucas áreas mais elevadas da região, que ficavam resguardadas das inundações, eram utilizadas para a construção de residências ou para abrigar os animais na época das cheias, que eram bem comuns em períodos chuvosos:

Todo ano, dava enchente, dava camarão, peixe, marisco, dava nos '*pasto*'. (...) Aqui chovia demais, dava enchente demais. Agora não vê mais nenhuma enchente. O peixe, o camarão,... você sabe que vem nas águas né? Ele vai produzir com as águas. Não tem mais água, acabou tudo. Você não vê um saíru, uma piaba... (VALADARES, Entrevista, 2017).

A grandeza e a força das águas do Rio Marinho são lembradas nos depoimentos de Dona Ignacinha e Sr. João Valadares:

Olha, era uma coisa tão grande que em 1934 morreu meu tio, e veio uma lancha da Capitania dos Portos de alta potência, pra fazer o funeral, pelo Rio Marinho. (LARANJA, Entrevista, 2016).

Um dia eu tinha um burrinho aqui [emprestado] de um amigo meu, [foi quando] quase que matei meus filhos. É que ali na chegada pra Cobilândia,

na passagem do rio, passava uma água forte por baixo da barragem [do canal de adução de água]. O burro se assustou e foi na barragem já ia pra jogar mulher e filho, tudo lá dentro e pra matar. Morria tudo! Eles '*tavam deitado*' na charrete, morria tudo, que era uma correnteza forte e não salvava nada. Até hoje eu lembro. (VALADARES, Entrevista, 2017).

O meio de transporte era a pé por caminhos ou, ainda mais comum, navegando pelo Rio Marinho com a utilização de canoas:

A minha condução era o Rio Marinho de canoa. Pela maré, você largava a canoa e ia de rio acima. Quando a maré descia, a canoa descia também, de tarde ela vazava. Deixava a canoa ir sozinha. (VALADARES, Entrevista, 2017).

Outro aspecto a ser considerado com relação à força das águas, é a ocorrência de inundações, que são recorrentes no Rio Marinho. O relato de Dona Ignacinha, bem como a Figura 81 a seguir, fornecem indícios de como era o transporte na região em épocas de cheias do rio:

Quando chovia muito, naquela época chovia muito, acho que é porque tinha muito mato, chovia muito, aí ficava tudo cheio e você andava de canoa. Por dentro, onde tá Cobilândia, era canoa pelo caminho. Quando morria uma pessoa, fazia o enterro nas canoas, levava daqui para o Bosque<sup>26</sup>. (LARANJA, Entrevista, 2016).



Figura 81 - Inundação do Rio Marinho na década de 1950.

Fonte: Acervo Denis de Oliveira

<sup>26</sup> O Bosque é um cemitério localizado no alto de um morro entre os bairros Cobi e Alvorada (Vila Velha).

Destaca-se que as informações colhidas de Laranja e Valadares, muitas vezes, referem-se a épocas diferentes. A memória de Laranja do período rural corresponde aos anos anteriores à implantação de Cobilândia, ocorrido a partir de 1951. Já as memórias de Valadares referem-se a um período rural de Caçaroca, entre as décadas de 1950 e 1960, quando as regiões mais ao norte do Marinho já estavam se urbanizando. O mesmo rio presenciava “evoluções de tempo” diferentes e a existência do rural e do urbano no Marinho fica nítida na descrição de Valadares, de como fazia para chegar até a Cidade<sup>27</sup>:

O caminho nosso era o rio. Ia de canoa até a pracinha de Cobilândia pra pegar o ônibus pra Cidade. Na época, não tinha outra condução. O melhor era aquilo mesmo (...) fazia isso feliz da vida, ‘sastifeito’, alegre, cantando. Fazia aquilo com o maior prazer da vida. (VALADARES, Entrevista, 2017).

A retirada de areia na bacia do Rio Marinho foi citada por quase todos os entrevistados, destacando-se o relato do Sr. Daniel Lopes lembrando seu pai, Antônio Lopes, que fazia a retirada de areia do fundo rio:

Antes o que mais me impressionava era o Rio Marinho (...) fazia parte do nosso dia-a-dia, o pessoal sobrevivia de pesca, de tirar areia do rio. Eu era pequeno quando meu pai tirava areia e vendia na Vila Rubim. Ele tirava no mergulho, na lata e enchia as canoas, mergulhando no peito. A canoa dele pegava 5m<sup>3</sup> de areia, tinha canoa que pegava 10m<sup>3</sup>. (LOPES, Entrevista, 2017).

A extração de areia era também realizada nas fazendas da região, como na do Sr. Orestes Régis Barbosa, sogro do Sr. Joaquim Valadares, e na fazenda da família Laranja. Dona Ignacinha fez uma ponderação entre a necessidade de utilização deste recurso natural e as consequências de sua retirada:

O areal era uma coisa linda. Tinha muitas frutas, muita coisa. Aí começaram a tirar areia. Aí vem o “diacho” da ambição, da ganância, começou tirando areia, tirando areia e acabou com tudo. Tirava também porque tinha necessidade, porque de primeiro tudo era muito difícil, não é? Aí tinha que ir usando o que tinha. (LARANJA, Entrevista, 2016).

Atualmente, verifica-se que esta atividade extrativista ocorre em grande escala em outras áreas de Vila Velha, principalmente ao sul do Rio Jucu. Lira (2015), apoiado em Sartório (2012), aponta que a extração de areia é realizada tanto por empresas autorizadas por órgãos ambientais, quanto por carroceiros que fazem a retirada

<sup>27</sup> Ainda hoje se verifica que pessoas mais antigas referem-se ao centro de Vitória como “ir à Cidade”.

individualmente, sem licença. Verifica-se que as empresas, mesmo autorizadas, causam uma degradação do solo muito maior em relação ao trabalho praticado por carroceiros (SARTÓRIO, 2012, p. 16 *apud* LIRA, 2015, pp. 64-65).

Durante a pesquisa, verificou-se existência de referenciais de paisagem que eram comuns aos habitantes do Rio Marinho até o início do século XX, como a Pedra Macella, apresentada pelo viajante “A’Torquato Malta” em 1883. Após a leitura do texto, verificou-se que essa pedra que outrora foi referência para os que navegavam pelo Marinho, não era citada por nenhum dos entrevistados. Nas entrevistas realizadas em março de 2017, após o final do roteiro, fazia-se perguntas a respeito de elementos encontrados nas pesquisas, como a existência dessa pedra.

Desconhecida das pessoas mais novas, a existência desta pedra foi lembrada por Dona Ignacinha, que descreveu sua localização, nas proximidades de Cobi, e suas características:

Era onde as mulheres lavavam roupa. Não tem a ponte preta, onde o trem passa? O trem passa perto da Pedra da Macella. Indo por Jardim América, seguindo a linha do trem, vai sair no Cobi. É ali ‘*praquele*’ lado. Era uma pedra enorme, assim, como um platô. Era baixa, as mulheres lavavam roupa, estendiam roupa pra quarar, e a pedra entrava no rio. (LARANJA, Entrevista, 2017).



Figura 82 - Localização da Pedra Macella, com destaques para o leito original do Rio Marinho (azul) e Estrada de Ferro Leopoldina (laranja).

Fonte: Google Earth, modificado pelo autor.



Em pesquisa de campo, constatou-se que a referida pedra está localizada em Vasco da Gama, um pequeno bairro de Cariacica situado entre Jardim América e Nova América. O estreitamento do leito do Rio Marinho e a extinção de seus meandros afastou a pedra de suas margens. Possivelmente, essa intervenção fez com que a pedra ficasse esquecida dos referenciais da paisagem do Rio Marinho. O Sr. Joaquim Valadares também lembrou da Pedra Macella:

Nosso porto era ali. Nós '*panhava*' água, tudo ali, nessa pedra, Pedra da Macella. (VALADARES, Entrevista, 2017).



Figura 83 - Vista da Pedra Macella, com construções e asfalto.

Ficou evidenciado, principalmente nas entrevistas com Laranja e Valadares, o risco de perda das memórias com o passar dos anos. A lenda da canoa de ouro, por exemplo, foi lembrada por Laranja, mas não era conhecida pelos entrevistados mais novos:

Tem uma história, de uma canoa de ouro que os jesuítas roubaram, trouxeram, mas pra ninguém pegar eles enfiaram no meio do mato e ninguém sabe onde é. Todo mundo achava que era nessa lagoa [da Novilha]. Mas nessa lagoa, os jesuítas vieram com uma canoa de ouro. Eles subiram pelo Rio Marinho. Mas aí quando ia até lá era um capinzal medonho (...). (LARANJA, Entrevista, 2016).

Derenzi (1995) esclarece em seu livro que essa lenda foi criada após a expulsão dos jesuítas, em 1759, afirmando que “a lenda criou corpo e a imaginação dos fracos de espírito desenhou roteiros cabalísticos, localizando os baús, arcas e painéis abarrotadas de ouro e pedrarias” (Derenzi, 1995, p. 94). Segundo o autor, ainda era

possível encontrar escavações em diversos aldeamentos empreendidos pela Companhia de Jesus. Na segunda entrevista com Dona Ignacinha, em março de 2017, a entrevistada defendeu a veracidade da existência da canoa de ouro:

Isso não é lenda não, isso foi verdade. Já veio gente do Rio aqui, que sonharam com a canoa e vieram aqui, fazendo pesquisa, procurando a canoa de ouro. (LARANJA, Entrevista, 2017).

Verificam-se nesses relatos que as atividades rurais eram ainda presentes nas memórias, principalmente na área descrita pelos entrevistados, que compreende uma região do Rio Marinho entre Cobilândia e Caçaroca. A paisagem descrita ainda era predominantemente rural, caracterizada por uma região pantanosa, em que se navegava por terrenos alagados pelas cheias do rio – eventos naturais e recorrentes na memória dos entrevistados.

#### **5.4. Lembranças do início da urbanização**

Em todos os depoimentos, verificam-se elementos que caracterizam uma paisagem que a partir da década de 1950 passou por profundas transformações, motivadas pela urbanização. Nos anos 1930 e 1940, iniciou-se a ocupação em São Torquato e no morro do Cobi, às margens do Marinho. Com a implantação de atividades industriais nas proximidades da foz do rio, pela Companhia Ferro e Aço de Vitória e, principalmente, com o início das operações da Companhia Vale do Rio Doce, entre as décadas de 1940 e 1950, houve um incremento populacional na região e o surgimento de bairros como Jardim América e Itaquari.



Figura 84 – Vista do Rio Marinho, com bairro Cobi e parte da Ponte Preta aparecendo em segundo plano, na década de 1950.

Fonte: Acervo Dilio Santos.

O Sr. Paulo Roberto, contando com as contribuições de Dona Eliete, relembrou do mangue que existia em Cobi de Baixo, numa época em que o Rio Marinho preservava seus meandros:

*Paulo Roberto* – Aqui no mangue dava muito camarão, carangueijo, siri...

*D. Eliete* – Siri não, o siri vinha na enchente.

*Paulo Roberto* – É, o siri não é tanto de mangue, o siri vinha na maré né, na enchente. Quando enchia os siris vinham. Até tainha tinha aqui.

*D. Eliete* – Tinha. Tainha, robalo.

(SANTOS, P.R., Entrevista, 2017).

Nessa entrevista, foi lembrado o ofício das lavadeiras de Cobi de Baixo, que assim como Dona Eliete utilizavam-se do Rio Marinho para executar suas atividades, bem como dos impactos socioeconômicos que foram gerados após a industrialização da região de Vitória, ali iniciada:

Dona Zilda lavou roupa pra fora muito tempo, as capas da Vale. [A chegada da indústria] gera ocupação e renda com esse tipo de interferência. Uma empresa grande por aqui gera esse tipo de oportunidade, sem entrar no mérito se isso é bom ou ruim. E mais, muita gente daqui, como na família da Dona Eliete, trabalhou na Vale do Rio Doce, em boa parte isso melhorou a condição da família da Dona Eliete. O que nós somos hoje é também, querendo ou não, fruto da Vale do Rio Doce. São essas coisas que as pessoas deixam passar batido. (SANTOS, P.R., Entrevista, 2017).

A pavimentação asfáltica da Avenida Carlos Lindenberg em 1951 permitiu uma facilidade no acesso rodoviário à capital capixaba que, aliado à abertura dos canais pelo DNOS e a abertura do canal para adução de água potável, pela Companhia Espírito Santense de Saneamento (CESAN), conforme lembrado por Laranja, possibilitou a ocupação na região de Cobilândia:

Cobilândia só melhorou depois que a CESAN fez aquele valão, ao lado do Rio Marinho. O Rio Marinho se acabou por causa daquele valão também, né? A água da CESAN era encanada por aquele valão, ela passava naquele valão. Depois foi que canalizaram a água. Aí com os valões que fizeram, fizeram aquele lá, esse aqui perto, foi secando. Mas antes não existia Cobilândia, existia um pantanal. Depois foi secando, diminuindo, tirando as águas, aí ficou Cobilândia. (LARANJA, Entrevista, 2016).

Na década de 1960, apesar do surgimento de alguns bairros, outras áreas mais ao sul do Rio Marinho, até Caçaroca, ainda não eram urbanizadas e eram acessadas por canoas que navegavam pelo rio ou por trilhas em meio à vegetação:

Quando eu era criança, fui em Caçaroca. Fui numa trilha no meio do mato. O mato fechado era um ‘*tunelzinho*’, passando por cima da cabeça da

gente. Não passava caminhão, não passava nada. Depois que foram abrindo essa mesma trilha, que hoje é asfaltada, aí começaram a tirar areia de caminhão. Tirava areia de dentro do rio ainda, na lata. (SILVA, L.A., Entrevista, 2016).

Me lembro também que naquela época, o rio era limpinho, o pessoal lá de Caçaroca, aqueles canoeiros, vinham descendo, traziam areia '*pra*' levar lá '*pro*' Mercado, passava por baixo daquela ponte seca, que eles falam agora. (DUARTE, Entrevista, 2016).

Até a conclusão das obras de implantação do sistema de captação de água da CESAN, em 1956, não havia água encanada na região, sendo necessário buscar água no rio para consumo humano. Mesmo com a implantação da captação de água no Marinho, diversos bairros passaram a ter água encanada anos mais tarde, como Cobi de Baixo e as invasões ocorridas entre os bairros Rio Marinho e Bela Vista, em Cariacica. Por isso, as margens do rio continuavam a ser utilizadas para lavar roupas e também para recreação, com os banhos, ou para a alimentação, com a pesca, conforme as lembranças apresentadas em diversas entrevistas:

lá '*panhar*' água pra beber, tomar banho, no rio. Não tinha esse valão não. (...) Aquele Rio Marinho ali, aquilo ali a gente sente saudade. A gente juntava a '*molecada*' toda pra ir tomar banho. (DUARTE, Entrevista, 2016).

Tinha piau, robalo, tainha, pitu (...). (SILVA, L.A., Entrevista, 2016).

Esticava uma rede no rio, de um lado a outro, e chegava lá de manhã '*tava*' tudo balançando, de tanto peixe (...) minha mulher lavava roupa aqui '*oh*', na unha! No rio. Bacia d'água na cabeça e tudo. (VALADARES, Entrevista, 2017).

No Rio Marinho nós '*pegava*' água de lá pra beber, em lata, carregava pra casa pra encher a caixa, naquele tempo não tinha água encanada. Mas era muito limpo, nós víamos os peixes lá no fundo do rio (...) bebia água do rio sem filtrar. A gente era pobre, nem sabia o que era filtro, eu acho. Não fervia nem nada. (VASCONCELLOS, Entrevista, 2017).

A gente tinha uma chácara onde hoje está passando a rodovia nova (...) quando eu era criança, a gente pulava do pé de fruta-pão dentro do rio. (LOPES, Entrevista, 2017).

O Sr. Paulo Roberto relembra como o as operações da Vale e da Companhia Ferro e Aço foram determinantes para o crescimento dos bairros da região:

De sessenta e setenta pra cá, é que muita gente de fora veio por conta de Vale do Rio Doce (...) e a Ferro e Aço também foi grande indutora disso. A Vale foi um marco aqui nessa região, de Cariacica e Vila Velha. O pessoal vinha de trem, desembarcava e vinha por aqui procurando onde se alojar, e



sempre mais próximo da Vale, que ainda não estava em Tubarão, ela atraía muita mão-de-obra. (SANTOS, P.R., Entrevista, 2017).

Ressalta-se que a implantação das operações da Vale e Ferro e Aço – atual Arcelor Mittal Cariacica – na região do Rio Marinho foram anteriores a 1960/1970. Já na década de 1960, as principais operações da Vale foram transferidas para a Ponta de Tubarão, em Vitória, com porto recém-inaugurado (SILVA, 2004). Na década de 1970 o Espírito Santo era alvo dos Grandes Projetos Industriais do Governo Militar e, a despeito das novas operações industriais terem se deslocado para a região nordeste de Vitória, chegando ao município de Serra, destaca-se que o crescimento urbano populacional de Cariacica e Vila Velha era intenso nessa época, conforme demonstrado no Capítulo 3. Portanto, esta região continuou a sofrer os impactos do crescimento urbano, mesmo que as novas atividades industriais fossem implantadas em regiões mais distantes do Rio Marinho.

Ainda no depoimento do Sr. Paulo Roberto, evidencia-se que na medida em que a urbanização se consolidava, as populações dos novos bairros necessitavam e protestavam obras básicas de infraestrutura urbana, como a pavimentação e o saneamento básico. O entrevistado apresentou também uma reflexão sobre as consequências dessas novas obras para as relações com o Marinho:

Pelo fato de ser um terreno quase que encharcado [em Cobi de Baixo], se você cavar um metro vai encontrar água, inviabiliza você fazer fossa negra. Então, a chamada privada, ou o quartinho como a gente falava, o banheiro era em cima da água, porque não havia condição de você cavar e fazer a fossa negra. O rio era o esgoto natural, como ainda é, apesar de hoje ter rede de esgoto aqui no bairro (...) e tem um dado, agora vou falar como morador daqui, algo que sempre os moradores reclamavam, exigiam, era água tratada e potável e luz elétrica. Então (...) você ia até o rio inclusive pra pegar água pra beber. Quando a água chega na torneira da sua casa, você dá '*tchau*' pro rio, entendeu? Depois que chega a água na torneira aqui, o rio já perde um pouco o seu sentido. Então o rio vai perdendo a sua importância a partir do momento que vai chegando esses benefícios, como o saneamento e a água tratada. (SANTOS, P.R., Entrevista, 2017).

A urbanização como consequência do processo de industrialização e êxodo rural, marcado pela erradicação dos cafezais – que foi verificada no Capítulo 3 – é confirmada pelas entrevistas. Os relatos evidenciam que a partir da segunda metade do século XX as áreas mais ao sul do Rio Marinho foram se transformando em urbanas de maneira mais veloz, contribuindo para a gradativa extinção das atividades rurais na região.

### **5.5. O tempo das ocupações informais**

Segundo relatos do Sr. Luiz Alberto, no início da década de 1980, a estrada de acesso à Caçaroca ainda não era pavimentada, mas foi a partir dessa estrada que a urbanização seguiu na direção sul. Até hoje, a estrada mantém suas características de caixa carroçável estreita, calçadas quase inexistentes e tráfego intenso, sendo a única via estruturante que conecta os bairros ao sul de Cariacica, desde Jardim América até Caçaroca, passando por bairros como Bandeirantes, Bela Vista e Jardim Botânico, surgidos após 1980.

O Sr. Daniel Lopes relembra como era a região de Bela Vista e o Córrego Campo Grande antes de 1980, na sua infância, quando a região ainda mantinha suas características rurais:

Era um lugar bom de se morar. Era uma fazenda, e tinha vizinhos fazendeiros. Tinha várias plantações: milho, aipim, verduras. (...) Essa baixada aqui passava uma nascente e corria para o Rio Marinho. Aquele valão ali, que vem de Campo Grande, tinha bastante peixe, era água limpa. (LOPES, Entrevista, 2017).

Na mesma entrevista, o Sr. Daniel Lopes confirma a veracidade das informações do jornal “A Gazeta”, apresentadas no capítulo anterior, que descreviam a rapidez com que ocorreu a ocupação da região. A descrição da velocidade na transformação daquela paisagem rural em urbana é impressionante:

Foi logo quando eu estava saindo do colégio, começaram a invadir pela manhã. Eu saí de manhã não tinha nada, quando voltei do colégio já tinha aquele monte de gente. Foi piscar o olho e o pessoal invadiu. (...) Isso aqui era uma mata, da noite para o dia desmataram tudo, foi questão de horas. Fizeram igual faz uma praga daninha<sup>28</sup>. (LOPES, Entrevista, 2017).

Dona Elma Vasconcellos também relembrou suas experiências pessoais com relação a essa invasão feita em 1980:

Minha mãe participou dessa ocupação (...) a polícia veio, de metralhadora, derrubou os barracos, depois fizeram tudo de novo. (VASCONCELLOS, Entrevista, 2017).

Alguns entrevistados chegaram a afirmar que as ocupações foram incentivadas por políticos da época, que se aproveitavam da problemática habitacional brasileira –

---

<sup>28</sup> A erva daninha é uma planta que nasce espontaneamente em local e momento indesejados, sendo considerada uma praga na agricultura.

que ainda hoje é um problema crônico – como formação de capital político para ganhar eleitores:

No Rio Marinho a gente tomava banho, pegava peixe, tinha tudo. Aí começaram fazendo aquelas invasões. Eu não vou dizer o nome de quem foi o prefeito de Vila Velha que deixou invadir a beira do rio todo com essas invasões. Aí com as invasões começaram a fazer o esgoto dentro do rio e acabou tudo. Porque aqui no Espírito Santo quando as coisas são boas eles [os políticos] acabam. (LARANJA, Entrevista, 2016).

Dona Ignacinha e o Sr. Luiz Alberto relatam que as ocupações na região do Rio Marinho foram feitas à revelia do poder público, ou até mesmo incentivadas por políticos. Uma das figuras políticas que foi tida como um grande incentivador para esses movimentos de ocupação foi Vasco Alves de Oliveira Júnior<sup>29</sup>, ex-prefeito das cidades de Cariacica (1989-1992) e Vila Velha (1983-1986 e 1993-1996).

Por meio de entrevistas realizadas com moradores que participaram da formação do bairro Morada da Barra, na região de Terra Vermelha<sup>30</sup>, Lira (2015) constatou que a ocupação do bairro foi motivada pela expulsão dos moradores que estavam ocupando as margens do Rio Marinho, próximas às adutoras da Cesan, no final da década de 1980. O autor verificou também nessas entrevistas que era comum a realização de alianças entre políticos e líderes comunitários dessas novas ocupações, gerando benefícios para ambos:

As alianças políticas podem ser resultado não só de benefícios particulares como também da necessidade de superar algumas dificuldades da época. Tal canal de comunicação foi determinante para os moradores da região [de Terra Vermelha], pois possibilitou melhorias de infraestrutura. Contudo, devem-se considerar, também, os benefícios que tal aliança política trazia para ambos os lados. Para o ex-prefeito [Vasco Alves de Oliveira Jr.] o apoio do líder dos assentamentos era importante para atrair os eleitores daquele local; já para o líder das ocupações, o apoio do ex-prefeito aumentava seu poder perante os moradores e o controle de entrada e saída de novas famílias. (LIRA, 2015, p. 96).

Em todas as entrevistas, verifica-se um descontentamento com relação à política brasileira, sentimento evidenciado quando os entrevistados fazem reflexões com relação à situação atual do Rio Marinho e ao desinteresse governamental na sua recuperação:

<sup>29</sup> O ex-prefeito ganhou notoriedade política no período da ocupação do bairro Rio Marinho, ocorrida em 1980, quando atuou como advogado da Comissão de Moradia da Arquidiocese de Vitória.

<sup>30</sup> Bairro de Vila Velha localizado ao sul do Rio Jucu.

Deixaram estragar demais. É como uma doença que já se alastrou, o remédio fica muito mais difícil. Vai depender de política... (SANTOS, P.R., Entrevista, 2017).

### **5.6. O antigamente e o hoje**

Em todos os depoimentos, verifica-se um sentimento de perda com relação às paisagens, aliado à saudade das práticas sociais que se tinham no passado. O Sr. Daniel Lopes relembra como era sua rotina na infância:

A gente era feliz e não sabia. Numa hora dessa [10h da manhã] nós estávamos todos na beira do rio, uns pescando, uns tomando banho. (LOPES, Entrevista, 2017).

Além do lazer, verifica-se uma saudade das relações sociais, de solidariedade entre os vizinhos e o sentimento de pertencimento a uma comunidade, que segundo os entrevistados era mais evidente antigamente:

Antigamente tinha pouca gente, todo mundo se conhecia. Era uma comunidade bem solícita. Na enchente de 1964 ficaram quatro famílias na nossa casa. Moravam na beira do Rio Marinho e encheu tudo. (SILVA, L.A., Entrevista, 2016).

Quando morria alguém, todo mundo ficava de certa forma recolhido. O luto era coletivo. O velório era dentro de casa, então você não tinha esses cemitérios como são hoje. (...) A comunidade era muito solidária. Na semana santa, havia troca de pedaços de torta [capixaba], as pessoas trocavam '*essa torta é da casa de fulano, essa é de fulano*', e ficou assim durante muito tempo. (SANTOS, P.R., Entrevista, 2017).

Alguns relatos sugerem que nos tempos passados as relações entre as pessoas não eram priorizadas pelo poderio econômico e que era mais fácil existir amizades entre pessoas de diferentes realidades socioeconômicas:

Hoje em dia tudo é diferente, até as pessoas são diferentes. Eu tenho saudade desses pobres, trabalhadores, aquelas criaturas pobres que viviam com a gente. Porque hoje em dia só visam o malvado do dinheiro. Não tem mais aquela amizade que a gente tinha, não é? (...) [Tenho saudade daquela] amizade antiga, amizade mesmo, de verdade, sem falsidade, sem demagogia. Hoje em dia é só falsidade, é um tal de falar dos outros, se meter com a vida dos outros. Antigamente não, todo mundo era igual. (LARANJA, Entrevista, 2016).

O povo que tinha era bom, humilde. Hoje não é mais humilde. O povo hoje é '*maldadoso*'. (...) Tinha muito mais liberdade. (VALADARES, Entrevista, 2017).

O Sr. Paulo Roberto, em conversa com Dona Eliete, faz uma reflexão sobre a modificação dos hábitos alimentares das pessoas que moravam próximo ao Rio Marinho:

*Paulo Roberto* – Antigamente passava peixeiro, a senhora lembra de Seu Darci?

*D. Eliete* – Lembro!

*Paulo Roberto* – Ele passava aqui com a cestinha dele vendendo peixe. A população de Vitória antiga usava muito mais pescado do que hoje, estou falando isso em termos relativos. Depois veio os supermercados e tal. Dificilmente alguém compra peixe no supermercado, peixe congelado. Agora tem os enlatados, essas coisas todas, muda o perfil da alimentação. Comer carne naquela época era um luxo, isso inverteu. Hoje se você for procurar o que a gente comia com uma certa regularidade, sururu, camarão... hoje vai comprar 1kg de camarão de água doce?

*D. Eliete* – hoje fui lá na Praia do Suá comprar...

*Paulo Roberto* – Veja, ela precisou sair daqui para ir lá comprar. O que antes ela pescava com a mãe dela, hoje tem que ir lá na Praia do Suá para comprar. Hoje não tem mais esses pesqueiros. A paisagem muda, os hábitos alimentares mudam, os valores mudam. (SANTOS, P.R., Entrevista, 2017).

O Sr. Paulo Roberto Santos relembra que era comum que as portas das casas ficassem destrancadas, fechadas apenas por uma taramela<sup>31</sup> – ou ‘*tramela*’ como muitos chamavam.

Você podia sair de casa e deixar a porta aberta, ninguém mexia. O sistema era de trinco ou o que a gente chamava de taramela, não havia fechadura nas casas. Era assim, você não tinha a preocupação de trancar nada. (SANTOS, P.R., Entrevista, 2017).

Eu tinha uma ‘*tramela*’ aqui, abria com a faca ‘*pra*’ entrar dentro de casa. (VALADARES, Entrevista, 2017).

A falta de segurança na cidade contemporânea é um fator negativo lembrado pelos entrevistados. Nesse sentido, a saudade dos tempos passados fica evidente, pois são relatados os sentimentos de liberdade, de sair sem se preocupar com a segurança e a violência.

De primeiro você podia andar tranquilo aqui na região. Antes não tinha esse negócio de sair com medo de casa. (LOPES, Entrevista, 2017).

Alguns depoimentos citaram a questão da falta de segurança em alguns bairros banhados pelo Rio Marinho, bem como a tentativa de conviver pacificamente com

---

<sup>31</sup> Espécie de tranca para portas, moldada em madeira, com um furo no centro, que é pregada no batente das portas, de tal forma que pode ser girada, mantendo a porta travada quando necessário.



essa situação. Possivelmente essa temática veio à tona devido à crise na segurança pública ocorrida no Espírito Santo, em fevereiro de 2017. Sem os militares nas ruas, a população viveu em “estado de sítio” durante uma semana<sup>32</sup>.

Nos depoimentos, ficaram marcadas as modificações sociais que, segundo os entrevistados, são consequências do progresso. Em concordância com esse ponto de vista, o filósofo Michel Aires de Souza defende de que o estilo de vida contemporâneo entrou em crise, pois houve uma modernização dos valores, tradições, crenças e verdades. Na sua visão, houve uma relativização dos valores, como consequência do avanço do pensamento e do conhecimento técnico e científico (SOUZA, 2013).

O sentimento que se observa na visão dos entrevistados é que os benefícios chegaram – as infraestruturas, as facilidades, os bens materiais – mas que isso ocorreu à custa de transformações nos valores pessoais, refletindo, assim, nos valores da sociedade atual, que na visão dos entrevistados parece estar mais preocupada com questões individuais do que coletivas. Cabe destacar que, conforme abordagem apresentada no Capítulo 2, essas lembranças podem ser influenciadas por uma visão romântica do passado, pois se tratam de uma reconstrução feita no tempo presente.

### **5.7. “Você acha importante a recuperação do Rio Marinho? Por quê?”**

Esta foi a última pergunta do roteiro de entrevistas. Os entrevistados, após terem percorrido suas memórias desde a infância, relembando amizades, costumes, sua relação com o rio, puderam deixar suas mensagens de esperança.

Dona Elma Vasconcellos deu uma resposta curta, mas carregada de emoção: “*Quem dera voltasse o que era!*”. Com os olhos marejados de lágrimas, Dona Ignacinha também deixou seu recado:

---

<sup>32</sup> Por vários dias, familiares de militares bloquearam as saídas dos batalhões da Polícia Militar em várias cidades do Estado, protestando por melhores salários e condições de trabalho para os policiais. Apenas alguns estabelecimentos funcionaram em horário especial para que a população pudesse comprar itens básicos, como alimentos e remédios. A economia, principalmente o comércio e o turismo, sofreram grandes prejuízos. No período em que os capixabas ficaram sem policiais nas ruas, foram registrados saques em lojas e mais de 170 mortes violentas, em cidades de todo o Estado. Fonte: <g1.globo.com/espírito-santo/noticia/2017/02/apos-reuniao-com-governo-mulheres-de-pms-desocupam-quarteis-no-es.html> Acessado em 09/11/2017.

A coisa que eu mais desejo na minha vida é a limpeza desse Rio Marinho, esse Rio Marinho voltar a ser o rio que era. Mas aí pra fazer vai ser muito alta indenização. Porque meu filho, o que tem de barraco (...) porque o Rio Marinho tinha no mapa do Brasil, do Espírito Santo. Era uma coisa que não era pra ser destruído nunca. Que interesse tinha esses prefeitos de mandar invadir as beiradas do rio? (...) É uma coisa que se fizer isso antes de eu morrer, vou morrer feliz da vida. A recuperação do Rio Marinho pra mim vai ser tudo! (LARANJA, Entrevista, 2016).

O Sr. João Duarte acha importante a recuperação do rio, mas tem uma visão de que é difícil realizar sua recuperação:

Talvez seria uma das coisas mais importantes, seria a recuperação do Rio Marinho. Mas hoje em dia é muito difícil, que construíram. Se você pegar lá de baixo, de fora a fora, na margem do rio tá construído. Como é que eles vão fazer a limpeza, com a draga? Se tiver capital pra recuperar, mas teria indenizar esse pessoal todinho. (DUARTE, Entrevista, 2016).

Em contraponto, o Sr. Luiz Alberto apresenta uma visão mais esperançosa, de que se houver vontade política o rio pode ser recuperado. Citou como exemplo Piracicaba, cidade do interior de São Paulo que conheceu em 2004, e teve contato com o rio que passava no centro da cidade, que já foi alvo de revitalização:

Com certeza. A recuperação do Rio Marinho tinha que ser uma questão de honra. Fazendo uma comparação, muito distante, o Rio Piracicaba, que passa dentro de Piracicaba, é um exemplo. Piracicaba é considerada a cidade das águas. Que tem água pra todo lado, tinha tratamento de água, aquele negócio todo. O rio tem calçadão do lado dele, tem quiosques, e você vê os mergulhões, que é um tipo de passarinho, que ele mergulha e sai lá na frente já com um peixinho na boca. Aí você vê pescadores, pescador amador e tudo. E é um rio bonito demais. E você vê que é um rio limpo, saudável, e passa no centro de Piracicaba, que é uma cidade grande. (...) Eu acho que se tivesse vontade política, esse rio já estava recuperado. (SILVA, L.A., 2016).

O Sr. Daniel Lopes também tem uma visão semelhante à do Sr. Luiz Alberto, de que não se recupera o Rio Marinho por falta de vontade política:

Seria importante para a própria natureza e para a população. Tem como fazer isso, mas não faz porque não querem gastar dinheiro com isso. (...) O rio era espetacular. Era de onde o pessoal tirava o sustento. (LOPES, Entrevista, 2017).

O Sr. Joaquim Valadares relembra de quando tinha condições físicas para navegar no Rio Marinho e gostaria de ver as novas gerações tendo a oportunidade de utilizar-se do rio da mesma forma que ele vivenciou. A emoção de relembrar do Rio Marinho também ficou evidente na sua resposta:

Acho. Eu 'tô' velho, não recordo mais da minha condição de integridade pra fazer aquilo, remar a canoa igual era. Mas eu queria que outros '*mais novo*' visse aquilo. Seria um grande prazer se acontecesse isso. (VALADARES, Entrevista, 2017).

O Sr. Paulo Roberto apresentou uma visão filosófica da importância de se revitalizar o rio, uma visão que vai além das questões urbanísticas e ambientais, mas que diz respeito à vida:

Água. Toda água é importante. Água é vital. Pegando gancho com a música, esse é o planeta água, então nós somos água, nós somos líquido, mais de 70% água. Isso tem que estar limpo. Água. (SANTOS, P.R., Entrevista, 2017).

Destaca-se a alegria das pessoas mais idosas em ter suas histórias e memórias ouvidas e registradas, possivelmente por se sentirem valorizadas e contribuintes de uma pesquisa sobre o Rio Marinho, que fez parte de suas vidas. Após agradecimento à Dona Ignacinha e ao Sr. Joaquim Valadares, por terem contribuído com a pesquisa compartilhando suas memórias, eles responderam:

Eu que agradeço, porque você tá me dando mais um dia de vida. Uma conversa boa dessa, eu fico o dia todinho conversando. (LARANJA, Entrevista, 2017).

Conversar com você e contar essas histórias me deu uma grande alegria, me deu ânimo '*pra*' continuar a viver. Pode vir aqui na hora que você quiser. (VALADARES, Entrevista, 2017).

## **CAPÍTULO 6. CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A construção das cidades brasileiras, em sua maioria, desconsiderou a natureza dos rios. A despeito de sua importância, seja no fornecimento de água potável, essencial para manutenção da vida humana, ou para outras formas de utilização, como a navegação, os rios que se tornaram urbanos tiveram sua paisagem severamente modificada pela degradação ambiental. Esse histórico comum a diversas cidades do Brasil também se constata no Rio Marinho.

Este pequeno rio capixaba passou por muitas transformações empreendidas pelo homem, desde o século XVI até os dias atuais. Entretanto, conforme demonstrado nesta pesquisa, foi durante o século XX que o Marinho entrou em decadência no aspecto ambiental, sobretudo pelo processo de urbanização que se intensificou a partir dos anos 1950. Nesse período, o homem interveio no rio conforme seus interesses: utilizou-o para captação de água potável; retirou areia para construção civil; retificou seu leito para implantação de áreas industriais; ocupou suas margens em um processo de urbanização sem planejamento adequado. Como consequência, têm-se a situação atual: um rio assoreado, estrangulado, poluído, fétido.

A pesquisa permitiu estruturar cronologicamente, a transformação da paisagem empreendida pelo homem no Rio Marinho, com destaque para determinados períodos.

A interligação das águas do Rio Marinho ao Rio Jucu, feita pelos jesuítas na primeira metade do século XVIII, alterou definitivamente o regime das águas de toda região; o Rio Marinho deixou de pertencer a uma bacia hidrográfica de pequenas dimensões para fazer parte de uma bacia muito maior. Essa mudança conferiu ao Rio Marinho uma importância na logística do escoamento da produção agrícola, por meio do transporte fluvial.

Após esta primeira grande transformação, verifica-se que somente no século XX o Rio Marinho passou por novas alterações que modificaram sua paisagem, dada pela urbanização. Verificou-se que novos bairros foram implantados nas proximidades da foz, na primeira metade do século XX e, a partir da década de 1950, a ocupação

avançou no sentido sul, aumentando também a velocidade de transformação das paisagens outrora naturais ou rurais em urbanas.

A partir da segunda metade do século XX, destacam-se ainda as intervenções humanas que afetaram diretamente na dinâmica do Rio Marinho, ocorridas pelas retificações e aterros, com o objetivo de produzir novas áreas industriais e urbanas. Essas intervenções transformaram a fisionomia do rio, que perdeu seus meandros, sua vegetação ripária e teve seu leito estrangulado. O fluxo de água principal deixou de correr pelo leito original do Rio Marinho para fluir no Canal Marinho, aberto na década de 1950 para captação de água potável.

Verifica-se a existência de dois hiatos na história do rio: o primeiro entre a sua utilização por Duarte de Lemos no século XVI e a abertura do canal no século XVIII; e o segundo entre esta mudança feita pelos jesuítas até as últimas décadas do século XIX. Essas lacunas surgiram devido à falta de informações e registros que retratam o Rio Marinho nesses períodos. Porém, no segundo lapso temporal, podem-se constatar indícios de que o Rio Marinho continuou presente na paisagem cotidiana capixaba, prestando-se à navegação, para escoamento da produção rural e acesso a localidades do interior capixaba.

Com relação aos processos geomorfológicos do rio, curiosamente, verifica-se que por duas vezes na história as intervenções realizadas colocaram o Marinho em destaque no cenário nacional. A primeira foi no relato de Saint-Hilaire, que em 1816 afirmou que a obra do canal artificial empreendida pelos jesuítas era o único existente em todo Brasil meridional; e a segunda, datada de 2009, quando se afirmou que as obras empreendidas pelo DNOS no sistema formado pelos rios Jucu, Formate e Marinho, na década de 1950, representava uma das mais complexas intervenções já realizadas em uma região fluviomarítima no Brasil.

As transformações empreendidas pelo homem que descaracterizaram a paisagem do Rio Marinho durante o século XX, fizeram também com que o rio fosse perdendo, pouco a pouco, sua importância no cotidiano. A priorização do modal rodoviário fez com que a navegação perdesse importância no cenário logístico. A implantação das infraestruturas urbanas, sobretudo a água tratada, fez com que a população não precisasse mais acessar o rio para lavar roupas ou captar água para consumo. A elevada poluição afetou as práticas do nadar e pescar, levando ao abandono da



captação de água potável. Portanto, quando o rio perde a importância no cotidiano, acaba caindo no esquecimento, ficando oculto na paisagem.

Em concordância com Boni & Quaresma (2005), acredita-se que a proposta de roteiro semi-estruturado permitiu uma interação entre o pesquisador e o entrevistado, possibilitando que as respostas fossem espontâneas, pela liberdade que as perguntas deram.

Durante as entrevistas, procurou-se ao máximo deixar o entrevistado à vontade, de maneira a criar um clima amistoso e de confiança entre o entrevistado e o pesquisador, tendo este evitado assumir uma postura efusiva, ou falante demais, a fim de que o entrevistado não se sentisse constrangido e que se pudesse falar livremente. Sabia-se que a presença do gravador, como instrumento de pesquisa, poderia gerar constrangimentos por parte dos entrevistados, uma timidez ao falar de suas memórias; mas verificou-se que na medida em que as entrevistas avançavam, as pessoas ficavam mais à vontade para falar e expor suas lembranças.

Surgiram, então, aspectos da paisagem que eram desconhecidos pela pesquisa documental, como a existência de lagoas, ou a técnica de navegação por canoas, que se utilizava da influência das marés para subir ou descer o rio. Essa metodologia favoreceu a investigação de aspectos afetivos e valorativos que determinam o significado que o Rio Marinho tem para a vida dessas pessoas.

A questão do esquecimento também ficou evidente nesta pesquisa. O texto de A'Torquato Malta trouxe a Pedra Macella como um marco referencial na paisagem, no final do século XIX. Nenhum dos entrevistados fez referência a tal pedra durante as entrevistas. Após responderem todas as perguntas, quando eram perguntados se a conheciam a referida pedra, a maioria respondia que não. A exceção ficou por conta de Dona Ignacinha e Joaquim Valadares, que ao serem indagados, lembraram-se da existência da Pedra Macella.

A ativação de suas memórias permitiu que esses entrevistados descrevessem em detalhes como era a pedra, bem como sua localização, possibilitando a realização de posterior investigação em campo pelo pesquisador. Se a pergunta não tivesse sido feita a eles, certamente seria mais difícil encontrar a tal pedra e, possivelmente, esse referencial paisagístico do passado poderia cair no esquecimento definitivo.

Verifica-se, também, o mesmo sentimento de perda constatado por Gorski (2010). O Rio Marinho foi lembrado com saudade e, na medida em que as entrevistas avançavam, era evidente a emoção que as pessoas sentiam ao lembrar dos tempos vívidos do rio. Em uma conversa informal com Dona Ignacinha, pôde-se apreender outro aspecto da paisagem do Rio Marinho: os nomes que eram dados às curvas do rio. A entrevistada se lembrou de alguns nomes, tais como “volta do beijo” e “volta do amor”.

A revitalização do rio é vista como algo positivo e necessário, porém, em todas as entrevistas percebeu-se um sentimento de desesperança com relação à política para viabilizar tal ação.

Além da necessidade de recuperação ambiental e paisagística, existe outro aspecto considerado importante pelos entrevistados, que é a questão dos “valores” da sociedade atual. Os depoimentos fazem menção às relações sociais de tempos passados, que apesar das grandes diferenças socioeconômicas que existiam – e ainda existem, pois esse é um problema crônico no Brasil – as relações entre os habitantes do Rio Marinho, segundo os entrevistados, eram marcadas pela heterogeneidade socioeconômica, pela amizade desinteressada, pela solidariedade entre vizinhos. Na visão dos entrevistados, essas qualidades estão cada vez mais difíceis de encontrar.

Deve-se ponderar a visão de passado dada pelos entrevistados, pois, conforme abordagem apresentada no Capítulo 2, o resgate da memória trata de uma construção feita no tempo presente. Mesmo considerando essa visão romanceada do passado, acredita-se que foi atingido o objetivo de apreender aspectos da paisagem que fora transformada pela urbanização. Além disso, reitera-se que a intenção das entrevistas não foi a de fazer um registro quantitativo de todas as lembranças sobre o rio. A intenção foi a de tê-la como ferramenta para levantar aspectos da paisagem que foram se perdendo ou transformando ao longo do tempo. Nesse sentido, considera-se que a quantidade de entrevistas foi suficiente para o atendimento dos objetivos desta pesquisa.

No Capítulo 5, questionou-se se seria possível que as memórias da paisagem do Rio Marinho pudessem ser recuperadas e transmitidas para as futuras gerações. Entende-se que esse resultado foi em parte alcançado por esta pesquisa, pois foi

atingido o objetivo de resgatar valores de identidade e memória que vinham sendo perdidos das lembranças de antigos moradores que no passado mantinham relações com o Rio Marinho. Para o futuro, apresenta-se o desafio de transmitir esses registros para as próximas gerações.

Foram identificados, ainda, perdas de referenciais paisagísticos; permanências que estão por vezes ocultas na paisagem; e potencialidades de recuperação. Nesse sentido, pode-se dizer que o Rio Marinho é um referencial da paisagem capixaba, que está praticamente oculto no cotidiano. Sabe-se que as características naturais do passado podem não ser recuperadas na sua totalidade, mas ficou evidenciado seu potencial de revitalização e valorização.

Entende-se que ao desnudar a história do Rio Marinho para os capixabas, possa se disseminar a esperança de que este rio, no futuro, permita que as próximas gerações se reconciliem com ele, para nadar, pescar, navegar, etc. Acredita-se que nunca é tarde para começar. Nesse sentido, Dona Ignacinha fez uma reflexão da relevância das boas ações, no presente, bem como da importância de se valorizar o passado, para que se possa aprender com ele:

O nosso futuro depende do nosso presente. Se você não tiver um presente bom, que futuro você vai ter? Nosso futuro depende do que você é hoje, aí você já sabe o que vai ser amanhã. Mas a gente tem que lembrar também do passado. Nós temos o presente por causa do passado. (LARANJA, Entrevista, 2017).

Deve-se aprender com os erros e acertos do passado e empreender esforços, no presente, para iniciar uma nova transformação da paisagem do Marinho, que pode ser dada pela sua revitalização. Essa temática deve entrar definitivamente na pauta de políticas governamentais, nas salas de aula, ser motivo de mobilizações sociais. Nesse sentido, conclui-se este trabalho com a esperança de que neste século XXI o Rio Marinho possa ter sua dignidade recuperada.

## REFERÊNCIAS

- AB'SÁBER, Aziz. **Os domínios de natureza no Brasil: potencialidades paisagísticas**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003.
- ABE, André Tomoyuki. **Grande Vitória, E.S.: Crescimento e metropolização**. Tese de Doutorado. São Paulo: FAU/USP, 1999.
- ACQUATOOL CONSULTORIA. (IJSN; COMDEVIT; GOVERNO DO ESPÍRITO SANTO). **Elaboração dos Estudos para Desassoreamento e Regularização dos Leitos e Margens dos Rios Jucu, Formate e Marinho na Região Metropolitana da Grande Vitória: Relatório Final de Consolidação**. Vitória, 2009
- ALMEIDA, Lutiene Queiroz de. **Rios e cidades – percepções, ameaças e possibilidades**. Jornal O Povo, Fortaleza, Ceará, p. 07, 15 mar. 2008.
- AMADO, Janaína; FERREIRA, Marieta de Moraes (Orgs.). **Usos & abusos da história oral**. 5. ed. -. Rio de Janeiro: Ed. da FGV, 2002.
- ARRUDA, Gilmar (org.). **A natureza dos rios: história, memória e territórios**. Curitiba: Editora UFPR, 2008.
- AZEVEDO, Jorge Baptista de. Repensando as águas urbanas sob as luzes de antigos e novos paradigmas. Em TÂNGARI, Vera Regina [et al.]. **Águas urbanas: uma contribuição metodológica para a regeneração ambiental como campo disciplinar integrado**. Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro, Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo, 2007.
- AZIZ FILHO. Saindo pelo ralo. **Revista Isso É**. São Paulo, n. 1559, 18 ago. 1999 *apud* GALVÊAS, L.; RODRIGUES, Z. A desconstrução de um projeto. Em MARTINUZZO, J. A. **Diário capixaba: 115 anos da imprensa oficial do Espírito Santo**. Vitória: Departamento de Imprensa Oficial – DIO, 2005.
- BAHIA, Cláudio Lister Marques. **Identidade, lugar e paisagem cultural**. Belo Horizonte: 3º Colóquio Ibero-Americano: Paisagem Cultural, Patrimônio e Projeto, 2014.
- BALESTRERO, Heribaldo L. **A Obra dos Jesuítas no Espírito Santo** (Sinopse Histórica). Viana: Estado do Espírito Santo, 1979.
- BONI, Valdete; QUARESMA, Sílvia Jurema. Aprendendo a entrevistar: como fazer entrevistas em Ciências Sociais. **Revista Em Tese – Revista Eletrônica dos Pós-Graduandos em Sociologia Política da UFSC**. Vol. 2 nº 1, janeiro-julho/2005, p. 68-80.

BAPTISTA, Jussara da Silva. **Flores do Pântano**: histórias erguidas sobre o mangue de São Torquato. Vila Velha/ES: Ed. do Autor, 2011.

BARTALINI, Vladimir. **Os córregos ocultos e a rede de espaços públicos urbanos**. Pós-, São Paulo, n. 16, p. 82-96, 2004.

BOTECHIA, Flávia Ribeiro; BORGES, Heraldo Ferreira. **Atlas urbanístico de Vitória**: inventário dos planos urbanos para a cidade de Vitória (ES) ao longo do século XX. São Paulo: III Encontro da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-graduação em Arquitetura e Urbanismo, 2014.

BORINI, Regina Célia. **Quadro Atual da Bacia do Rio Marinho**. Trabalho de conclusão de curso em Arquitetura e Urbanismo. Vitória: UFES, 1987.

BROCANELI, Pérola Felipette; STUERMER, Monica Machado. **Renaturalização de rios e córregos no município de São Paulo**. São Paulo: Exacta, v. 6, n. 1, p. 147-156, jan./jun. 2008.

CAMINHA, Pero Vaz de, 1450-1500. **A Carta**. Vitória: Departamento de Imprensa Oficial, 2000.

CAMPOS JÚNIOR, Carlos Teixeira de. **A construção da cidade**: formas de produção imobiliária em Vitória. Vitória: Florecultura, 2002.

CAUS, Celso Luiz. **Das fontes e chafarizes às águas limpas**: evolução do saneamento no Espírito Santo. Vitória: CESAN, 2012.

COELHO, André Luiz Nascentes. Uso de produtos de sensoriamento remoto para delimitação de área efetivamente inundável: estudo de caso do baixo curso do Rio Benevente Anchieta-ES. **Revista Geografia Acadêmica**. Vol. 4 nº 2 (xii.2010), p. 53-63.

COELHO NETTO, Ana Luiza. A geoecologia e a arquitetura da paisagem do Rio de Janeiro no século XXI: da degradação à reabilitação funcional da cidade e da Floresta Atlântica remanescente. Em TÂNGARI, Vera Regina [et al.]. **Águas urbanas**: uma contribuição metodológica para a regeneração ambiental como campo disciplinar integrado". Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro, Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo, 2007.

COSGROVE, Denis. A Geografia Está em Toda Parte: Cultura e Simbolismo nas Paisagens Humanas. Em CORRÊA, Roberto Lobato [et. al.]. **Paisagem, tempo e cultura**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1998.



COSTA, Lúcia Maria Sá Antunes (Org.). **Rios e paisagens urbanas em cidades brasileiras**. Rio de Janeiro: Viana & Mosley/Proureb, 2006.

CUNHA, Sandra Baptista. Rios desnaturalizados. Em BARBOSA, J. L.; LIMONAD, E. (Orgs.). **Ordenamento Territorial e Ambiental**. Rio de Janeiro: Ed. UFF, 2012, p. 171-191.

DERENZI, Serafim. **Biografia de uma ilha**. 2ª edição. Vitória, PMV, Secretaria Municipal de Cultura e Turismo, 1995.

ESPÍRITO SANTO (PROVÍNCIA). Presidente (1824-1829: A. Vasconcellos). **Memória statistica da Provincia do Espirito Santo escrita no anno de 1828**. Vitória, ES: Arquivo Público Estadual, 1978.

FEBVRE, Lucien. **O Reno – História, mitos e realidades**. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 2000.

GONÇALVES, Carlos Walter Porto. **Os (des)caminhos do meio ambiente**. São Paulo: Contexto, 2006.

GORSKI, Maria Cecília Barbieri. **Rios e cidades: ruptura e reconciliação**. São Paulo: Senac, 2010.

GUERRA, Antônio José Teixeira. **Novo Dicionário Geomorfológico**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001.

HERZOG, Cecília Polacow. **Cidades para todos: (re)aprendendo a conviver com a Natureza**. Rio de Janeiro: Maudax/Inverde, 2013.

INSTITUTO JONES DOS SANTOS NEVES. **Elaboração dos Estudos para Desassoreamento e Regularização dos Leitos e Margens dos Rios Jucu, Formate e Marinho na Região Metropolitana da Grande Vitória**. Relatório Final de Consolidação. Acquatool Consultoria. Vitória: IJSN, set. 2009.

JAPIASSÚ, Hilton & MARCONDES, Danilo. **Dicionário básico de Filosofia**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 1996.

LIRA, Eder. **Transformação de um espaço: o caso do bairro Morada da Barra, Vila Velha (ES) – Brasil**. Dissertação de Mestrado. Vitória: UFES, 2015.

MARICATO, Ermínia. “As idéias fora do lugar e o lugar fora das idéias”. Em ARANTES, Otilia; MARICATO, Ermínia; VAINER, Carlos. **A cidade do pensamento único**. Petrópolis/RJ: Vozes, 2000.

MEIHY, José Carlos Sebe Bom. **Manual de história oral**. São Paulo: Edições Loyola, 2002.

MENDONÇA, Eneida Maria Souza. **Instrumentos para ocupação urbana em favor dos referenciais da paisagem**. Salvador: XI Encontro Regional da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Planejamento Urbano e Regional – ANPUR, 2005.

\_\_\_\_\_. **Mudança na paisagem de Vitória (ES) pelo projeto de Saturnino de Brito – argumentos metodológicos para análise e construção da paisagem**. São Paulo: IX Seminário de História da Cidade e do Urbanismo, 2006.

MOURA, Edenilson Dutra; SANTANA, Claudio Correia. **Paisagens, Lugares e Memória, uma abordagem geográfica**. Anais XVI Encontro Nacional dos Geógrafos. Porto Alegre, 2010. 25 a 31 de julho de 2010.

NEIMAN, Zyzman. Queremos nadar no nosso rio! O simbolismo da balneabilidade para a construção do conceito de qualidade de vida urbana. Em DOWBOR, Ladislau; TANGIN, Renato Arnaldo (Orgs.). **Administrando a água como se fosse importante**. São Paulo, Editora Senac, 2005.

NOLL, João Francisco. **Entre o líquido e o sólido: paisagens arquitetônicas nos limites de bordas fluviais**. Blumenau: Edifurb, 2010.

POLLAK, Michael. Memória e Identidade Social. In \_\_\_\_ **Estudos Históricos**. Rio de Janeiro, vol. 5, a. 10, 1992, p. 200-212.

RIBEIRO, Maurício A. (et. al.). Gestão da água e paisagem cultural. **Revista UFMG**. Belo Horizonte, V. 20, nº 2, julho-dezembro/2013, p. 44-67.

ROSSI, Paolo. **O passado, a memória, o esquecimento**: seis ensaios da história das ideias. Tradução Nilson Moulin. São Paulo: Editora UNESP, 2010.

SAINT-HILAIRE, Auguste de, 1779-1853. **Viagem ao Espírito Santo e Rio Doce**. Auguste de Saint-Hilaire; tradução de Milton Amado. Vitória: Instituto Histórico e Geográfico do Espírito Santo: Secretaria Municipal de Cultura – PMV, 2002.

SANTOS, Milton. **A natureza do espaço. Técnica e tempo. Razão e emoção**. 2ª edição. São Paulo: Editora Hucitec, 1997.

SARAIVA, Maria da Graça Amaral Neto. **O rio como paisagem: gestão de corredores fluviais no quadro do ordenamento do território**. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian/Fundação para a Ciência e Tecnologia, 1999.

SILVA, Juliano Motta. **Rio Marinho: Passado, Presente... E o futuro?**. Trabalho de conclusão de curso em Arquitetura e Urbanismo. Vitória: UFES, 2013.

SILVA, Marta Zorzal e. **A Vale do Rio Doce na estratégia do desenvolvimentismo brasileiro**. Vitória: Edufes, 2004.

SIQUEIRA, Maria da Penha Smarzaró. **Industrialização e empobrecimento urbano: o caso da Grande Vitória**. Vitória: Grafitusa, 2010.

\_\_\_\_\_. **O porto de Vitória: expansão e modernização – 1950/1993**. Vitória: CODESA, 1994.

SOBRE rios e córregos. Produção: Pequi Filmes e LC Barreto, 2010. 60 min. Disponível em: <[www.youtube.com/watch?v=4Bgt9prBUFG](http://www.youtube.com/watch?v=4Bgt9prBUFG)>;. Acessado em: 12 nov. 2017.

WORSTER, Donald. “Pensando como um rio”. Em ARRUDA, Gilmar (org.). **A natureza dos rios: história, memória e territórios**. Curitiba: Editora UFPR, 2008.

**ANEXO I**

**MAPA DO ESPÍRITO SANTO – 1873**







## **ANEXO II**

### **PLANTA DA ILHA DA VICTORIA – 1896**



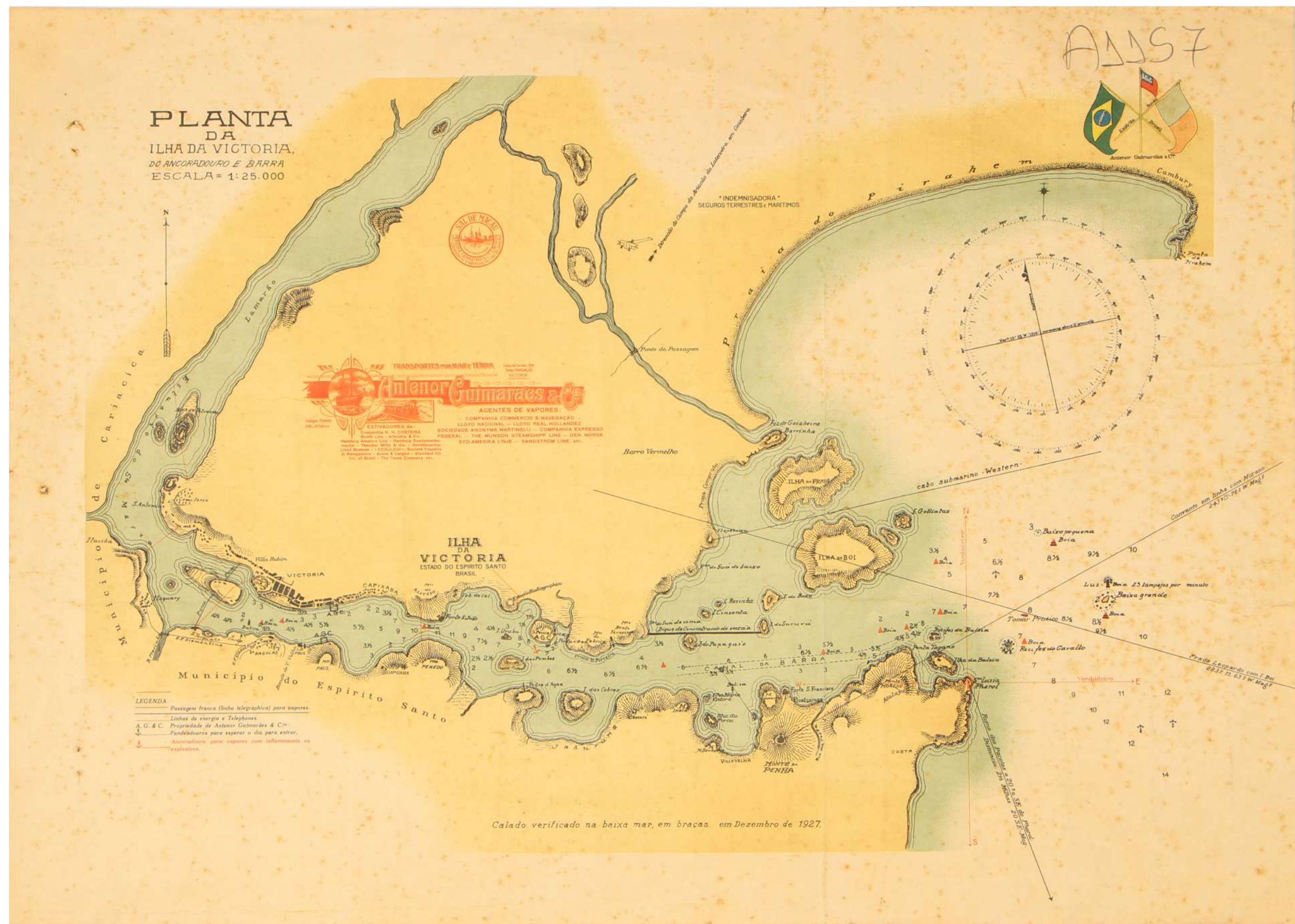
“Esboço da Planta da Ilha da Victoria” (1896).

Fonte: Arquivo Público do Estado do Espírito Santo (APEES).

### **ANEXO III**

## **PLANTA DA ILHA DA VICTORIA, DO ANCORADOURO E BARRA – 1927/1928**





“Planta da Ilha da Victoria, do Acoradouro e Barra” (1927-1928).

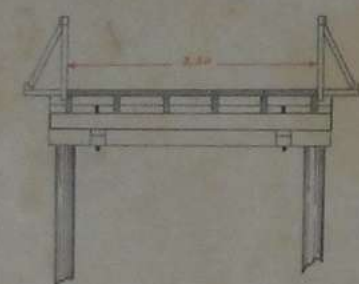
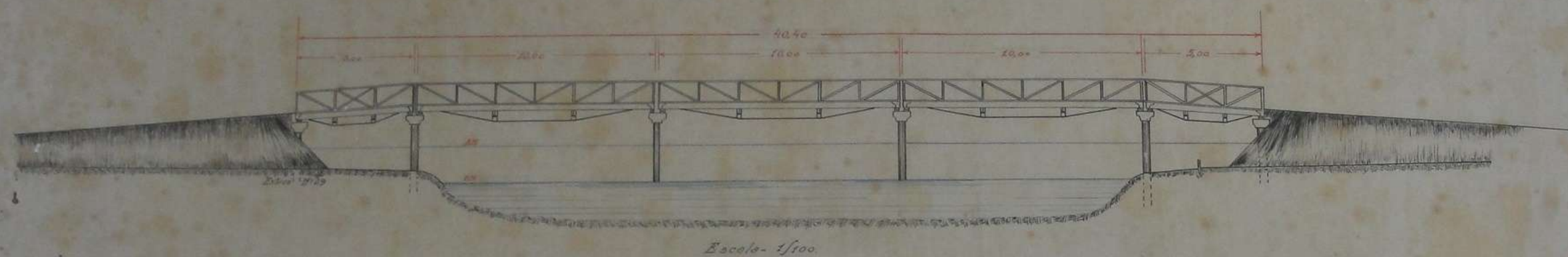
Fonte: Arquivo Público do Estado do Espírito Santo (APEES).

**ANEXO IV**

**PROJETO DE PONTE SOBRE O RIO MARINHO**

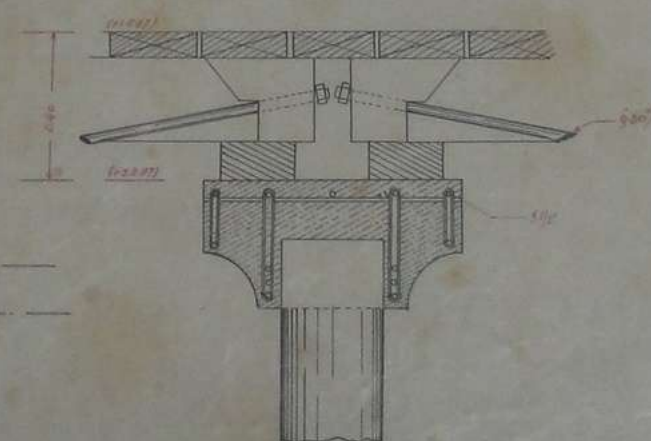


— PONTE SOBRE O Rio Marinho —  
 ESTRADA RODAGEM CARIACICA  
 Variações do Primitivo Projecto



Secção transversal do vão de 500  
 Escala - 1/50

Approva - \_\_\_\_\_  
 Vista - \_\_\_\_\_



Secção no apoio  
 Escala - 1/10

**ANEXO V**  
**MAPA DÉCADA DE 1950**



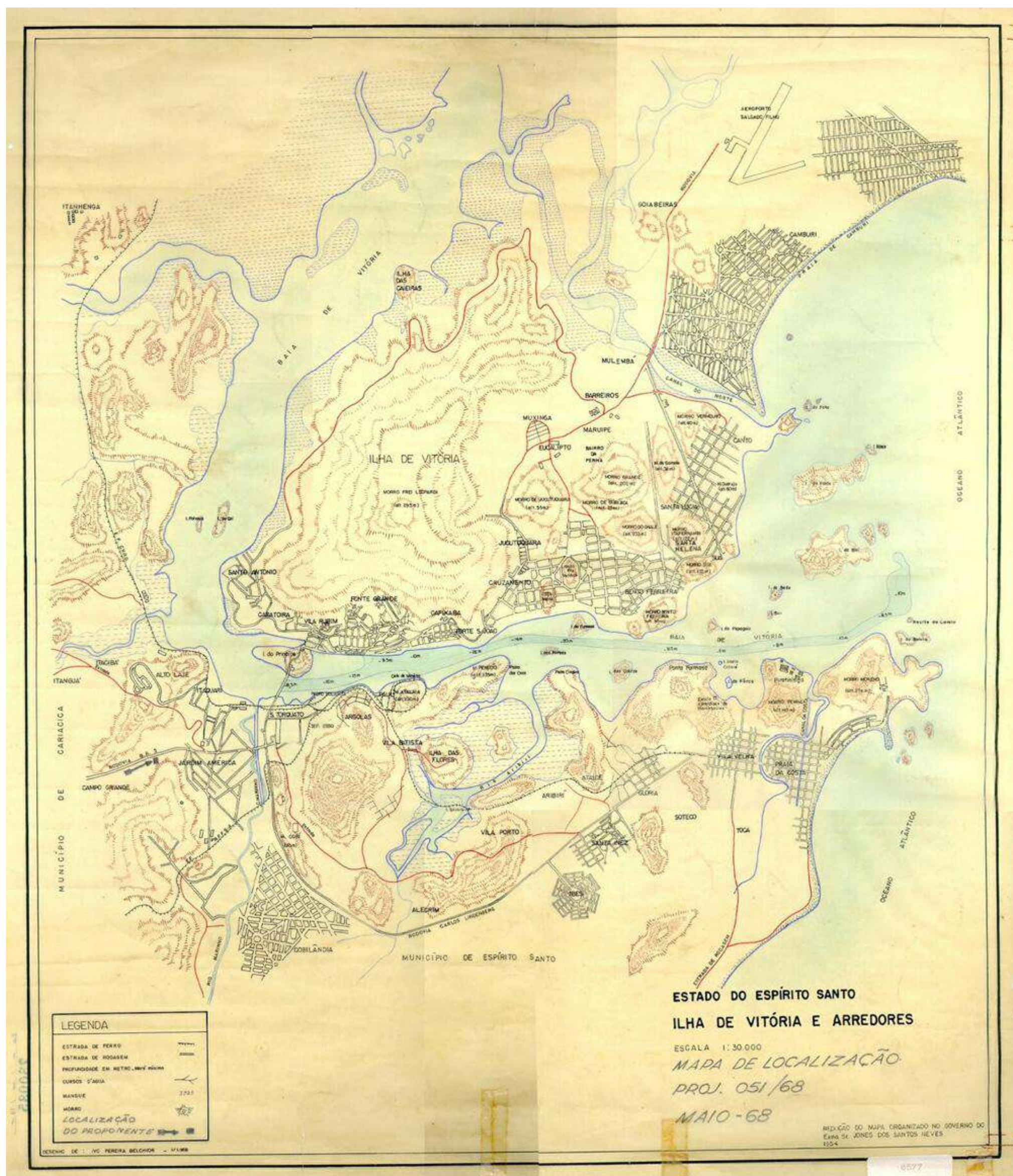




**ANEXO VI**

**ILHA DE VITÓRIA E ARREDORES – 1968**





“Mapa da Ilha de Vitória e Arredores” (1968).

Fonte: Instituto Jones dos Santos Neves (IJSN).



**ANEXO VII**  
**ENTREVISTAS**

## ROTEIRO DE ENTREVISTAS

Tema da entrevista: “História da urbanização de Cariacica e Vila Velha”

- 1) Pode informar seu nome completo e sua idade?
- 2) Há quanto tempo mora na região de (falar nome do bairro em que o entrevistado se encontra ou passou boa parte de sua vida)?
- 3) Por que veio morar nessa região/bairro?
- 4) Qual é a sua primeira lembrança da região/bairro?
- 5) Como era essa região/bairro antigamente?
- 6) A história diz que após a implantação da Vale e CST (Companhia Siderúrgica de Tubarão), nas décadas de 1960 e 1970, a Grande Vitória cresceu bastante. Houve mudanças nessa região? Mudanças para melhor ou para pior?
- 7) Acompanhou o crescimento dos bairros da região? O que mudou?
- 8) O que mais lhe impressionava antigamente e o que hoje lhe impressiona?
- 9) Que local da região acha mais agradável, se sente melhor, e que local acha pior?
- 10) Possui alguma saudade de épocas anteriores?
- 11) Mudaria alguma coisa nessa região nos dias de hoje?
- 12) Manteria alguma coisa?
- 13) Existe algum percurso na região que você costuma fazer ou já fez com frequência? O que te chama (ou chamava) a atenção nesse percurso?

\* O termo “paisagem” aparece pela primeira vez na próxima pergunta.

- 14) O que você se recorda da paisagem natural da região, de antigamente?
- 15) E hoje, o que te chama atenção na paisagem da região?

\* Após a 15ª pergunta é esclarecido ao entrevistado a verdadeira intenção da entrevista: “Na verdade, esta pesquisa se trata especificamente do Rio Marinho, sobre as mudanças que ocorreram na paisagem devido ao processo de urbanização. Essa ocultação foi feita para verificar em que medida o Rio Marinho aparece nos relatos dos antigos moradores”. Caso o Rio Marinho não apareça nas lembranças das perguntas anteriores, é realizada a próxima pergunta; caso contrário, a entrevista segue para a 17ª pergunta (última do roteiro).

- 16) Quais são suas lembranças do Rio Marinho?
- 17) Acha importante a revitalização do Rio Marinho? Por quê?

## TERMO DE AUTORIZAÇÃO PARA ENTREVISTA

Eu, IGNACIA MAGDALENA LARANJA, depois de receber os esclarecimentos referentes aos objetivos da entrevista semiestruturada intitulada "História da urbanização de Cariacica e Vila Velha", conduzida pelo pesquisador Juliano Motta Silva, mestrando do Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal do Espírito Santo (UFES), **AUTORIZO**, por meio deste termo, a realização de entrevista pelo pesquisador, COM gravação de voz, sem custos financeiros a nenhuma parte.

Foi esclarecido pelo pesquisador que a entrevista a ser realizada tem como objetivo apenas a apreensão de aspectos históricos da urbanização de Cariacica e Vila Velha, a partir das minhas vivências e memórias pessoais, com relação às modificações que a urbanização trouxe para a região, não havendo na entrevista perguntas que possibilitem a exposição da minha intimidade ou questões que por ventura possam causar constrangimento a minha pessoa ou a terceiros.

Foi esclarecido pelo pesquisador que o verdadeiro objetivo da entrevista está relacionado a um determinado elemento físico, geográfico, que faz parte da história urbana de Cariacica e Vila Velha, entretanto faz parte da metodologia esclarecer esta questão apenas no final da entrevista.

Nesse sentido, esta **AUTORIZAÇÃO** foi por mim concedida mediante a exposição dos objetivos, bem como o compromisso do pesquisador de que os dados coletados serão usados exclusivamente para gerar informações para a pesquisa aqui relatada e outras publicações dela decorrentes, quais sejam: livros, revistas científicas, congressos e jornais.

Minha identificação está **AUTORIZADA**, pois conforme esclarecido pelo pesquisador, nenhuma informação pessoal referente à minha intimidade, que por ventura possa causar constrangimento a minha pessoa ou a terceiros, será exposta.

Serei livre para interromper minha participação na pesquisa a qualquer momento e/ou solicitar a posse da gravação de minha entrevista.

VILA VELHA, 24/08/2016

Local e data.

Ignacia Magdalena Laranja  
Assinatura do participante da pesquisa

Jmottas  
Assinatura do pesquisador responsável

## TERMO DE AUTORIZAÇÃO PARA ENTREVISTA

Eu, LUIZ ALBERTO SILVA, depois de receber os esclarecimentos referentes aos objetivos da entrevista semiestruturada intitulada "História da urbanização de Cariacica e Vila Velha", conduzida pelo pesquisador Juliano Motta Silva, mestrando do Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal do Espírito Santo (UFES), **AUTORIZO**, por meio deste termo, a realização de entrevista pelo pesquisador, COM gravação de voz, sem custos financeiros a nenhuma parte.

Foi esclarecido pelo pesquisador que a entrevista a ser realizada tem como objetivo apenas a apreensão de aspectos históricos da urbanização de Cariacica e Vila Velha, a partir das minhas vivências e memórias pessoais, com relação às modificações que a urbanização trouxe para a região, não havendo na entrevista perguntas que possibilitem a exposição da minha intimidade ou questões que por ventura possam causar constrangimento a minha pessoa ou a terceiros.

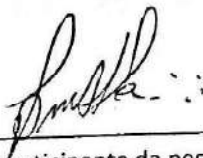
Foi esclarecido pelo pesquisador que o verdadeiro objetivo da entrevista está relacionado a um determinado elemento físico, geográfico, que faz parte da história urbana de Cariacica e Vila Velha, entretanto faz parte da metodologia esclarecer esta questão apenas no final da entrevista.

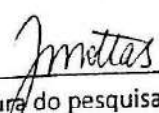
Nesse sentido, esta **AUTORIZAÇÃO** foi por mim concedida mediante a exposição dos objetivos, bem como o compromisso do pesquisador de que os dados coletados serão usados exclusivamente para gerar informações para a pesquisa aqui relatada e outras publicações dela decorrentes, quais sejam: livros, revistas científicas, congressos e jornais.

Minha identificação está **AUTORIZADA**, pois conforme esclarecido pelo pesquisador, nenhuma informação pessoal referente à minha intimidade, que por ventura possa causar constrangimento a minha pessoa ou a terceiros, será exposta.

Serei livre para interromper minha participação na pesquisa a qualquer momento e/ou solicitar a posse da gravação de minha entrevista.

VILA VELHA, 26/08/2017  
Local e data.

  
Assinatura do participante da pesquisa

  
Assinatura do pesquisador responsável



### TERMO DE AUTORIZAÇÃO PARA ENTREVISTA

Eu, JOÃO DUARTE, depois de receber os esclarecimentos referentes aos objetivos da entrevista semiestruturada intitulada "História da urbanização de Cariacica e Vila Velha", conduzida pelo pesquisador Juliano Motta Silva, mestrando do Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal do Espírito Santo (UFES), **AUTORIZO**, por meio deste termo, a realização de entrevista pelo pesquisador, COM gravação de voz, sem custos financeiros a nenhuma parte.

Foi esclarecido pelo pesquisador que a entrevista a ser realizada tem como objetivo apenas a apreensão de aspectos históricos da urbanização de Cariacica e Vila Velha, a partir das minhas vivências e memórias pessoais, com relação às modificações que a urbanização trouxe para a região, não havendo na entrevista perguntas que possibilitem a exposição da minha intimidade ou questões que por ventura possam causar constrangimento a minha pessoa ou a terceiros.

Foi esclarecido pelo pesquisador que o verdadeiro objetivo da entrevista está relacionado a um determinado elemento físico, geográfico, que faz parte da história urbana de Cariacica e Vila Velha, entretanto faz parte da metodologia esclarecer esta questão apenas no final da entrevista.

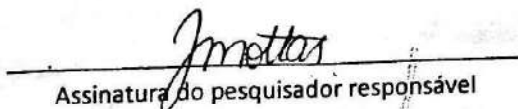
Nesse sentido, esta **AUTORIZAÇÃO** foi por mim concedida mediante a exposição dos objetivos, bem como o compromisso do pesquisador de que os dados coletados serão usados exclusivamente para gerar informações para a pesquisa aqui relatada e outras publicações dela decorrentes, quais sejam: livros, revistas científicas, congressos e jornais.

Minha identificação está **AUTORIZADA**, pois conforme esclarecido pelo pesquisador, nenhuma informação pessoal referente à minha intimidade, que por ventura possa causar constrangimento a minha pessoa ou a terceiros, será exposta.

Serei livre para interromper minha participação na pesquisa a qualquer momento e/ou solicitar a posse da gravação de minha entrevista.

VILA VELHA, 28/08/2016  
Local e data.

  
Assinatura do participante da pesquisa

  
Assinatura do pesquisador responsável

## TERMO DE AUTORIZAÇÃO PARA ENTREVISTA

Eu, JOAQUIM VALADARES, depois de receber os esclarecimentos referentes aos objetivos da entrevista semiestruturada intitulada "História da urbanização de Cariacica e Vila Velha", conduzida pelo pesquisador Juliano Motta Silva, mestrando do Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal do Espírito Santo (UFES), **AUTORIZO**, por meio deste termo, a realização de entrevista pelo pesquisador, COM gravação de voz, sem custos financeiros a nenhuma parte.

Foi esclarecido pelo pesquisador que a entrevista a ser realizada tem como objetivo apenas a apreensão de aspectos históricos da urbanização de Cariacica e Vila Velha, a partir das minhas vivências e memórias pessoais, com relação às modificações que a urbanização trouxe para a região, não havendo na entrevista perguntas que possibilitem a exposição da minha intimidade ou questões que por ventura possam causar constrangimento a minha pessoa ou a terceiros.

Foi esclarecido pelo pesquisador que o verdadeiro objetivo da entrevista está relacionado a um determinado elemento físico, geográfico, que faz parte da história urbana de Cariacica e Vila Velha, entretanto faz parte da metodologia esclarecer esta questão apenas no final da entrevista.

Nesse sentido, esta **AUTORIZAÇÃO** foi por mim concedida mediante a exposição dos objetivos, bem como o compromisso do pesquisador de que os dados coletados serão usados exclusivamente para gerar informações para a pesquisa aqui relatada e outras publicações dela decorrentes, quais sejam: livros, revistas científicas, congressos e jornais.

Minha identificação está **AUTORIZADA**, pois conforme esclarecido pelo pesquisador, nenhuma informação pessoal referente à minha intimidade, que por ventura possa causar constrangimento a minha pessoa ou a terceiros, será exposta.

Serei livre para interromper minha participação na pesquisa a qualquer momento e/ou solicitar a posse da gravação de minha entrevista.

CARIACICA, ES, 06/03/2017  
Local e data.

João Guilherme Valadares

\_\_\_\_\_  
Assinatura do participante da pesquisa

Juliano Motta Silva  
Assinatura do pesquisador responsável

## TERMO DE AUTORIZAÇÃO PARA ENTREVISTA

Eu, DANIEL LOPES, depois de receber os esclarecimentos referentes aos objetivos da entrevista semiestruturada intitulada "História da urbanização de Cariacica e Vila Velha", conduzida pelo pesquisador Juliano Motta Silva, mestrando do Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal do Espírito Santo (UFES), **AUTORIZO**, por meio deste termo, a realização de entrevista pelo pesquisador, COM gravação de voz, sem custos financeiros a nenhuma parte.

Foi esclarecido pelo pesquisador que a entrevista a ser realizada tem como objetivo apenas a apreensão de aspectos históricos da urbanização de Cariacica e Vila Velha, a partir das minhas vivências e memórias pessoais, com relação às modificações que a urbanização trouxe para a região, não havendo na entrevista perguntas que possibilitem a exposição da minha intimidade ou questões que por ventura possam causar constrangimento a minha pessoa ou a terceiros.

Foi esclarecido pelo pesquisador que o verdadeiro objetivo da entrevista está relacionado a um determinado elemento físico, geográfico, que faz parte da história urbana de Cariacica e Vila Velha, entretanto faz parte da metodologia esclarecer esta questão apenas no final da entrevista.

Nesse sentido, esta **AUTORIZAÇÃO** foi por mim concedida mediante a exposição dos objetivos, bem como o compromisso do pesquisador de que os dados coletados serão usados exclusivamente para gerar informações para a pesquisa aqui relatada e outras publicações dela decorrentes, quais sejam: livros, revistas científicas, congressos e jornais.

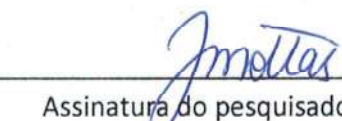
Minha identificação está **AUTORIZADA**, pois conforme esclarecido pelo pesquisador, nenhuma informação pessoal referente à minha intimidade, que por ventura possa causar constrangimento a minha pessoa ou a terceiros, será exposta.

Serei livre para interromper minha participação na pesquisa a qualquer momento e/ou solicitar a posse da gravação de minha entrevista.

CARIACICA, 14 DE MARÇO 2017

Local e data.

  
Assinatura do participante da pesquisa

  
Assinatura do pesquisador responsável



## TERMO DE AUTORIZAÇÃO PARA ENTREVISTA

Eu, ELMA CARLINI VASCONCELLOS, depois de receber os esclarecimentos referentes aos objetivos da entrevista semiestruturada intitulada "História da urbanização de Cariacica e Vila Velha", conduzida pelo pesquisador Juliano Motta Silva, mestrando do Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal do Espírito Santo (UFES), **AUTORIZO**, por meio deste termo, a realização de entrevista pelo pesquisador, COM gravação de voz, sem custos financeiros a nenhuma parte.

Foi esclarecido pelo pesquisador que a entrevista a ser realizada tem como objetivo apenas a apreensão de aspectos históricos da urbanização de Cariacica e Vila Velha, a partir das minhas vivências e memórias pessoais, com relação às modificações que a urbanização trouxe para a região, não havendo na entrevista perguntas que possibilitem a exposição da minha intimidade ou questões que por ventura possam causar constrangimento a minha pessoa ou a terceiros.

Foi esclarecido pelo pesquisador que o verdadeiro objetivo da entrevista está relacionado a um determinado elemento físico, geográfico, que faz parte da história urbana de Cariacica e Vila Velha, entretanto faz parte da metodologia esclarecer esta questão apenas no final da entrevista.

Nesse sentido, esta **AUTORIZAÇÃO** foi por mim concedida mediante a exposição dos objetivos, bem como o compromisso do pesquisador de que os dados coletados serão usados exclusivamente para gerar informações para a pesquisa aqui relatada e outras publicações dela decorrentes, quais sejam: livros, revistas científicas, congressos e jornais.

Minha identificação está **AUTORIZADA**, pois conforme esclarecido pelo pesquisador, nenhuma informação pessoal referente à minha intimidade, que por ventura possa causar constrangimento a minha pessoa ou a terceiros, será exposta.

Serei livre para interromper minha participação na pesquisa a qualquer momento e/ou solicitar a posse da gravação de minha entrevista.

CARIACICA, 14 DE MARÇO 2017

Local e data.

Elma Carlini Vasconcellos

Assinatura do participante da pesquisa

Jmottas

Assinatura do pesquisador responsável



## TERMO DE AUTORIZAÇÃO PARA ENTREVISTA

Eu, PAULO ROBERTO SANTOS, depois de receber os esclarecimentos referentes aos objetivos da entrevista semiestruturada intitulada "História da urbanização de Cariacica e Vila Velha", conduzida pelo pesquisador Juliano Motta Silva, mestrando do Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal do Espírito Santo (UFES), **AUTORIZO**, por meio deste termo, a realização de entrevista pelo pesquisador, COM gravação de voz, sem custos financeiros a nenhuma parte.

Foi esclarecido pelo pesquisador que a entrevista a ser realizada tem como objetivo apenas a apreensão de aspectos históricos da urbanização de Cariacica e Vila Velha, a partir das minhas vivências e memórias pessoais, com relação às modificações que a urbanização trouxe para a região, não havendo na entrevista perguntas que possibilitem a exposição da minha intimidade ou questões que por ventura possam causar constrangimento a minha pessoa ou a terceiros.

Foi esclarecido pelo pesquisador que o verdadeiro objetivo da entrevista está relacionado a um determinado elemento físico, geográfico, que faz parte da história urbana de Cariacica e Vila Velha, entretanto faz parte da metodologia esclarecer esta questão apenas no final da entrevista.

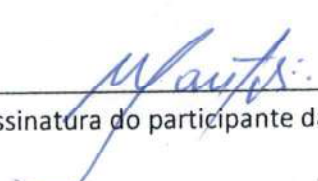
Nesse sentido, esta **AUTORIZAÇÃO** foi por mim concedida mediante a exposição dos objetivos, bem como o compromisso do pesquisador de que os dados coletados serão usados exclusivamente para gerar informações para a pesquisa aqui relatada e outras publicações dela decorrentes, quais sejam: livros, revistas científicas, congressos e jornais.

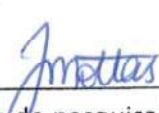
Minha identificação está **AUTORIZADA**, pois conforme esclarecido pelo pesquisador, nenhuma informação pessoal referente à minha intimidade, que por ventura possa causar constrangimento a minha pessoa ou a terceiros, será exposta.

Serei livre para interromper minha participação na pesquisa a qualquer momento e/ou solicitar a posse da gravação de minha entrevista.

VILA VELHA, 20 DE MARÇO 2017

Local e data.

  
Assinatura do participante da pesquisa

  
Assinatura do pesquisador responsável

## **ANEXO VIII**

**“EM FÉRIAS” DE “A’ TORQUATO MALTA”  
(O ESPÍRITO-SANTENSE, 14.06.1883)**



Foi, porém, tremenda a lição que S. S. logo depois recebeu, principalmente d'aquelles que mais o irritavam o seu governo, e apegavam os seus sentimentos a causa do partido liberal!

Não sendo possível por mais tempo a continuação de tantas misérias, o honrado Conselheiro Saralva houve por bem mandar lavar a demissão do Sr. Elyseu; e sendo este, como todos os nobres, dotado de um espirito sagaz e astucioso, certamente deveria ter percebido a inopinada e completa transformação, que logo se operou no modo de proceder dos seus mais potentes defensores.

Nem outra cousa era de esperar de certos maneirinhos políticos, que sem merecimento proprio, tinham indevidamente a necessidade do bafio official para que lhes fosse assegurado o meio da subsistencia.

Bailes, retratos, manifestações de agradecimento, torpes zambais, agachados vis, tudo isso foi em excesso prodigioso ao Sr. Elyseu, enquanto este, em suas mãos distribuir migalhas por esses jantares da situação, que tudo sacrificava por amor do ventre insaciavel.

Se algum filho da patria, impellido pelo sincero e patriótico desejo de ver a prosperar, tinha a nobre coragem de esboçar certas censuras, como v. g. o de se mandar armar das armas do Thezouro a quantia de 10.000.000 para ser entregue a um empregado já demittido a bem do serviço publico, além de dispor d'ella a seu talento, era immediatamente amaldiçoado pela turba faminta, de cujos labios assalariados brotavão sem cessar os mais significativos pronunciamentos de veneração e respeito ao seu idolo.

Nessa época notado o Sr. Dr. Elyseu resumia em si todos os predicados que d'ado ao homem ambicioso: desinteresse, probidão, inteligência, actividade, illustração, tino administrativo, era o que de todos os lados se ouvia, e por cada canto se encarregava de assallar os seus satellites, que assim procedendo visavam unicamente a continuação dos favores, que se lhes dispensava por esse serviço, a que certamente não se prestaria nem um homem de pundonor.

Entretanto, não tardou muito que aos olhos do Sr. Elyseu se apresentasse em toda sua hedionda nudez o caracter e os sentimentos de todos aquelles que disputavam a preferencia nas manifestações de uma bajulação torpe, nos tempos em que fabricavam a possibilidade da subsistência de seus interesses inconfessáveis.

Voando mais tarde para esta provincia, affim de exercer a nobre e honrosa profissão de advogado, era muito natural que o ex-Presidente, para quem foi sempre desconhecida a palavra — não — desde que tractava-se de accommodar convenientemente os seus amigos politicos, alimentasse a esperança de ver o seu nome cercado em todos os tempos do mesmo prestigio, e a sua pessoa das mesmas considerações.

Como estava enganado o Sr. Dr. Elyseu da Souza Martins! Mai sabia elle que justamente aquelles que com mais frequencia lhe beijavam lambeiros as albas do paletot, em pouco tempo se constituirão seus encarniçados inimigos.

Para dar uma idea approximada das muitas decepções porque passou o Sr. Elyseu, não precisa mais do que dizer, que S. S. não pôde fazer parte do tal directorio apaz, dos esforços que para isso empregou; que, propondo-se ao lugar de Presidente da Camara Municipal desta capital, foi ludibriado por alguns dos seus amigos, que faltando ao que lhe haviam prometido, descarregaram a votação no outro candidato, que sobre elle alcançou completo triumpho; e sendo S. S. Promotor da Santa Casa de Misericórdia, ficou ultimamente reduzido a não ter forças para reunir a mesa, affim de deliberar-se sobre negócios de extrema e urgente necessidade para manutenção do mesmo estabelecimento.

E o que é mais para admirar, é que o Sr. Tenente Coronel Alphonso Monjardim prestava aquiescencia a todas essas deslealdades e picardias de que não era merecedor o ex-Presidente, que nunca teve a precisa independencia para repelli-las suas preten-

ções, muitas vezes desarrazadas e estravagantes. Mas tudo isso era inevitavel, desde que o Sr. Dr. Elyseu deixava caprichosamente de cumprir com os deveres inherentes ao elevado e espinhoso cargo que em má hora lhe foi confiado.

PAUSAS.

### A lavoura perece á falta de recursos.

Quando olhamos para o extenso e vastissimo municipio de Santa Cruz, e que nos admiramos de suas sobrias florestas a desfilar as flozes e os machados dos valentes agricultores, doe-nos a alma em vermos que só pobres lavradores, baldos de recursos, sem quem os coadjuve, seque os unicos a mal aproveitarem esses magníficos terrenos, que desfilam as plantações do café, canna, milho, feijão, algodão, mandioca e os mais cereaes que costumamos plantar; e de lastimar que, não tinhamos um pessoal sufficiente, despendo de recursos e de empreheadores que se estabeleçam nos nossos terrenos e façam frente a tão gloriosas florestas.

Foi creado no seu centro um nucleo colonial, (Conde d'Eu), que com tanta furia e esperanças principiou: tudo parecia animação; as medições de prazos erão de mais a mais, possesados com brevidade, estabelecendo-se os colonos, que acoiados trabalhavam para aproveitar a uberdade dos terrenos.

Entretanto, que hoje, vê-se, sim, quasi todos os prazos abandonados e a lavoura em completa decadência; apenas sustentada por pobrissimos lavradores, a mór parte d'elles indios que só vivem de derribarem as matas virgens, unicamente para plantação do manduvas de mandioca e o que quer que chegue para seus sustento, e não para abastecer o mercado. Tão pouco os mais cereaes para manutenção do municipio e exportação.

D'esse e indio até o mais abastado, com poucas excepções, tudo vivo hoje baseado simplesmente a sustentar a necessidade do estomago, do vestuario, desse mesquinho producto de pequenos cafezais, que possuem e que só lhes dá uma pequena produção, annualmente, pela falta de garantias e braços a seus trabalhos lavroureiros.

Actualmente, só duas unicas medidas poderão salvar a lavoura e melhorar este municipio. Uma d'ellas é a colonização de homens trabalhadores, industriais e morigerados a levantar a lavoura do estado de abatimento em que se acha.

Um engenho central, que providamente chamará a attenção de todos os lavradores, e que fará desenvolver o plantio da canna e do café, aumentando o preço do genero pela melhoria de seu trato e beneficio.

E' sem duvida um engenho central que enriquecerá este municipio, porque a lavoura, como se vê, terá nisso grande desenvolvimento.

A lavoura d'este municipio, sabe-se, é composta de 17 fazendas com engenhos, (afora a pequenina) e suas safras regulão duas vezes por anno, conforme o cereal; comtudo isso não fabrica-se assucar e aguardente que chegue para abastecimento do mercado. E os ministros da Agricultura, é della que menos cuidão. E' necessario que o actual Sr. Ministro, encarando estes factos, faça por melhorar a sorte precaria da lavoura, concedendo ao Sr. João Pinto Ferreira Leite, garantia de juros para distribuição de engenhos centrais nesta provincia, e que já foram concedidos por privilegio pelo ex-Sr. Ministro da Agricultura. Um d'elles e' este municipio, que não deixará de trazer grandes resultados.

Villa de Santa Cruz da provincia do Espirito-Santo, 10 de Maio de 1883.

S. BITTENCOURT.

### NOTICIARIO.

**Discurso importante.** — Devem conservar-se ainda bem vivas na memoria de todos os que acompanhão o enterro do illustre medico Dr. Azambuja Meirelles, as senten-

ças eloquentissimas proferidas junto á sepultura do prestado cidadão, pelo seu collega o Dr. Paula de Freitas.

Quer, porém, saber o intelligente discursador o que por ali anda dizendo a chusma dos maldizentes? E' que S. S. deixou de publicar a sua notavel allocação, porque nada havia d'ella que fosse filho do seu bem conformado e desavilado cerebro.

Ora, eis ali está como são as cousas deste mundo de misérias. Um pobre mortal queima as suas pestanas, perde o seu precioso sommo, e deixa muitas vezes de faltar o seu estomago, somente para ler a gloria ephemera de apresentar ao publico o producto de suas locubrações; mas nada disso é levado em linha de conta pela voz da maldicencia, que logo se faz ouvir, não tendo outro fim senão achatar o merecimento alheio.

Felizmente para o illustre orador accusado desta natureza têm o mesmo valor, que bôlidos de sabão, as palavras arrojadas ao ar por criança travessa, desde que em contraponto se apresente o seguinte e irresponsavel argumento: — a publicação do discurso.

Venha, pois, o sympathico esculpido confundir esses detractores, que tanto se occupam com a sua vida; não faça demorar a publicação do seu monumental discurso, mostre que ainda desta vez é S. S. victima de uma gravissima injusticia, e nós seremos os primeiros a dar-lhe um effectivo apoio de mão pelo triumpho que lhe está reservado.

**Futuro Inspector d'Alfama.** — Tendo seguido para o termo do Itapumirim, affim de verificar o curso alencão, e Sr. Capitão Odeiro Moleto, Contador da Thezouraria de Foz de Iguaçu, conta que S. S. mór, ralado de saudades pelo seu compadre o Tenente Coronel Alphonso, tentou passar para a Corte, e que aproveitou o ensejo para encargar-se no lugar do Inspector da Alfama, visto que o actual, não agradando muito aos Srs. da situação, iria para a Thezouraria de Foz de Iguaçu.

E é que dizem a isto o Sr. Miguel Amorim e Torquato Simões? Pôde o Sr. Odeiro apresentar-se para fora da provincia sem licença de seus superiores? Chamamos para esse facto a attenção do Sr. Ministro da Fazenda.

**Fundo de emancipação.** — E' objecto de uma local da Provincia de ante-hontem, o facto de ter sido comendado um Provedor Fiscal ad hoc para funcionar no processo da libertação, que pelo facto de emancipação se promove, do dois escravos pertencentes ao Sr. Coronel Andrade Monjardim; e como seja essa uma questão que a todos interessa, esperamos que nos seja dada as seguintes informações: 1.ª qual a idade de cada um d'esses libertandos; 2.ª se são cazados ou solteiros; 3.ª qual o valor que a elles foi dado; 4.ª finalmente, o caso libertação teve a Junta classificadora em attenção a preferencia tão recommendada pela lei?

Não podemos ainda acreditar no que por ali se diz a tal respeito, e por isso aguardamos a resposta, que, estamos certos, não se fará demorar, para voltarmos ao assumpto.

**Directorio liberal.** — Este tio bem organizado o partido, que representa o directorio do mesmo e por tanto o chefe do, Sr. Maximino Maia! E' unico em exercicio!... Pobre partido liberal...

**Accusações sem fundamento.** — Estão os orgãos liberais a repisarem a questão de liberdade n'um inventario de S. Mathews, do escravos Fabiano e Epigenia, quando tal questão já está por demais ventilada, não só na informação dada pelo integro Dr. Tobias, digno Juiz Municipal e de Orphãos da villa da Barra de S. Mathews, como pelo procurador n'osso amigo, o Sr. Camboim.

E' preciso que saiba-se, que isto não são alforriamentos mediante dinheiro do Estado, de escravos de 70 annos, que por sua natureza já estão fortes, como de que tratamos no numero de hoje! E' bom não continuarmos, por que pôde maldizer cousas que não agradam muito...

**Diligencia.** — Seguiu hontem uma, composta de 40 praças commandadas por um Alfame, com destino ao alto Commando, fim de vir a não capturar e mandante, mandatorio e cumplices da morte do Subdelegado d'alli. Para isto é que devia seguir o Sr. Chefe de Policia, já que um questão como a da morte do preta labão como parte da directiva, affim de se assassinar de uma auctoridade. Mas qual...

### Café torrado e moído.

O n'osso amigo Sr. Henrique Godinho um dos mais adiantados lavradores desta comarca, e que animou-se a montar uma machina tendo por motor vapor, e que sorre-lhe a mover diretos os machinismos pilão de café moído para fufas, serraria, moenda de cana, etc., acaba de remeter-nos uma lata com café moído. E' uma bella iniciativa do n'osso amigo, e para o que não pôde ter, por enquanto, compensação, visto que, sendo o producto de sua lavoura, o este de café do anno passado, tratado e escolhido com esmero, com a torrefacção rapida pelos machos de que dispõe, será de grande vantagem ao consumidor, não só pela qualidade optima do café torrado e moído, como pelo preço muito diminuto porque pôde ser vendido.

A amostra, que é o que pôde haver de melhor no genero, conserva o aroma do melhor café do Brazil, e é o chamado Capitania, conhecido e procurado na Europa.

Damos os parabens ao n'osso amigo por mais essa sua iniciativa, agradecendo a offerta.

**Missa.** — Como estava annunciada de celebrada a missa com requiem mandada celebrar pelos estudantes do Alphonso Provincial, em attenção a alma do Enado Dr. Azambuja, sendo a mesma muito concorrida.

**Recondução.** — Foi reconduzido no lugar do Juiz Municipal do termo da Victoria o Dr. Justiniano Meirelles.

**Preso sem poder estar.** — Pergrinava ao Sr. Dr. Chefe de Policia, porque moitro a n'osso amigo por mais essa sua iniciativa, agradecendo a offerta.

Quaes as providencias n'ossas causas Sr. Dr. Chefe de Policia? O que têm feito outros magistrados Corte e provincias em igueis casos?

Não é só a questão de fábulo que S. S. deve ter tanto cuidado. Estão não se solta por causa da despesa? Estão no tempo em que se prendia por dividas 111

### LITTERATURA.

#### IMITAÇÃO.

LOLA!

Sendo eu pobre viajante Na vida de cobrador, Poderia ser teu amante E destruír-tei amado! — E' amor e' importante! Nada hevia melhor.

Mas s'en fosse fazendeiro... De ouro possuidor, Ila terra fosse um... primeiro, Não querias meu amor?!

Ita sim!... D'm fazendeiro Quanto dizes a cobrador?!

Arabiá. — 1883.

J. E. SERRAVALLO.

### VARIÉDADES.

#### EM FÉRIAS.

##### A TORQUATO MALTA.

Era na sala de exames. Acabava de responder ás ultimas perguntas do examinador, quando meus olhos voltando-se, destacaro no vão de uma janella meu amigo Talma acadêmico veterano, que tinha ido passar as férias no seio da familia.

Esperava elle que eu fizesse o ultimo preparatorio, em que estava inscripto para, conforme ajustado, seguirmos juntos para a fazenda de seu pai; por isso estava agora a minha espera.

Acio levante-me da cadeira, e meus cabellos se achavro em um deslinho completo, e as lagas de suor corria da fronte para o lenço já molhado.

Talma apertou-me a mão: — Parabéns! fazeis logo exames.

— Obrigada! mas... não sei se já aben que no primeiro dia em que entrei em exame n'esta sala, arrotei com a maior prosa a minha a bomba fumegante que me mandou de presente o inimigo. E note-se, justamente no reducto onde me achava melhor fortificado!

— Imagina agora tu, que já ganhei a segunda batalha que fôrte e n'este mesmo campo, e espero ganhar esta terceira; ou que somente tinha confiança na primeira, justamente a que perdi!

— Com affeição! E' o guerrilheiro de occasião...

— Ah! Ah! ah!...

Então vamos para a patria; e doitado a sombra do caajuro por travessão tendo os lucros que conquistastes, dormiras o sono delicioso do hero, sahumado com a gloria.

— Perfeitamente de accordo, respondi extasiado...

Esquante dialogavamos, terminou o exatissimo dos examinadores o pela propria bocca do Secretario do commando em chefe inimigo ouvi-me nome roubar por todos os angulos d'aquella posição quadrangular, como um dos guerrilheiros que sem auxilio nenhum no reducto do cobreiro, souberão conquistar mais um certificado, servindo-se unicamente da fortificação passagreira e dos recursos do acaso.

D'ahi a meia hora, achava-me com Talma em casa de minha familia, que concedeu-me o pedido de embarcar immediatamente com elle para a fazenda de seu pai, o sympathico ancão — Coronel Ribarou.

Accedido o meu pedido, logo após apresento-me, isto é: além do facto que que tinha de atravessar a cidade n'um momento, tomei tambem aquillo com que tinha de passar por entre as alas de frondosas arvores da campina, onde, onle os passarinhos não murmuram, mas trino na nossa passagem.

Salmos e e Talma, fazendo a nossa despedida por um meo ou mais Comprimos do passagim pilvora, chumbo e espelidas para as n'ossas paradas. Finalmente julgamo-nos promptos e partimos.

No caso esperava a canoa que tinha de transportar-nos, tripulada por trez negros robustos em cujas phymonomias de obano transportar-nos como contrastos de lindos e verdaderos marfins. Os pretos estavam alegres por terem de transportar por seus possantes braços ao senhor saço e a mim, amigo d'este, a nós que não cramos ali mais do que companheiros, conservando por sua devida o respeito devido ao meu social, que por si se impõe.

— Ah! — larga — colhe-se a coria que prendia a canoa no coar. — Ute le... e a prã bicar nas vagas. N'este deslizar sempre alegre pelos ditos clusteiros que Talma atravava de improviso, fazendo-se ouvir a rizada branda e gososa dos pretos, chegamos a uma umbocadura do rio Maravilha.

Ahi espectaculo deslumbrante nos aguardava. O rio que corre em zig-zags muito regulares, offerecia-nos a cada angulo que verticavamos repetição opulenta, onde balçoavro flores agrestes de colorido vivo e alegre. Aqui, e alli salitavros passarinhos nos ramos, e quando possavos, ficavro a olhar muito admirados da nossa passagem que lhes era surpresa. Per mais de uma vez os canoas das nossas espingardas lhes forto apontados para baixarem logo; tinhamos pena! o isto tio pouqueno e bonito! O espirito humano, de mesmo tempo que tenta destruír aquillo que por sua fealdade não lhe agrada, desaja sempre conservar o que é bello para alvo do seu admiragão.

O tempo rã sempre que o n'osso contentamento lhe pãsa. Assim foi que d'ahi a pouco chegamos a pella da Macella. Em o lugar onde tinhamos de desembarcar para fazer o resto da viagem a pé. Qualquer de nós preferia marchar a navegar, pelo movimento não só, mas ainda pela variedade do bem-estar e do panoramas sempre crescentes com que se depara; é o que não tinha lugar na embarcação, sempre privados dos movimentos.

Separavro-nos dos pretos, que tinham de conduzir a canoa e partimos a pé. Logo adiante paramos, admirados, a olhar para todos os lados: sorprechevros com os gritos de:

« Bem-tevi!... bem-tevi!... bem-tevi!... »

Estavro mesmos provocantes essas passarinhas. Apontavro... a um tempo detonação e queda de uma d'aquellas aves do papo amarello. Orgulhoos apresentei-meu alvo e Talma. Estava satisfeito meu tolo capricho.

Mas Talma, longe de censurar-me... quão perversa é a alma humana, corria já o caso da espingarda na direcção de um outro mineiro d'aquelles. Quería mostrar que era ainda melhor escotepeiro do que eu e fez alvo na cabeça do indio. Nova detonação e mais um capricho satisfeito chamo a n'ossos pés! A victima, com effeição, para gloria do escotepeiro, trazia a cabeça esmagalhada.

Talma exultou!

O sol começava a despendir-se e já rareava em busca da copada d'orinda a pluma do Arca. Afinal correo de todo o repositório e perdeu-se nas trevas do apozento.

Imos abando então a bellissima colina, emjepto como está collocada, a casinha que habito os pais de Talma. Na rãza da collina corria o rio que navegamos até a Macella, em que nos despedimos dos negros que tão chegar







## TRANSCRIÇÃO COMPLETA DO TEXTO “EM FÉRIAS – A’TORQUATO MALTA”:

Era na sala de exames.

Acabava eu de responder ás ultimas perguntas do examinador, quando meus olhos volvendo-se, destacarão no vão de uma janella meu amigo Talma academico veterano, que tinha ido passar as férias no seio da familia.

Esperava elle que eu fizesse o ulti-preparatorio, em que estava inscripto para, conforme ajustamos, seguirmos juntos para a fazenda de seu pai; por isso estava agora á minha espera.

Ao levantar-me da cadeira, os meus cabellos se achavão em um desalinho completo, e as bagas de suor corrião da frente para o lenço já molhado.

Talma apertou-me a mão:

- Parabéns! Fizeste bom exame.

- Obrigado; mas... não sei se já sabes que no primeiro dia que entrei em exame n'esta sala, arrotei com a maior presença militar a bomba fumegante que mandou de presente o inimigo. E note-se, justamente no reducto onde me achava melhor fortificado!

Imagina agora tu, que já ganhei a segunda batalha que somente tinha confiança na primeira, justamente a que perdi!

- Com effeito! E's guerreiro de ocasião...

- Ah! Ah! ah!...

Então vamos para a pátria; e deitado a sombra de cajueiro por

travesseiro tendo os lucros que conquistastes, dormirás o sonno delicioso do heróe, sonhando com a gloria.

- Perfeitamente de accordo, respondi extasiado....

Enquanto dialogavamos, terminou o exscrutinio secreto dos examinadores e pela propria boca do Secretario do comando em chefe inimigo ouvi meu nome reboar por todos os angulos d'aquella posição quadrangular, como um dos guerreiros que sem auxilio nenhum no reducto do cerebro, souberão conquistar mais um certificado, servindo-se unicamente da fortificação passageira e dos recursos do accaso.

D'ahi a meia hora achava-me com Talma em casa de minha familia, que concedeu-me o pedido de embarcar immediatamente com elle para a fazenda de seu pai, o sympathico ancião – Coronel Ribeiro.

Accedido o meu pedido, logo após apromtei-me, isto é: além do facto com que tinha de atravessar a cidade murmurante, tomei tambem aquelle com que tinha de passar por entre as alas de frondosas arvores da campina, onde, os passarinhos não murmurão, mas trinão na nossa passagem.

Sahimos eu e Talma, fazendo a nossa despedida por um mez ou mais. Compramos de passagem polvora, chumbo e espolêtas para as nossas

caçadas. Finalmente julgamo-nos promptos e partimos.

No caes esperava a canôa que tinha de transportar-nos, tripolada por trez negros robustos em cujas physionomias de ébano transparecia como contraste fios de lindos e verdadeiros marfins. Os pretos estavam alegres por terem de transportar por seus possantes braços ao senhor moço e a mim, amigo d'este, a nós que não eramos ali mais de que companheiros, conservando por sem duvida o respeito devido ao meio social, que por si se impõe.

A' voz – larga – colheu-se a corda que prendia a canôa no cães – Avante!... e a prôa bipartia as vagas. N'este deslizar sempre alegre pelos ditos chistosos que Talma atirava de improviso, fazendo-se ouvir a rizada branda e gostosa dos pretos, chegamos até a embocadura do rio Marinho.

Ahi um espetáculo deslumbrante nos aguardava. O rio que corre em zig-zags muito regulares, oferecia-nos a cada ângulo que verticinavamos vegetação opulenta, onde baloiçavão flores agrestes de colorido vivo e alegre. Aqui, e ali saltitavão os passarinhos nos ramos, e quando pousados, ficavão a olhar muito admirados da nossa passagem que lhes era surpresa. Por mais de uma vez os canos das nossas espingardas forão apontadas para baixarem logo; tínhamos pena l'erão tão pequenos e bonitos! O espirito humano, ao mesmo tempo que tenta destruir aquillo que por sua fealdade

não lhe agrada, deseja sempre conservar que é bello para alvo de sua admiração.

O tempo vôa sempre que o nosso contentamento lhe põe azas. Assim foi que d'ahi a pouco chegamos a pedra da Macella. Em o lugar onde tínhamos de desembarcar e fazer o resto da viagem a pé. Qualquer de nós preferia marchar a navegar, pelo movimento não só, mas ainda pela variedade do bem-estar e de panoramas sempre crescentes com que se depara; é o que não tinha lugar na embarcação, sempre privados de movimentos.

Separamo-nos dos pretos que tinham de conduzir a canôa e partimos a pé. Logo adiante paramos, admirados, a olhar para todos os lados sorprendidos com os gritos de:

<< Bem-te-vil!... bem-te-vil!..., bem-te-vil!... >>

Estavão mesmos provocantes esses passarinhos. Apontei... a um tempo detonação e queda de uma d'aquellas aves de papo amarelo. Orgulhoso apresentei meu alvo a Talma. Estava satisfeito meu tolo capricho.

Mas Talma longe de sensurar-me!... quão perversa é a alma humana, corria já o cano da espingarda na direcção de um outro misero d'aquelles. Queria mostrar que era ainda melhor escopeteiro do que eu e fez alvo na cabeça do infeliz. Nova detonação e mais um capricho satisfeito cahio a nossos pés. A victima, com efeito, para gloria do escopeteiro, trazia a cabeça esmigalhada.

Talma exultou!

\*\*\*

O sol começava a despedir-se e já rareava em busca da copa dos arvoredos a plumosa Côrte ao Rei. Afinal correu de todo o reposteiro e perdeu-se nas trevas do aposento.

Iamos subindo então a belíssima collina, em cujo cimo está colocada a alva casinha que habitão os pais de Talma. Na raiz da collina corria o rio que navegamos até a Macella, em que nos despedimos dos negros que ião chegar primeiro do que nós. No porto, com effeito estava amarrada já a canôa vazia.

Ao transpormos o portal da casa, fizemos os nossos cumprimentos, que forão espirituosamente correspondidos com as seguintes palavras do Coronel Ribeiro:

- Ora bravos; Ninguem dirá que são dois estudantes!

Com effeito, ninguem diria que eramos estudantes. Pés descalços, calças arregaçadas até o joelho, as pernas salpicadas de lama, chapéo de roça de amplas abas, cujo fim era proteger-nos dos raios do sol. Finalmente, nossas espingardas ao hombro fornecião um aspecto de grandes caçadores. Eis a toilette que em tom galhofeiro foi analysada pelo Coronel Ribeiro, fazendo rir com gosto a familia e a nós tambem, adiantando-se Talma em responder:

- Então... tambem sabemos no salão luxuozo, encadernados justa *croisé*, de botinas de veraiz e luvas de pellica,

delinear com a mais invejada elegância a nossa curvatura diante de uma *demoiselle* da Côrte, convidando-a para um *petit promenade*, - como sabemos aqui na roça levar vantagem ao mais matuto, e a prova é que viajamos tão bem que aqui estamos a estas horas.

Este transbordamento de elegância do meu collega não deixou de mercer menos risadas do que a chistosa proposição do Coronel.

Sentamo-nos para descansar, o physico, porque o intellectual já começava a fazer-se sentir pela animação da palestra e risadas periodicas.

Gostosa surpresa!.... Destacou-se no limiar da porta que dava para o interior, o busto de uma rapariga, trazendo nas mãos uma bandeja. D'entro d'esta as chcaras derramavão pelo ambiente o vapôr aromático do bom café capixaba.

Tomei-o com soffreguidão e prazer.

D'ahi a alguns instantes sahimos para o campo. Deparavamos em tudo uma sucessão de prazeres. Agora era o banho que nos fazia sahir em busca do sopé da collina. Fora novo espetaculo, bello em sua plenitude de luz nos aguardava: era a lua que rompendo as brumas do horisonte inundava de claridade a vasta planície de Cassaroquinha, o... bela contradicção! A luz bordava de escuro os perfis das cadeias de montanhas que nos circumdava.

lamos descendo vagarosamente, contemplando e comentando.

Ao lado direito, no cume do morro, leava o curral, onde os bois, - uns deitados, - outros de pé, mugião, escarvando o chão.

Chegamos até o rio cantarolando alguns pedaços de operêtas francezas. O rio corria com rapidez, porque seu impulso existia a alguns passos do lugar que ocupávamos, e além disso apertado por duas barrancas enormes, desapertava-se justamente ali, formando uma grande bacia, offerecendo por isso um bello banho. Comtudo, o lugar era bastante fundo e no meio a corrente precipitava-se com fôrça.

Buscamos de preferencia este lugar, embora houvesse também do lado opposto um banheiro bastante apreciável, formado pelas aguas de outro rio mais largo, - o Jucú, de que o rio Marinho, mas não era mais que confluente artificial das mãos de antepassados que ali existirão.

N'um instante a agua fez bulha e quatro corpos mergulharão. Eramos eu, Talma e seus dois irmãos. D'ahi a momentos só se ouvia uma algazarra infernal. As canôas atracadas estavam inteiramente molhadas, uma até virada pelos irmãos de Talma. Um d'estes por mais audaz em natação foi atirar-se do lugar mais fundo, onde a corrente era mais impetuosa.

- Não é bom facilitar, disse eu, o mais obscuro nadador do grupo.

- Mesmo porque póde-se ir ao fundo e lá ficar-se agarrado a algum galho de arvore, arriscando-se a ficar defunto disse Talma.

Esta palavra timbrada de improviso na vasta solidão nocturna e silenciosa, quebrada apenas pela nossa própria algazarra, o zumbir dos insectos nas sombrias moitas e pelo grito agudo das aves da matta virgem, despertou-nos o pavor e imediata e instinctivamente fez-se longo silencio!... Ainda nos debatemos d'entro d'agua alguns momento, até que saltamos em terra para retirarmos-nos.

Em casa esperava-nos a céa. Depressa fomos a ella.

A fadiga da viagem não se demorou em nos remetter à Morphêo.

Accordamos no dia seguinte, cedo, sob a alegria campestre que encanta o viajante, quando desperta duvidoso do lugar em que passou a noite, ouvindo o cantar do gallo em *duetto* com o mugir do gado do curral. Saltamos fóra da cama e fomos direto em busca do curral, onde um preto estava tirando leite de umas vacas *mestiças*.

Apossamos-nos de dois copos que o preto nos offerecia; transbordava de espuma alva, escapando-, e ainda uma certa quantidade de vapôr. Levamos aos labios os copos, deixando escorrer pela garganta o liquido, morno ainda do ubre do animal.

- Não ha nada como a roça, bradei, apresentando o copo que me foi enchido pela segunda vez.



O gado escarvava, começando a desfilar á sahida do curral aos saltos e a dispersar-se pelo campo fóra. Ficou o curral inteiramente vazio, com aquelle cheiro bom e hygienico.

- As rôlas, Talma, as rôlas!

- Onde?... onde?!...

- Alli.... alli... apontava eu.

Fomos buscar as espingardas immediatamente, munindo-nos de chumbeiro, polvarinho e espoleteira, e sahimos pela campina fóra – salpicada de orvalho.

As rôlas, no entato, a cada distancia que ganhávamos, descontavão outra igual, pousando sempre a salvo dos nossos tiros. E repetição a astucia á medida da nossa perseguição.

- Alto lá... Talma! Que trocadilho são estes com meu nome? E' espirito ou coincidencia?

- Ah! ah! ah! *c'est pur espril*.

- Bom, Talma, em falta de rôlas, vamos aos cigarros.

- Eil-os aqui.... barbacenas legítimos comprados n'uma charutaria da Rua do Ouvidor. Ora, diabo.... lá me esqueci eu dos phosphoros, Demo.

- Homem essa!....

- Que tal?... diz-se que onde ha fumo ha fogo; falha aqui o principio!....

- Não ha tal palerma. Dá cá teu *pincenez* que é mais forte que o meu.

- Bravo! bôa lembrança!.... e viva Archimedes.

- Idem!

Encostamos as espingardas a um tronco e pozemos-nos a conversar todos n'uma arvore cahida.

- O', Demo, sabes uma cousa.... está a cacetar-me o cerebro um plano... Vistes as roceirinhas que habitão do outro lado do rio, na fralda do morro?....

- Que cousa sem graça, Talma, procurar um lugar d'estes para morar.... que cheiro não terão de supportar....

- Ah! ah! ah!.... mas espera, são bonitinhas; precisamos fazer-lhes a corte. Eu escôlho a mais velha, e tu?

- Se são só duas... necessariamente a mais môça, Depois.... é linda!

- O mesmo digo eu da mais velha, despeitado!

- Protesto!... tu é que não tiveste gosto, escolhendo a mais velha...

- Seja... mas, sabes?... quando passarmos por lá... pincenez ao nariz e zas... conquista feita. Vamos-nos embora.

\*

- Então... vê agora bem; qual a mais bonita?

- A minha.

- A minha!

- Bravos! muito bem! não teremos receio por consequente que a inveja venha perturbar-nos... Eu acho minha escolha bella, tu achas a tua; eu não acho a tua, tu não achas a minha.... silencio....

- Bom dia! minhas senhoras....

Confundimos nossos cumprimentos n'um só, descrevendo nossos bustos

as curvas mais graciosas que lhes foi possível descrever, na roça.

- Bons dias! responderão.

- Oh! mais delicadas do que nós Talma; desejarão a nós bons dias, ao passo que só lhes desejamos bem, o de hoje.

- Pois, amanhã, lhe daremos outro, depois, outro e depois outro, e... se tanto houver lá chegaremos...

- Ah! ah! ah!... mas se respondemos como hoje, fazem a conta de multiplicação, enquanto nos fazemos a de ambição.

- Ah! ah! ah!...

Chegamos em casa alagados de suor e rosados, como se estivéssemos atrás de uma baêta vermelha exposta ao sol!

Já havião almoçado; podera não, erão dez horas, os velhos corrião ao trabalho, enquanto nós gosavamos as férias!...

Almoçamos como esses sujeitos que possuem as propriedades da elasticidade em grande escala.

Todos em casa trabalhavão lá para o interior de casa.

- Agora, Demo, vamos lêr romance. Tenho no bahú uma enormidade que trouxe da Côrte.

- Olá... que vidão vamos passar então! Com efeito tivesse bôa lembrança. Depois do estudo da sciencia, o deleite do idealismo – no romance. Com o sol tão abrasador nada temos que fazer lá fóra.

- Então vamos dividir logo o nosso tempo: pela manhã, depois do competente e indispensavel copo de leite, caça-se... passando de volta pela casa das *morênas*; ao meio dia almoça-se e logo depois leitura de romance e... dorme-se um poucachinho; janta-se e a tarde caça-se outra vez. Mas é o diabo... podemos ir também á pescaria... temos o banho... divide tu o tempo...

- Pronto!... argumenta-se apenas no regulamento: *o que vier ou aparecer sob a fóрма de uma bela distracção, com mais attractivos do que as distracções já exaradas no regulamento será preferido como um extraordinario*; e temos assim completas as nossas – *leis divertimenticias* ou *regulamento da cadia*... digo das variedades.

- Bravos! Bonito expediente... davas um bom legislador... porque não vás estudar direito?

- Brinca com este cerebro, opulento sempre das melhores idéias. Mas vamos ao romance: qual ha de ser?

- Abramos o bahú. Vejamos: *cinco semanas em balão*.

- Não serve; quero passar contigo um mez; mas ou dentro de casa ou no campo, e nunca em balão.

- Ah! ah!... *Da terra á lua. – A cidade fluctuante. – Viagem ao redor do mundo em 80 dias....*

- Não, vê outro.

- *Lgrimas do coração. – Mocidade de Trajano*, não te serve este autor? *O rei dos bohemios*, - *O armeiro de Milão*.

- Ih!.... não sirvo para assistir duelos, sou muito nervoso, Pousou! Não tens nada de Victor Hugo?

- Tenho. *O homem que ri.*

- Serve este.

Enrolamos os cigarros e já osovelos azues formavão nuvens no ambiente do nosso quarto e saboreávamos deitados as delicias dos *barbacenas*.

As espingardas lá estavam encostadas n'um angulo do quarto.

Trocamos algum espirito sem sal.

- Lê tu, Talma, depois lerei eu.

Talma começou então a leitura do magnífico volume em que Hugo começa a descrever o homem-urso e o urso-homem, com aquelle naturalismo e relevos philosophicos que molhão sempre o bico da penna do primeiro litterato do nosso seculo.

Coube-me lêr o 2.º capitulo. Quando terminei-o, estava já cançado; pousei o livro sobre a mesa. Comecei então a conversar com Talma, commentando o assumpto de que o capitulo se revestia. Porem a conversa foi diminuindo cada vez mais até que os próprios monossyllados já não erão pronunciados pela metade.

\*

- Nhonhô?... nhonhô!... O jantar está na mesa.

Despertamos com as pancadas que os nós dos dedos da rapariga applicavão á porta do quarto.

- Com efeito, senhores estudantes, gritou de fora, sempre expansivo o Coronel, enquanto os velhos trabalham expostos aos raios de sol, os senhores dormem a bem dormir.

- Não, senhor, estavam lendo, respondemos um pouco desconchavados.... e... fomos lavar o rosto para antarmos.

Depois do jantar apoderamos-nos das espingardas, fazendo-nos logo de marcha para o outro lado do rio – Havia ali um areal extenso, sulcado aqui e acolá de cardos, onde o encantado tyê confundia-se com a vermelha fructa, cujos carocinhos pretos ele fazia estalar no bico, ao debica-la.

Talma quis atirar, mas arrependeu-se; sómente um espirito perverso teria vontade de destruir ser tão formoso.

Entramos por um capão de matto logo adiante, onde disserão-nos que havia muitas juritys. N'um dos ramos das arvores que se inclinavão por sobre o caminho uma d'essas aves se denunciou, batendo as azas ao sahir do ninho.

- Olá!.... fugio, mas deixou-nos garantidos. Está chocando e mais tarde se viermos sem fazer ruído, é só apontar ao ninho e.... sem apelação nem agravo l....

- Não, Talma, não farás isto; poupemos esta...

- Qual, Demo, é uma acção muito natural; todos nós procuramos destruir uns aos outros, e é isto o nosso próprio equilibrio!

- Eu entendo tambem assim, mas não podes dissipar esse teu capricho?

- Então paciencia, mate-se a pomba, na certeza de que ella não se póde queixar de mim!....

E alegres, conversando íamos nos dirigindo para a casa, sob a suavidade do crepusculo vespertino.

No horisonte estendião-se como enormes tiras de casca de laranja, nuvens denunciando que o dia seguinte seria abrasador. A beira do caminho, saltou de uma moita um coelho assustado com as nossas pisadas.

- Atira, Demo, disse Talma para mim; que vinha na frente.

- Estou procurando o alvo, meu amigo!

O coelho tinha fugido aos saltos para um capinzal alto que havia do lado esquerdo do caminho.

\*\*\*

A' noite não perdemos o banho, mas pelas perguntas e respostas que trocamos eu e Talma, ao descermos o morro, desprehender-se-ia, facilmente, que uma causa superior a que nos levava para o banho, nos chamava alli á margem do rio....

Com effeito ao passarmos a tardinha pela casa das camponesas eu e Talma nos separamos; é que dois pontos equidistantes e oppostos exercião relativamente sobre nós o phenomeno da attracção: o iman de Talma era a Lulú, sua namorada, que colhia a roupa lavada estendida a alguns passos de casa. O

meu era Rosina, que enchia o barril d'agua á beira do rio.

Quando em encontrei adiante com Talma:

- Então?...

- Ora, ficou mais vermelha do que o cardo, quando lhe apertei a mão, e durante a minha allocução até lhe prometti casamento. Só me deu a honra de ouvir duas palavras suas: uma, quando cheguei, cumprimentando-me; outra, quando despedi-me, despedindo-se. Contudo, quando a convidei para uma entrevista, logo, á margem do rio, conseguiu bater-me com a cabeça que sim. E tú, já sei que conseguiste mais que eu?

- Ora, ficou mais vermelha do que o cardo, quando lhe apertei a mão, e durante a minha allocução etc... etc... etc...

- O que? A mesma cousa?!

- Sem pôr, nem tirar...

- Bateu com a cabeça tambem para a entrevista?

- Tambem!

Eis porque íamos conversando baixinho, como quem forja planos...

Depois do banho eu e Talma corremos cada qual mais pressurosos aos pontos ajustados para a entrevista amorosa.

Decorrerão muitos segundos além da hora aprazada. Quando nos tornamos a reunir:

- Então, Demo?

- Logrado! E tu?

- Logrado.



- Então! Essas duas mocinhas da roça não nos pozerão terra nos olhos!

- E nós, estudantes, cahimos!...

- E' que, meu amigo, estamos acostumados com as môcas da Côrte.... e não nos lembramos que aqui, além da veracidade rustica existe a pureza de envolta com a ignorância, que constitue a innocencia.

\*\*\*

Quando acordamos no outro dia, tivemos o prazer de contar mais um companheiro, um rapaz que brincou com Talma quando criança. Depressa me relacionei com elle. Chama-se Lugéro.

Alguns dias já tínhamos passado, sempre observando o nosso regulamento.

N'uma tarde desencadeou-se tremendo temporal. Achavamos n'essa ocasião na varanda, eu, Talma, e Lugéro e na sala contigua estava o Coronel Ribeiro.

Derrepente serpenteou no espaço negro uma faísca elétrica. Vimos um dos efeitos aliás perigoso de uma causa o esperamos ouvir o outro inoffensivo o immerso ribombo do trovão, que fez com que Lugéro corresse, branco como a cêra até onde estava o Coronel. Isto nos provocou immensa gargalhada que scandalizou devéras ao pobre Lugéro. Mas tomamos o bom rapaz à nossa conta: justamente quando o trovão fazia-se ouvir de novo é que chamávamos a sua atenção, mostrando com o indicador alguns aspectos microscópicos que *pareciamos* vêr voar na linha do horisonte!

Ora, lhe fazíamos compreender o seu temor infundado, explicando-lhe esses principios simples de physica; ora, lhe ridicularisavamos pela recusa em aceitar a nossa explicação.

Finalmente acalmou a tormenta e então Lugéro tornou a reassumir a sua presença de espirito.

A chuva foi torrencial. Os campos estavam debaixo d'agua. Um brejal que margeava o rio conjuntamente com a fralda do morro estava innundado até uma certa altura d'este. Foi com extrema satisfação que ouvimos todos em casa dizer-nos:

- Agora têm os senhores um bom divertimento, que é a caçada das marrécas; ellas apparecem conjuntamente com os irerês, os quero-quero, as garças e muitas outras aves aquáticas.

Que prazer enorme sentimos com esta noticia. Logo no outro dia pela manhã reforçamos as nossas munições e partimos soffregamente para a caça das *marrécas* e *irerês*. Não houve possibilidade de matarmos uma só! Assustadas, apenas nos pressentião a uma certa distancia, levantavão o vô. Cabe aqui fazer uma apreciação sobre o *quero-quero*. E uma ave tão sagaz e intelligente que sempre que pousão, conservão uma distancia entre si e o atirador, que a melhor espingarda nunca poderá alcançal-os, e se accaso o atirador avança uma linha só... eles levantando o vô immediatamente, conservão-se em

bando sempre á mesma distancia, ao pousar.

Nessa manhã nada conseguimos e apenas uma *piassóca* foi a victima do nosso despeito. Ao apanhal-a voltei-me para Talma:

- Sabes qual a antithese das pernas d'esta ave?

- Não.

- Pois são as de *Rosina*!...

- Ah! ah! ah!

Depois do almoço planejamos um meio de caçarmos perfeitamente marrécas. Fomos à matta proxima e além da margem opposta do rio, e com os irmãos de Talma e Lugéro voltamos carregados de palmas de pindoba para construirmos na beira do brejo casinhas de palha que denominamos *tucaias* e d'ellas, sem ser vistos, fazíamos fogo á vontade, voltndo quase sempre com trez, quatro victimas penduradas no cano da espingarda.

Oh! Temporada mais bela das que tenho passado até hoje! As férias que passei em Cassaroquinha. E foi o período mais apreciável do nosso estádio ali essa caçada de marrécas, de que ainda hoje nos lembramos com saudade!

De dentro das *tucaias*, ora, fumando, ora, conversando, esperávamos as pobresinhas ao alcance das nossas armas, e quando batia o gatilho, erão duas e trez que cahão extrebuxando nos paroxismos da morte.

Repetimos muitas vezes estas caçadas, n'uma das quaes encontramos-

nos com o Coronel que voltava do trabalho do campo. Caminhavamos juntos para a casa, quando ao passar pelo sitio onde forão mallegradas as nossas entrevistas, aproximei-me do ouvido de Talma e baixinho disse-lhe:

- *Eis aqui o lugar onde eclypsou-se!*...

Talma levou imediatamente o indez aos labios, ordenando-me silencio, e silencio fez-se... Porém, só nós temos o *direito de doar valôr* a este verso de Magalhães, que tão bem caracterizou na occasião o logre que as espertas roceirinhas nos pregarão, e que ainda hoje recitando o verso, quando nos encontramos eu e Talma, e revivemos aquella quadra feliz que passámos junctos.

Uma manhã, depois de termos feito uma caçada esplendida, depois de termos passado horas verdadeiramente românticas, depois de estarmos emfim ébrios de prazer pela variedade de perspectivas, que se desenhavão diante dos olhos, deleitava-nos, á somra de frondosa arvore, na leitura da *scenas contemporâneas* de Castello Branco; liamos então a sua *Pathologia do matrimonio*, que concorrendo ainda para o sucesso final d'este dia cheio, como vulgarmente se diz, fez-nos rir como loucos.

Mas ai! prazeres efêmeros que desapareceis juntamente no dia em que vos apresentaes mais *divino*! E' que eu

nem me lembrava e foi com verdadeira  
magoa que disse a Talma:

- Sabes uma cousa?... E' amanhã  
o dia de minha partida. Findão-se hoje as  
minhas férias...

- Oh! que diabo!....

- Lá isso é exacto. Vaes te agarrar  
de novo com os livros. Maldicta posição  
social!

- Ah! ah! ah!...

No dia seguinte despedia-me com  
pesar d'aquela bella familia, e abraçava  
Talma, com força.

Descendo o rio, triste, eu via  
desaparecer das minhas vistas aquelles  
sítios que me prodigalisarão tão festivos  
momentos de verdadeira saptisfação.

\*

Estamos ambos na Côrte, eu e Talma, e  
n'um d'esses dias, tendo-o encontrado no  
theatro, onde quasi sempre estamos  
juntos, elle perguntou-me:

- Então, Demo, já descrevestes,  
como pretendias, as férias que passamos  
em *Cassaroquinha*?

- Já. Eil-a aqui.

P.V. 2 de Maio de 1883,

Garde Mondh